

SANDRA APARECIDA CAMPOS CINTRA MAGALHÃES

**PERCURSOS AFETIVOS NO TRABALHO PROSTITUCIONAL: UM ESTUDO
SOBRE AFETIVIDADE E PROSTITUIÇÃO FEMININA DE RUA EM CAMPO
GRANDE-MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/MS 2014**

SANDRA APARECIDA CAMPOS CINTRA MAGALHÃES

**PERCURSOS AFETIVOS NO TRABALHO PROSTITUCIONAL: UM ESTUDO
SOBRE AFETIVIDADE E PROSTITUIÇÃO FEMININA DE RUA EM CAMPO
GRANDE-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Professora Doutora Luciane Pinho de Almeida.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/MS 2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

M188p Magalhães, Sandra Aparecida Campos Cintra
 Percurso afetivos no trabalho prostitucional: um estudo sobre
 afetividade e prostituição feminina de rua em Campo Grande-MS /
 Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães; orientação Luciane Pinho
 de Almeida.-- 2016.
 145 f. + anexos

 Dissertação (mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom
 Bosco, Campo Grande, 2016.

 1. Prostituição - Trabalho 2. Psicologia 3. Afeto I. Almeida, Luciene
 Pinho de II. Título

CDD – 306.74

A dissertação apresentada por **SANDRA APARECIDA CAMPOS CINTRA MAGALHÃES**, intitulada “**PERCURSOS AFETIVOS NO TRABALHO PROSTITUCIONAL: UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE E PROSTITUIÇÃO FEMININA DE RUA EM CAMPO GRANDE-MS**”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....

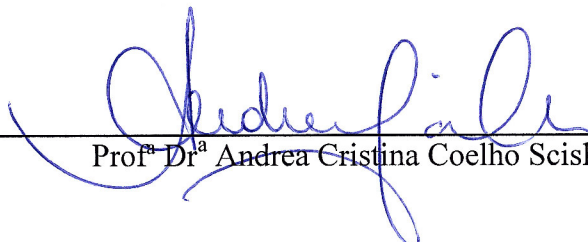
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Luciane Pinho de Almeida - UCDB (orientadora)



Profª Drª Lavinia Lopes Salomão Magiolino – UNICAMP



Profª Drª Andrea Cristina Coelho Scisleski - UCDB



Prof. Dr. Márcio Luís Costa - UCDB

Campo Grande-MS, 27 de setembro de 2016.

Aos meus pais, pelo exemplo de seres humanos, a quem dedico esse projeto, pois foram vocês que me ajudaram chegar até aqui.

A todas as participantes da pesquisa que aceitaram dividir parte de sua história de vida, num ato de confiança. Mulheres, prostitutas, irmãs que tornaram possível esse resultado.

Cora Coralina escreveu o poema “Mulher da vida, minha irmã”, do qual transcrevo alguns versos:

De todos os tempos
De todos os povos
De todas as latitudes
Ela vem do fundo imemorial das idades
E carrega a carga pesada
Dos mais torpes sinônimos
Apelidos e apodos:
Mulher da zona
Mulher da rua
Mulher perdida
Mulher à-toa.
Pisadas, espezinhadas, ameaçadas,
Desprotegidas e exploradas
Ignoradas da lei, da justiça e do direito
Necessárias fisiologicamente
Indestrutíveis
Sobreviventes
Possuídas e infamadas sempre
Por aqueles que um dia
As lançaram na vida.
Mulher da vida
Minha irmã.
Marcadas, contaminadas
Escorchadas, discriminadas
Flor sombria, sementeira espinhal
Gerada nos viveiros da miséria
Da pobreza e do abandono
Enraizada em todos os quadrantes da terra
Na fragilidade de sua carne maculada
Esbarra às exigências impiedosas do macho.
Sem cobertura das leis
E sem proteção legal
Ela atravessa a vida ultrajada
E imprescindível, pisoteada, explorada
Nem a sociedade dispensa
Nem lhe reclama os direitos
Nem lhe dá proteção.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Àquele a quem devo toda honra e toda glória, sendo que, minha expressão de gratidão deve-se ao dom da vida. Por que eu creio: “**Posso todas as coisas naquele que me fortalece**”, Filipenses 4:13.

Aos meus pais, Darci Pio Cintra e Dalva Siqueira Campos, pessoas simples, com grandiosa sabedoria, me deram a oportunidade de ser quem sou hoje. Amo, amar vocês!!! Orgulho de ser filha de vocês!!!

Ao meu marido, amigo, companheiro e, sacerdote de nossa família, Osny Magalhães Pereira, que tão pacientemente soube relevar e administrar minhas ausências e meus rompantes de estresse, quando eu sempre dizia: Não está sendo fácil. Meu amor, você blindou, protegeu nossa família com seu jeito todo especial, “Te amo!!!”

Aos meus filhos, Letícia Cintra Magalhães, Rebeca Cintra Magalhães e Luís Renato Cintra Magalhães, que souberam conviver com a minha pior parte, minhas ausências, meu nervosismo, meu estresse, minhas “ranzizes” (de ranzinza), meus gritos, minha impaciência, meu silêncio.

Aos meus irmãos, Edson Campo Pio Cintra, Hélcio Campo Pio Cintra e Regiane Campos Cintra Pricinoti, visto que, acreditamos sempre na união de nossa irmandade e no “berço esplêndido” que fomos criados (alicerces de humildade, trabalho, fé e amor), mesmo cada um vivendo sua vida, recebi todo esse tempo a força da torcida de vocês.

À Professora Dra. Luciane Pinho de Almeida, pela orientação oferecida para a realização da pesquisa e por ter dividido comigo seu conhecimento, tempo, paciência e amizade.

À amiga Marisa Corrêa, que mesmo eu estando distante e ausente, soube me abençoar e me motivar a continuar e perseverar na caminhada, sempre com o incentivo perfeito: Deus é contigo e, Ele te fortalecerá!

Aos amigos Mirtha, Rafael e Mariana Hoogesteijn, que permaneceram juntos conosco em um dos momentos mais difíceis de minha saúde, sempre presentes, cuidando, ajudando, servindo e nos oferecendo momentos de alegria em família, meus irmãos de coração.

Às amizades estabelecidas durante esta caminhada:

– *À Michele Terumi Yassuda e Andréia Rocha*, pelas indicações, encaminhamentos e agendamentos realizados desde o início da realização dos estudos no mestrado e,

essencialmente os empréstimos de livro Michele e suas sempre providenciais palavras de apoio e incentivo.

– À **Flaviany Aparecida Piccoli Fontoura**, pelo apoio, companhia no Congresso da Colômbia e, pelas constantes reflexões.

– À **Francisca Bezerra de Souza, Andressa Meneghel Arruda e Lilian Aguilar Teixeira**, que compartilharam a prévia experiência percorrida no mestrado, contudo sempre me incentivaram e apoiaram.

– Aos **professores, Anita Guazzeli Bernardes, Andrea Cristina Coelho Scisleski e Márcio Luís Costa**, especial agradecimento, pois mostraram-se interessados pela minha pesquisa e contribuíram significativamente para o alcance desse resultado e com certeza, vocês caminharam comigo e, continuarão caminhando.

– Aos **demais professores do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco**, pelos conhecimentos transmitidos durante o curso.

– **Agradecimento especial à Fundação de Assistência à Pessoa Humana, FUNASPH**, na pessoa de Sr^a **Viviane Vazes** que me apoiou na realização e concretude dessa pesquisa.

– Aos **familiares e amigos** que me acompanharam e incentivaram durante a realização desta pesquisa.

– **Agradeço imensamente a todas as participantes da pesquisa por participarem dos grupos focais**, possibilitando, assim, a construção do trabalho, pois sem elas não seria possível. A elas dedico este trabalho com a certeza de que valeu a pena nossos encontros, agradeço sobremaneira pelo fato de me ensinarem o valor de um ser humano que sente e vive da prostituição, vocês são exemplos de mulheres guerreiras e, mulheres especiais.

Muito Obrigada!

Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães

RESUMO

O fenômeno da prostituição está presente em todas as fases históricas da humanidade e, perdura até nossos tempos. Trilhou caminhos do sagrado, necessário, profano, econômico, sanitarismo higienista e, revelou-se inicialmente como uma construção social, posteriormente, foi configurado como trabalho. Nessa elasticidade, hoje, tanto quanto antes, apresenta-se como meio de vida, categorizado como trabalho e exploração humana. Deste modo, a presente pesquisa delimitou como problema: “Como se configura a afetividade na vida e trabalho frente ao fenômeno da prostituição na sociedade contemporânea?”. Os objetivos específicos forma definidos de maneira a levantar as motivações e influências que desencadearam o interesse pela prostituição; identificar as inquietudes e os efeitos gerados pela comercialização do sexo; estudar os aspectos geradores de sofrimento e de afetos (sentimentos e emoções) para esse grupo de mulheres prostitutas e identificar quais são os projetos de vida para o futuro pessoal e familiar. Para tanto, participaram da pesquisa, 08 (oito) mulheres prostitutas, assistidas pela FUNASPH, e como método foi utilizado a pesquisa qualitativa, com base na teoria do materialismo histórico dialético. A coleta de dados ocorreu por meio da realização de (03) três encontros de Grupo Focal – GF, ferramenta que permite analisar as percepções, sentimentos e interpretações dos participantes da pesquisa; tal registro foi efetuado por meio de gravação. Após transcrição dos dados, foram elencados e selecionados em temas e subtemas. Na sequência, realizou-se a análise dos discursos, respeitadas todas as falas, pronúncias, gírias, emoções, etc. Contudo, observou-se que a prática da atividade profissional de prostituição, perante o estudo desse grupo de mulheres de baixa renda, circunscreve-se como uma profissão delimitadora na convivência social, geradora de exclusão, humilhação, discriminação, preconceito, entre outros. Apresenta-se como uma forma rápida de obtenção de dinheiro, sem exigências empregatícias, meio de subsistência e autosustento. Incorre nessa atividade, uma grande exposição a perigos como violência e agressões físicas, convivência com a marginalidade e envolvimento com o crime, uso de entorpecentes e bebidas alcoólicas, ocasionando a dependência química, DST's. Evidenciou-se o surgimento de doenças psicossomáticas, como depressão, TAG, baixa autoestima, ideação suicida, entre outras, caracterizadas como sofrimento psíquico. Sobretudo registrou-se um expressivo sofrimento no âmbito afetivo decorrente da atividade prostitucional. Não é vista e pensada como uma profissão para o resto da vida, pois, têm como perspectiva de futuro, uma inserção no mercado de trabalho formal, em outra atividade que não seja a prostituição, pois ela promove na sua realidade afetiva, afetações difíceis de serem elaboradas e superadas. A importância dessa pesquisa, deve-se ao fato da invisibilidade imposta sobre as prostitutas de baixa renda, assim, pode-se registrar a necessidade de haver um canal de escuta, promoção de saúde mental para tais profissionais e políticas públicas voltadas à inserção no mercado de trabalho para aquelas que querem deixar a prática profissional do sexo, tanto na esfera financeira, como também no âmbito afetivo/emocional.

Palavras-chave: Prostituição. Trabalho. Afeto.

ABSTRACT

The prostitution phenomenon is present in all historical phases of humanity, and endures to our times. Through sacred paths, necessary, profane, economic, hygienist sanitarianism and proved initially as a social construct was later set to work. In this stretch, today as before, is presented as a livelihood, categorized as labor and human exploitation. Thus, this research delimited as a problem: "How do I set affectivity in life and work against the phenomenon of prostitution in contemporary society?". The specific objectives defined so as to raise the motivations and influences that led to the interest in prostitution; identify concerns and the effects generated by the commercialization of sex; study the operative aspects of suffering and emotions (feelings and emotions) for this group of women prostitutes and identify which are the life projects for the personal future and familiar. Both participated in the survey, 08 (eight) female prostitutes, assisted by FUNASPH, and as a method was used qualitative research, based on the theory of dialectical historical materialism. Data collection occurred through the implementation of (03) three focus group meetings - GF, tool to analyze the perceptions, feelings and interpretations of survey participants; such registration has been performed by a recording medium. After transcribing the data were listed and selected in topics and subtopics. Further, there was the analysis of discourse, respecting all speech, pronunciations, idioms, emotions, etc. However, he noted that the practice of professional activity of prostitution, to the study of this group of low-income women, is limited as a bounding profession in social life, generating exclusion, humiliation, discrimination, prejudice, among others. It presents as a quick way of getting money, no employment requirements, livelihood and autosustento. Incurred in this activity, a large exposure to dangers such as violence and physical abuse, living with marginality and involvement with crime, use of drugs and alcohol, causing addiction, DST's. It was evident the emergence of psychosomatic illnesses such as depression, TAG, low self-esteem, suicidal ideation, among others, characterized as psychological distress. Above all there was an expressive suffering in the affective part due to prostitutional activity. It is seen and thought of as a profession for the rest of life, therefore, have as future prospects, an insertion in the formal labor market, in other activity than prostitution because it promotes in its emotional reality, difficult affectations will be prepared and overcome. The importance of this research, due to the fact that the enforced invisibility of the poor prostitutes thus can record the need for a listening channel, mental health promotion for such professionals and public policies aimed at entering the market work for those who want to leave the professional practice of sex, both in the financial sphere, but also in the affective / emotional level.

Keywords: Prostitution, Job, affection.

LISTA DE SIGLAS

FUNASPH – Fundação de Assistência à Pessoa Humana
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
DEAM – Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco
CNS – Comissão Nacional de Ética
DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
GF – Grupo Focal
SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos
MPC – Modo de Produção Capitalista
UNIFEM – United Nations Development Fund for Women (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher)
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
CLT – Consolidação das Leis de Trabalho
TAG – Transtorno de Ansiedade Generalizada
SBPOT – Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
RAIS – Relação Anual de Informações Sociais
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
OMS – Organização Mundial de Saúde
OMT – Organização Mundial do Turismo
SPM – Secretaria de Políticas para as Mulheres
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
CRAS – Centros de Referência em Assistência
CREAS – Centros de Referência Especializado em Assistência Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A PESQUISA E SUAS CATEGORIAS ANALÍTICAS.....	17
2.1 PESQUISA COM PROSTITUTAS DE BAIXA RENDA EM CAMPO GRANDE/MS: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	18
2.2 COMPREENDENDO A CATEGORIA AFETIVIDADE.....	28
2.3 COMPREENDENDO A CATEGORIA HISTÓRICA-SOCIAL DO TRABALHO PROSTITUCIONAL.....	36
2.4 A PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CAMPO GRANDE E MATO GROSSO DO SUL.....	47
3 PERCURSOS AFETIVOS – TRILHAS NA FILOSOFIA ESPINOSA.....	56
3.1 REFLEXÕES SOBRE A AFETIVIDADE E AS AFECÇÕES FAMILIARES DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO.....	57
3.2 O “TRABALHO” PROSTITUCIONAL.....	72
3.3 RECORTE PSICOSSOCIAL DA PROSTITUIÇÃO FEMININA – INVISIBILIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL.....	84
3.4 “SAÚDE” DA MULHER E PROSTITUIÇÃO DE BAIXA RENDA.....	92
4 AFETAÇÕES DO TRABALHO PROSTITUCIONAL.....	101
4.1 SINGULARIDADE E PLURALIDADE DOS AFETOS NA PROSTITUIÇÃO FEMININA.....	102
4.2 PERSPECTIVA DE FUTURO PROFISSIONAL E PESSOAL.....	112
4.2.1 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL.....	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICES.....	144

O fenômeno da prostituição percorre toda a história da humanidade, permeando diversas esferas da sociedade, ora restrito a ambientes e locais deliberados para a prática da atividade de comercialização do sexo, como casas de alicerce ou prostíbulos, ora exposto nas ruas como mercadoria em feira livre, tramando uma prática confrontadora com as ideias do profano e do imoral.

Tal desdobramento histórico configura uma hegemonia dos períodos vividos, fosse por uma questão social, política, econômica, sanitária, religiosa ou outra qualquer que não visualizada, porém, embutida sobre essa classe ou grupo de mulheres. E ainda, ora estaqueando limites de expurgo, controle, misoginia, moralismo, enfim, categorizada como uma atividade prostituinte necessária e ao mesmo tempo repulsiva. Existe, portanto, um forte apelo em abordar a prostituição como a profissão mais antiga do mundo, no entanto, percebe-se que tal construção de imagem e simbologia profissional efetivamente é resultado de uma construção social.

A busca por recortes de análise para levantamento de informações referentes ao fenômeno disposto à pesquisa, coadunaram-se em questões de saúde, controle e segurança, questões religiosas e morais, éticos sociais, culturais e militâncias de ordem à liberdade de exercício à prática da atividade. A complexidade em torno da temática, assume diversas faces perante contextos diversificados de forma a ocultar-se atrás de interesses do capital e do poder para a manutenção de práticas exploratórias do sexo.

Realizou-se o levantamento de informações em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher – DEAM, e não obtivemos informações de registro oficial do número de pessoas ou mulheres envolvidas com a prática da prostituição em nosso estado. Isso demonstra que embora essa questão reporte-se ao longo da história da humanidade, pouco ainda se sabe sobre esse fenômeno e suas particularidades. Dentro da proposta da pesquisa, identificou-se um número inexpressivo de estudos já realizados.

O desejo de estudar a temática deve-se ao fato de ainda no período de realização do curso de graduação em Psicologia, no ano de 1994, enquanto acadêmica, na disciplina de Psicologia Social, fomos instigados pela professora Jacy Curado a desenvolver um trabalho de campo que envolvesse a representação social de um determinado público, a escolha e preferência dos grupos de alunos. Sempre chamou-nos atenção a prática da prostituição de rua, na qual em Campo Grande já existiam ruas e localizações no centro da cidade destinados a essa atividade profissional, portanto, partimos para entrevistar mulheres nas noites e nas ruas de Campo Grande/MS que exerciam essa atividade laborativa de garotas de programa e

que sofriam preconceito e discriminação, além de outras declarações de sofrimento emocional e afetivo que a prática da prostituição provocava.

O resultado foi significativo e expressivo no ano acadêmico corrente à época, mediante ao que nos foi proposto enquanto trabalho de campo, tendo em vista que despertou o interesse de outros grupos de trabalho, por parte de outros colegas da graduação.

No ano de 2005, passei a atuar enquanto profissional, realizando trabalho voluntário, envolvendo acolhimento psicológico, atendimento residencial e aconselhamento às mulheres profissionais do sexo de baixa renda que expressavam uma lista extensa de problemas relacionados à prática da prostituição. Desde então, tenho estabelecido uma relação próxima a esse público, agora vinculado à Fundação de Assistência à Pessoa Humana – FUNASPH¹, realizando encontros, através da condução de Grupo Operativo.

O interesse pelo tema pesquisa, deve-se ao fato que as mulheres as quais tive e tenho contato até o momento, verbalizam significativo sofrimento e dificuldades de ordem afetiva e emocional relacionados à atividade profissional, a qual por meio da prática da prostituição, apresenta-se a exclusão social, discriminação, violência e outras problemáticas vivenciadas quase que diariamente.

Ressalta-se, também, que a proposição de pesquisa coaduna com a linha de pesquisa do Programa Stricto Sensu em Psicologia da UCDB – “Políticas Públicas, Cultura e Produções Sociais” e de pesquisas realizadas pela minha orientadora no “Laboratório de Estudos Psicossociais em saúde frente a contextos da desigualdade social” e ao seu grupo de Estudos e Pesquisas em “Teoria Sócio-Histórica, Migrações e Gênero”.

A dissertação foi ordenada em cinco capítulos, contemplando as considerações finais, na qual ponderamos os desdobramentos necessários e relativos quanto aos resultados pertinentes à síntese final da temática de pesquisa.

Na introdução, apresenta-se a contextualização do tema abordado, inserindo o leitor na dinâmica da pesquisa e apresentando os pontos de execução da mesma, frente à realidade do tema que se apresenta como uma pesquisa de enfoque atual. Registra-se que poucas foram às publicações identificadas que fossem convergentes com a presente pesquisa.

O segundo capítulo propõe-se a conduzir o leitor na metodologia aplicada, delimitando como método o materialismo histórico-dialético. Destaca-se a utilização do recurso de Grupo

¹ Fundação de Assistência a Pessoa Humana – FUNASPH, é uma entidade sem fins lucrativos, constituída em outubro de 2005, para atuar junto aos segmentos da população com maior vulnerabilidade pessoal e social, através de projetos sociais que têm como públicos prioritários crianças, adolescentes, jovens, idosos, dependentes químicos, mulheres, crianças e adolescentes em situação de risco e pessoas em situação de pobreza.

Focal, ao que parece, uma proposta inédita para escuta e coleta de dados perante grupo de mulheres prostitutas de baixa renda. Como também, relataram-se procedimentos, técnicas, instrumentos e análise dos dados construídos.

Registram-se as categorias utilizadas essencialmente na construção da pesquisa perante seu desenvolvimento e, dentre as categorias apresentadas tem-se o “afeto” e “afecções” que será um fio condutor de toda a pesquisa, com base na filosofia Espinosana, do filósofo Baruch de Spinoza, racionalista do século XVII e, as demais sendo: histórica-social do trabalho prostitucional e prostituição feminina de baixa renda em Campo Grande e Mato Grosso do Sul.

Houve o desenrolar histórico do fenômeno da prostituição, diante dos períodos históricos, perpassando à Idade Média, Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial, Europa, a caracterização da prostituição no Brasil colônia e a influência Portuguesa nesse processo. Abordou-se a prostituição feminina na contemporaneidade, as modalidades de prostituição, a prostituição em Mato Grosso do Sul e a prostituição em Campo Grande/MS.

No terceiro capítulo, é retratada a vertente da categoria *trabalho* perante a realidade de mulheres profissionais de sexo e o recorte psicossocial da invisibilidade e exclusão social sofrido por tais mulheres. Também, são apresentadas as histórias de vida, origem familiar e prováveis causas desencadeadoras da prática prostitucional, ainda na fase da infância e adolescência, período de expressiva vulnerabilidade. São apresentados esquematicamente, os riscos do trabalho na prostituição feminina de baixa renda.

O quarto capítulo destina-se a retratar as afetações e os afetos que envolvem a prática da prostituição feminina de baixa renda, avaliada pelo prisma da filosofia e teoria de Espinosa. Foram calcadas perspectivas de um diferente futuro profissional e pessoal, desconectados com a prostituição, enfoca-se a necessidade de qualificação profissional para a obtenção de uma nova perspectiva profissional e, aspectos necessários a promoção de saúde da mulher prostituta de baixa renda.

No quinto e último capítulo, são abordadas as considerações finais, serão ponderados aspectos relevantes do trabalho e vida na prostituição de mulheres de baixa renda.

2.1 PESQUISA COM PROSTITUTAS DE BAIXA RENDA EM CAMPO GRANDE/MS: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo optou-se pelo método do materialismo histórico-dialético por intermédio de pesquisa de cunho qualitativo, consubstanciando a condução da pesquisa, havendo na figura do pesquisador, uma participação efetiva e responsável que se imprime sobre o sujeito da pesquisa.

Nesse sentido, o método do materialismo histórico-dialético parte da compreensão da materialidade para entender a realidade, buscando sempre ir além da aparência para o que se encontra oculto através das categorias totalidade, mediação e contradição.

Conforme Netto (2011, p. 53) para Marx: “o método implica uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação como o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações”. Também reforça dizendo que Marx, não opera com definições, pois pode haver múltiplas determinações que constituem o concreto real. O sujeito tomando consciência de sua volatilidade, de forma progressiva, corrobora com a natureza de seu próprio crescimento e das condições que lhe permitem avançar. Portanto, diante dessa proposta panorâmica de pesquisa, este trabalho consiste em estudo qualitativo de orientação sócio-histórica, fundamentalmente entre sujeitos, assim como diz Bakhtin, de perspectiva dialógica que converge para o prisma dos fenômenos humanos, uma retratação de relações de textos com o contexto; interrogações e trocas, ou seja, diálogo.

Destarte, Triviños (1987) apresenta o materialismo histórico como uma ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens no desenvolvimento da humanidade e como realizamos a interpretação dos fenômenos sociais.

Para pensar o materialismo histórico, também é necessário compreender o materialismo dialético, que configura o movimento como sendo um modo de existência da matéria, ou seja, não existe matéria sem movimento, a matéria é objetiva, existe independente de nossa consciência, não existe subjetividade no processo de existência da matéria e isso somente é possível através da concretização ou existência do próprio ser humano. Os movimentos históricos ocorrem de acordo com as condições materiais da vida, porém, a história é um processo contraditório e em permanente modificação.

Uma das categorias essenciais do materialismo dialético é a contradição que se apresenta na realidade objetiva, o fundamental é a unidade e luta dos contrários, a lei da contradição; ou ainda, conforme Triviños (1987), as categorias fundamentais do materialismo

dialético são, a matéria, a consciência e a prática social, sem as quais são inviáveis a consecução e análise da pesquisa.

Para Fachin (2006), o método histórico compreende a passagem da descrição para a explicação de uma situação do passado, segundo paradigmas e categorias políticas, econômicas, culturais, psicológicas, sociais, entre outras. Ele consiste na investigação de fatos e acontecimentos ocorridos no passado para se verificar possíveis projeções de suas influências na sociedade contemporânea.

Segundo Freitas, o acontecer histórico, permite-nos compreender os fenômenos e seus desdobramentos ou complexidades envolvidas, por intermédio das questões outrora emergentes; os fenômenos humanos para o pesquisador precisam ser analisados como processo dinâmico e contínuo, com profundidade e participação ativa do pesquisador e investigado. Referencia-mo-nos ao princípio de que nenhum objeto existe isolado e tudo o que existe no universo está em movimento. (OLIVEIRA, 2007)

O pesquisador está com os sujeitos produzindo sentidos para os eventos observados.

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que tem que reproduzir (...) Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como o modo como produzem. (Marx & Engels, 1984, p. 27-28).

Parte-se, portanto, de uma concepção de que o sujeito é sócio-histórico, ou seja, conforme Luckács (1979) o ser humano é ser social, porque estabelece relações sociais e ao mesmo tempo é ser histórico, porque traz a historicidade de seu tempo presente construído por um passado e que se precederá de um futuro. Deste modo, as materialidades das condições concretas vividas pelas mulheres participantes desta pesquisa mediam-se pelo pensamento, sentimento e ação, ou seja, “o individual é o singular da espécie transformado em indivíduo real pelas mediações que agem até nas formas mais íntimas do pensamento, sentimento e ação”. (MACEDO DA COSTA, 2007, p. 140).

Neste sentido, Sawaia (2016, p. 13) nos coloca que ao destacarmos o conceito sócio-histórico nesta pesquisa constitui-se em principalmente “ênfatar o social marcando que ele não é uma variável independente que afeta a subjetividade, mas é imanente a ela. Não é o psicológico fora da história e da sociedade, portanto, é na história e, apenas nela, que o homem se hominiza.”

Bakhtin (1992, apud Freitas, 2007), nos diz que o objeto de estudo das ciências humanas é o homem ser expressivo e falante. A voz do sujeito é posta na construção da pesquisa, o outro está presente junto com o pesquisador.

Richardson (1989 apud Scarparo, 2000), ressalta uma situação em especial para a utilização da pesquisa qualitativa, aquela na qual o pesquisador deseja analisar aspectos psicológicos, identificar atitudes, motivações e expectativas que, de outra forma, não seria possível a identificação. Para Lane (1995) a psicologia de base materialista histórica dialética, aborda o indivíduo histórico e em movimento, o qual caracteriza o sujeito da pesquisa:

A Psicologia dialética considerando o ser humano como um todo em que o físico e o psíquico constituem uma unidade que só se diz didaticamente e também o ser humano que pode ser conhecido depois do seu contexto histórico e social do qual ele é produto e produtor leva-nos a estudá-lo como um ser em movimento (p. 60)

É um sujeito que não pode ser visto de forma fragmentada, que está inserido num contexto histórico e cultural, no qual a sociedade que vive esse sujeito é mediada pela linguagem e pelas atividades sociais. Portanto, para compreender o participante desta pesquisa estabelece-se uma opção metodológica a partir da opção pela afetividade, procurando entender como o trabalho da profissional do sexo imprime sofrimento na dialética da vida cotidiana marcadamente inclusiva e excludente. A partir desta perspectiva epistemológica da Psicologia Sócio-Histórica, apoiados nos estudos de Marx, Espinosa e Sawaia busca-se superar os conceitos normatizadores que “culpabilizam o indivíduo por sua situação social e legitimam relações de poder...” Assim, a categoria afetividade vem contribuir para a reflexão de forma que esta não se proceda de forma neutra sobre questões da desigualdade social implícitas no objeto estudado, pois esta pesquisa se propõe a um estudo com profissionais do sexo de baixa renda.

Deste modo, compreende-se que para estudar as profissionais do sexo em sua vida e trabalho profissional é superar principalmente “uma concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome.” (Sawaia, 2009, p. 98)

Epistemologicamente, significa colocar no centro das reflexões sobre exclusão, a ideia de humanidade e como temática o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade), de forma que, ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais. (SAWAIA, 2009, p. 98)

Portanto, ao se discutir sobre o trabalho e vida da mulher profissional do sexo é indagar por seu sofrimento ético-político, “um sofrimento que contém a injustiça gerada pela desigualdade, sintetizando a dialética singular/particular/universal”, conforme nos diz Sawaia (2016, p. 18). Corroborando com o que Espinosa nos coloca que “cada coisa se esforça, tanto quanto está em si, por preservar em seu ser”. (ESPINOZA, parte III, prop. 06, 2015, p.105). É deste modo que justificamos a presente pesquisa e a escolha do seu objeto e problema.

Logo, delimitou-se como problema: “Como se configura a afetividade na vida e trabalho frente ao fenômeno da prostituição na sociedade contemporânea?” Tendo em vista a experiência prévia da pesquisadora, junto à uma Instituição de Apoio à pessoas em situação de vulnerabilidade social, que ali se dirigem para buscar ajuda material e física, porém, sobretudo respostas para as oscilações de suas afetividades.

Deste modo o objetivo geral ponderou-se em compreender como se configura a afetividade na vida e trabalho frente ao fenômeno da prostituição na sociedade contemporânea, por intermédio do desdobramento dos objetivos específicos que ficaram definidos conforme a seguir: levantar as motivações e influências que desencadearam o interesse pela prostituição; identificar as inquietudes e os efeitos gerados pela comercialização do sexo; estudar os aspectos geradores de sofrimento e de afetos (sentimentos e emoções) para esse grupo de mulheres prostitutas e identificar quais são os projetos de vida para o futuro pessoal e familiar.

Do mesmo modo, apresenta-se a seguir os critérios de inclusão das participantes da pesquisa, os quais foram estabelecidos:

- Mulheres assistidas pela FUNASPH, com vínculo de pelo menos 6 (seis) meses com a instituição.
- Maiores de 18 anos.
- Mulheres com pelo menos 01 (um) ano vivendo da prostituição.
- Ter entendido e concordado com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, assinando o respectivo documento.

Quanto aos critérios de Exclusão, ficaram assim estabelecidos:

- Mulheres que não preenchiam todos os critérios de inclusão.
- Aquelas que não tinham condições financeiras de comparecer aos encontros.

A caracterização do Campo – Instituição, pautou-se em conhecer a FUNASPH, sendo esta uma entidade sem fins lucrativos, constituída em outubro de 2005, para atuar junto aos segmentos da população com maior vulnerabilidade pessoal e social, por meio de projetos

sociais. Têm como públicos prioritários, crianças, adolescentes, jovens, idosos, dependentes químicos, mulheres e adolescentes em situação de risco e pessoas em situação de pobreza.

Segundo Santos (2015, p.127), é uma entidade que adota como estratégia um conjunto de ações integradas e complementares, que articula várias políticas, como educação, saúde, trabalho, assistência social, comunicação social, cultura, artes, esporte e lazer, numa visão de assistência integral à pessoa humana, com vista a sua dignidade e ao exercício da cidadania. Destarte, sobre as prostitutas pesquisadas, impõem-se um recorte de identificação, ora apenas prostitutas, ora garotas de programa ou profissionais do sexo. Embora algumas bibliografias apresentem a expressão meretriz(es) e trabalhadora sexual, em nenhum momento durante a pesquisa pôde-se observar tal aplicabilidade nominal dos termos por parte das mulheres pesquisadas, portanto, também não serão utilizadas as expressões meretriz(es) e trabalhadora sexual. Elas se auto intitulam, prostitutas, garotas de programa ou profissionais do sexo e abominam expressões vulgares, como “putas” e “mulheres de vida fácil”, pois entendem que de fácil não existe nada na prática da profissão. Pelo contrário, são expostas o tempo todo a situações de perigo e violência, situações humilhantes, difíceis e constrangedoras.

Para atender aos aspectos éticos, foi necessário obter previamente a autorização de pesquisa, junto a Fundação de Assistência à Pessoa Humana – FUNASPH², a qual após assinatura da carta de autorização da coordenadora, houve a protocolização junto ao sistema informatizado da Plataforma Brasil³.

A pesquisa cumpriu todas as etapas previstas à execução de uma pesquisa com seres humanos, portanto, houve a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco, por meio da Plataforma Brasil. Por atender às normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em Saúde e a todos os preceitos de normas de pesquisa com seres humanos, conforme Resolução CNS 466 de 12 de dezembro de 2012, a pesquisa foi aprovada pela Plataforma Brasil em outubro de 2015, com número CAAE 49479115.0.0000.5162; elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para cada participante da pesquisa com a finalidade de assegurar confidencialidade, privacidade e sigilo, assim como, a qualquer momento, o direito de desistência a participação na pesquisa (APÊNDICE A).

² A Fundação de Assistência à Pessoa Humana - FUNASPH, assiste mulheres profissionais do sexo que desejam sair por livre e espontânea vontade da atividade prostitucional. A instituição oferece várias atividades entre elas cursos de capacitação profissional e geração de renda, atendimento psicológico e social, psicoterapia individual e em grupo, arte terapia, encaminhamento médico e odontológico, assessoria jurídica, doação de cesta básica, incentivo ao retorno da escolaridade, entre tantos outros serviços.

³ Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se o Grupo Focal. Este, foi estruturado com um grupo contendo de 06 a 08 mulheres que atendessem o perfil estabelecido para a composição da pesquisa. Foram realizados 03 encontros com duração de 50 (cinquenta) minutos a 01 (uma) hora cada.

Como critério para definir o grupo focal, Gatti (2005) sugere que os participantes devam ter características comuns que os qualifiquem para a discussão, assim como ter vivência com o tema a ser discutido, promovendo riquezas e possibilidades de exploração.

Como Grupo Focal – GF, temos as informações de Breakwell et al (2010, p. 280), o mais antigo uso científico conhecido do método do grupo focal pode ser remontado ao trabalho de Bogardus (1926), ao testar seu modelo de distância social com grupos de alunos. No entanto, uma articulação mais formal do método pode ser atribuída a Merton e Kendall (1946) e à sua pesquisa sobre os efeitos da comunicação em massa (mais notadamente a propaganda em tempo de guerra).

Conforme Breakwell (2010) Grupo Focal é:

Uma entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal. É a natureza “focada” (isto é, em um “estímulo externo”) e relativamente encenada (isto é, por um moderador) do método do grupo focal que o distingue dos outros tipos de estratégias de intervenção grupal.

Assim, como menciona Breakwell (2010), o grupo focal se apresenta como um processo de interação e estimulação às discussões, ao eclodir de memórias, ao debate de ideias e manifestação de opiniões ou pensamentos, produções que provavelmente não ocorreriam num processo de entrevista um a um, ou seja, são eventos de comunicação em que pode ser explorada sistematicamente a interação entre o pessoal e o social dos participantes do grupo.

Para Scarparo (2000), os grupos focais se fundamentam na interação, portanto, o centro dos grupos focais é utilizar explicitamente a interação para produzir dados e insights, que de outra forma não seriam obtidos. Portanto, pode-se conceituar grupos focais como: uma técnica de pesquisa qualitativa, realizada através de um grupo de interação focalizada, que permite ampla e profunda discussão entre os componentes sobre o tema em foco.

Gatti (2005, p. 09) destaca que a ênfase deve ser a interação entre o grupo, de modo a buscar não somente “o que pensam e expressam, mas também como pensam e porque pensam o que pensam”.

É importante ressaltar que o grupo focal nos permite analisar enquanto conteúdo as percepções, sentimentos, pensamentos, crenças, valores, ideias, interpretações, entre outras questões das participantes da pesquisa.

Para a realização dos encontros de grupo focal, o convite às participantes foi realizado mediante a disponibilização de uma lista de potenciais mulheres prostitutas, de acordo com o perfil estabelecido, vinculadas à FUNASPH, assim, oportunamente utilizou-se um dos encontros quinzenais que a coordenadora do projeto realizava com todas as prostitutas. Houve o convite às mulheres potenciais para um outro espaço físico e explicou-se a proposta da pesquisa realizando consulta quanto àquelas que possuíam o interesse em participar da mesma. Àquelas interessadas em participar, foi realizada a comunicação da agenda dos três encontros que seriam realizados posteriormente. Como medida de garantir a participação de todas nos encontros, utilizou-se como estratégia a ligação telefônica um dia antes de cada encontro com o objetivo de lembrá-las do compromisso firmado e reforçar a importância da participação de cada uma.

Destarte, houve a participação de 08 (oitos) mulheres dentro do perfil definido para inserção na pesquisa, as quais foram identificadas, mediante sugestão delas próprias por nomes de flores, as quais foram: Dama da Noite, Lírio, Jasmim, Margarida, Girassol, Tulipa, Rosa e Violeta. Os relatos literais registrados nas análises serão sempre acompanhados pela identificação da participante da pesquisa.

- **Primeiro Encontro de GF:**

Inicialmente foi dada a oportunidade para que cada participante pudesse escolher o lugar ao qual desejava sentar-se na composição do círculo de cadeiras, configurado exatamente com o número de pessoas. Enquanto abertura, a pesquisadora/moderadora conduziu uma fala de boas vindas, apresentando as regras para a realização do GF, o objetivo da pesquisa, a necessidade do uso de gravadores e a necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, portanto, nesse momento leu-se para todos o termo e ao final da leitura verificou-se se todas mantinham o interesse em participar da pesquisa, e sequencialmente foram convidadas a assinar o TCLE.

Durante a realização dos grupos focais, foram utilizadas de uma a duas perguntas norteadoras para o desenvolvimento da discussão do GF.

- ***Primeiro encontro de GF:***

Realizou-se o levantamento de dados através da pergunta: ***Como foi sua infância e adolescência e como foi seu relacionamento familiar nessas duas fases de vida?***

- ***Segundo Encontro de GF:***

Foi realizada a pergunta: *Como e por que você se envolveu com a prostituição?*

- ***Terceiro Encontro de GF:***

Foi realizada a pergunta: *Quais são suas perspectivas de vida futura? O que planeja para seu futuro? É possível realizar um projeto de vida futura?*

Foram realizadas anotações comumente previstas no diário de campo, instrumento previsto para registrar os contatos e observações realizados com as participantes da pesquisa fora do espaço do grupo focal. Minayo, Deslandes e Neto (1996, p. 63-4) apontam que o diário de campo é “... ‘um amigo silencioso’ que não pode ser subestimado [...] Nele podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através de outras técnicas.”

Assim que, foram realizados os encontros de Grupo Focal, ocorriam as transcrições literais, em sua totalidade das falas das participantes da pesquisa, sendo preservadas todas as expressões próprias da vivência prostitucional, gírias, palavras de baixo calão, erros de pronúncia do português, momentos de choro (sendo mencionado que houve choro e pausa na comunicação verbal, tendo em vista as emoções que afloraram durante a lembrança dos fatos ocorridos e relatados), ainda que em alguns momentos houvessem interrupções. Cabe ressaltar que todas as transcrições compuseram um único arquivo e para facilitar a análise, foi produzida uma cópia impressa, a qual facilitou as ponderações e apontamentos necessários a serem abordados na pesquisa em andamento.

Ressalta-se que vários conteúdos e informações não foram utilizados, pois não compreendiam a proposta da pesquisa, aspecto esse, que não nos impede de realizar um novo debruçar perante os demais aspectos elencadas que possam culminar na realização e produção de artigos referentes a temática maior, “prostituição feminina de baixa renda”. A execução obedeceu a ordem de classificação dos dados, através de uma planilha em excel, de forma a facilitar a busca durante o processo de análise dos dados, ficando assim dispostos:

CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS		
TEMA	SUBTEMA	DEPOIMENTO / FALA

Conforme foram observadas as falas, surgiu um eclodir de temas e subtemas pertinentes à pesquisa, que subsidiaram o desenvolvimento e construção do Relatório de Pesquisa e ou da Dissertação. Após todas as transcrições, estabeleceu-se uma parametrização dos dados mediante uma classificação das falas em temas e subtemas, conforme quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Temas e Subtemas que emergiram na análise das falas

CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS	
Temas	Subtemas
1. Família	<ul style="list-style-type: none"> • Vínculo Familiar • Infância • Adolescência • Perfil do pai • Perfil da mãe • Preconceito e discriminação familiar • Resgate de vínculo familiar • Violência • Gangue
2. Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Necessidade / Dificuldade financeira • Significação de Trabalho / Trabalho Real • Dinheiro • Mulher Objeto Sexual / Seres sem escolha • Insegurança / Ameaças / Risco • Corpo
3. Afeto	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo • Sofrimento / Marcas / Feridas • Raiva • Baixa autoestima • Dificuldade de relacionamento • Identidade
4. Exclusão Social	<ul style="list-style-type: none"> • Violência • Pobreza • Invisibilidade • Criminalidade • Tráfico de drogas
5. Saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Dependência Química • Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST's / HIV – Aids • Traumas afetivos emocionais • Depressão • Gravidez indesejada / não planejada • Overdose

Fonte: Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães, 2015.

A classificação conforme descrita acima, serve basicamente para demonstração e apresentação didática para ilustrar algumas categorias.

A partir da coleta de dados, procurou-se interpretar o sentido das informações. O procedimento metodológico utilizado na interpretação dos relatos fundamentou-se na análise do conteúdo, conforme Bardin (2011) nos esclarece:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. (BARDIN, 2011, p. 38)

Pode-se realizar uma descrição dos dados, das mensagens e das atitudes circunscritas no contexto da enunciação ou mesmo inferência sobre os dados coletados. Com a escolha desse método, busca-se enriquecer mediante a diversidade de significações ou perceber além das falas propriamente ditas e aspectos inauditos, retacentes ou inexpressivos do sujeito, dando visibilidade as entrelinhas.

Bardin (2011) destaca, faz-se necessário classificar e agregar os dados, definindo as categorias teóricas ou empíricas, para condução de uma análise e discussão.

Segundo Oliveira (2008) a análise de conteúdo permite:

O acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (OLIVEIRA, 2008 p.570).

Análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Para tanto, disciplina, perseverança e rigor são essenciais (Freitas, Cunha, & Moscarola, 1997).

As 08 (oito) participantes da pesquisa foram identificadas por meio de nomes de flores e, desta forma, estabeleceu-se os codinomes, mediante preferência de escolha, Margarida, Girassol, Dama da Noite, Tulipa, Rosa, Violeta, Jasmim e Lírio.

Assim, diante da realidade existente na região e tendo em vista a necessidade de pesquisas que revelem facetas dos enfrentamentos vividos por mulheres profissionais do sexo na região de Mato Grosso do Sul que se optou pela realização de uma pesquisa voltada à compreensão da afetividade na prostituição de baixa renda que ocorre nas ruas de Campo Grande capital do Estado.

2.2 COMPREENDENDO A CATEGORIA AFETIVIDADE

A afetividade torna-se o ponto de partida como busca ativa da pesquisadora, uma vez que todo o decurso de experiência profissional com as participantes da pesquisa, fôra cirandado e permeabilizado por afetos geradores de desconfortos na maior amplitude existencial destes sujeitos. Deste modo, nesta pesquisa delineou-se afetividade circunscrita na filosofia espinosana de afeto, que norteou as análises e discussões dos resultados desta. A teoria dos afetos é, portanto, o principal analisador das emergentes categorias eletivas no decurso desta pesquisa realizada com profissionais femininas do sexo de baixa renda.

O afeto aqui expresso, não é um psicologismo, o afeto não é psicológico num sentido estanque, independente e isolado, como pode ser observado e apreendido pelo senso comum, ele é permeado, afetado socialmente, nas relações de encontros e desencontros, devendo ser trabalhado, desenvolvido e construído nessa perspectiva.

Em Espinoza (2015)⁴, um filósofo racionalista do século XVII, tem-se inicialmente a necessidade de compreender Deus, portanto, partir-se-á desse conceito para então serem realizados os desdobramentos de outros conceitos, tais como: liberdade, mente; corpo; causa adequada e inadequada; atividade e passividade; *conatus*; afeto; afecções e encontro, não necessariamente na ordem aqui descrita, porém, dentro de uma lógica espinosana.

Assim, iniciar-se-á pelo conceito de Deus para Espinoza, na Ética:

Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita. *Explicação.* Digo *absolutamente infinito* e não *infinito em seu gênero*, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é infinito apenas em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação. (ESPINOZA, 2015, p. 13)

É importante ressaltar que a ideia de Deus (imanente) também é entendida como Natureza, aquilo que é infinito, ou seja, em Deus não há nenhuma causalidade, ele é substância em si mesmo, possui potência absoluta de existir por si e em si mesmo, com uma essência eterna e infinita. Portanto, o Deus de Espinosa é diferente do Deus teológico. Desta

⁴ Baruch (Benedito) Espinoza/Spinoza, autor e filósofo do século XVII, nasceu em Amsterdam, na Holanda, em 1632 e faleceu em 1677 de tuberculose, viveu em torno de 40 anos. Descendente de judeus, aprendeu a língua hebraica na nova escola judaica. Pais foram expulsos de Portugal pela inquisição. É considerado um pensador monista. (CHAUÍ, 1995)

forma, tudo o que existe é constituído de uma mesma substância⁵, entendido por Espinosa como Deus/Natureza, e o que caracteriza essa natureza é o fato desta ser absolutamente livre e possuir infinitos atributos⁶. Portanto, ser livre para Espinosa compreende a essência de Deus, que é existente exclusivamente pela necessidade de sua natureza, não depende de nada, nem de ninguém, porque é substância própria em si mesma, é o princípio de tudo em todas as coisas criadas e existentes.

O homem por sua vez é parte de Deus e não é absolutamente livre, uma vez que tudo o que existe, existe porque Deus existe e, sem ele nada se faz ou se fez. Contudo, quando o homem conhece Deus, configura-se então, uma liberdade para o homem, que não é plena.

Aqui não se pretende estancar uma vazão de discussões que existem em torno da temática liberdade em Espinosa, no entanto, parte-se de uma compreensão que o sujeito na afetação, na relação com outros corpos, perante uma visão dialética em Espinosa, é que se cria um pano de fundo onde se constitui a liberdade.

A liberdade está diretamente ligada em administrar as suas próprias paixões, afetos paixões, pois quando se é livre, há a experimentação dos afetos ações, os quais se falará mais adiante.

Nessa continuidade de conceitos em Espinosa, realizar-se-á um desdobramento de conceituações, porém, não se tem como objetivo a exploração e esmiuçar conceitual, pois exige uma profundidade de estudo e pesquisa na teoria espinosana entre vários estudiosos, tais como Bader, Bove, Gleizer, entre outros, e ainda assim, não se tem uma equanimidade conceitual, pois são discussões densas e ricamente exploratórias. O que nos cabe é adentrar o campo de pesquisa perante a teoria espinosana.

Os atributos extensão e pensamento são os modos como podemos compreender e perceber Deus em Espinosa. Assim, entre os infinitos atributos de Deus temos a extensão, que nos conduz a entender como são concebidas as coisas, os corpos e, para Espinosa (2015, p. 51), corpo é:

Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerado como coisa extensa.

Portanto, tudo o que existe é corpo, seja o átomo, seja a luz, seja a pedra, seja o calor, ou qualquer outra materialidade é coisa extensa a Deus e, ele mesmo, produz corpos, “multi”

⁵ Espinosa, na *Ética* (2015, p.13) nos apresenta o conceito de substância, “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.

⁶ Espinoza, na *Ética* (2015, p.13), “por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”.

e variados corpos. Assim sendo, o atributo extensão, uma das infinitas potências de Deus, é o que produz os corpos.

Outro ponto a ser destacado, refere-se a outro atributo de Deus, o pensamento, uma vez que ele produz mente, como força pensante, Deus é uma coisa pensante, ainda que algumas bibliografias apresentem a terminologia “alma”. Para tanto, Espinoza (2015, p. 51) assim, conceitua:

Por ideia⁷ compreendo um conceito de mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante.

Por meio desses atributos podemos perceber Deus, ou pela extensão (corpo) ou pelo pensamento (intelecto).

Faz-se necessário entender que mente e corpo são a mesma coisa manifestada de formas diferentes, não havendo algum tipo de hierarquia entre eles, entretanto, a potência é a mesma e, infinita em si mesma. Como nos explica Lacerda (2013), a relação que se estabelece entre mente e corpo, está para uma ligação interna, uma vez que a mente é o pensamento do corpo e o corpo é o objeto pensado pela mente; outra vez, a mente é, ideia das afecções do corpo.

Portanto, mente e corpo são atributos equivalentes de uma mesma substância, sendo um extensivo ao outro, serão sempre ativos ou passivos conjuntamente e por inteiro, sem nenhuma relação de dominância ou subserviência de um sobre o outro. A mente se apresenta como ideia do corpo, ou seja, as coisas que a mente conhece, somente são possíveis em virtude do corpo, neste sentido, se diz que o pensamento só se constrói a partir de uma ideia do corpo, ou seja, da concretude da materialidade da vida humana. A mente é quem produz as ideias, e o corpo é quem permite essa produção de ideias. Desta forma, a ideia de nossa mente é o corpo existente, e nenhuma outra coisa, logo, constantemente a mente produz imagens do próprio corpo, enfim, a mente é ideia do corpo. Assim, constatamos por meio das proposições 7, 9, 12, 13, 14, 19, 22 e 23, da Ética II.⁸

⁷ Chauí (1995, p. 106), “No pensamento de Espinosa, o termo ideia é tomado em dois sentidos principais: a ideia como um conceito que nossa mente forma (ter ideia de alguma coisa); a ideia como a natureza de nossa própria alma (ser ideia do corpo e ser ideia de si mesma). Nos dois casos, porém, há um traço comum: uma ideia é um ato (ato do intelecto para ter ideia; e a existência da mente ou alma como força para ser ideia, isto é, um modo do atributo Pensamento). No sentido de ter ideia, há dois tipos de ideias: as imaginativas ou inadequadas e as intelectivas ou adequadas.

⁸ Ética II, Proposição 7 – “A ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas”; Proposição 9 – “A primeira coisa que constitui o ser atual da alma humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato”; Proposição 12 – “Tudo o que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana; em outras palavras, a ideia dessa coisa existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer com esse corpo que não seja percebido pela mente”; Proposição 13 – “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa”; Proposição 14 – “A mente humana é capaz de perceber

Desse modo, faz-se necessário compreender o sentido de *conatus* (termo latino que significa esforço), por onde se funda a teoria da afetividade espinosana. Portanto, de acordo com Espinoza, Chauí (2011), nos coloca que *conatus* é:

...a potência interna de autoperseveração na existência que toda essência singular ou todo ser singular possui porque é expressão da potência infinita da substância. Os humanos, como os demais seres singulares, são *conatus*, com a peculiaridade de que somente os humanos são conscientes de ser uma potência ou um esforço de perseveração na existência. O *conatus*, demonstra Espinoza na Parte III da Ética, é a essência atual do corpo e da mente. Mais do que isto. Sendo uma força interna para existir e conservar-se na existência, o *conatus* é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser busca a autodestruição. O *conatus* possui, assim, uma duração ilimitada até que causas exteriores mais, fortes e mais poderosas o destruam.

Segundo Chauí (1995), o *conatus*, é o próprio sujeito em ação, perseverando na existência, como força interna lutando e buscando constantemente para permanecer na existência, existindo, conservando seu estado, porém, somente os humanos são conscientes de que, são *conatus*. Para Espinoza (2015), o *conatus* possui, assim, uma duração ilimitada até que causas exteriores mais fortes e mais poderosas o destruam, portanto, na essência humana, não entra a morte.

Postulado, portanto, em Espinoza que, a essência de todo e qualquer indivíduo é desejo (na sua forma consciente), mente, ou seja, o próprio *conatus*, porém, quando ainda na forma inconsciente, no corpo, o *conatus*, é apetite. Gleizer (2005) explica da seguinte forma, quanto ao *conatus* e seus diferentes nomes:

Quando é referido apenas à alma, chama-se vontade. Desse modo, vemos que a vontade não é uma faculdade de escolha, mas o esforço contido nas ideias que constituem a alma. Quando referido à alma e ao corpo, isto é, ao homem, chama-se apetite. Este, por sua vez, quando acompanhado de consciência de si, chama-se desejo. (p. 31)

Não obstante, somos seres que querem conservar a própria natureza. Chauí (1998, p. 64), reforça dizendo:

...somos apetite corporal e desejo psíquico e dizer que as afecções do corpo são afetos da mente. Em outras palavras, as afecções do corpo são imagens que, na mente, se realizam como ideias afetivas ou sentimentos. Assim, a

muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado”; Proposição 19 – “A mente humana não conhece o próprio corpo humano e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado”; Proposição 22 – “A mente humana percebe não apenas as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções” e, Proposição 23 – “A mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo”.

relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo e a relação afetiva.

Segundo Chauí (1995, p. 58), pensar é conhecer alguma coisa afirmando ou negando sua ideia, a mente é, pois, atividade pensante que se realiza como *imaginação, querer e reflexão*. Outro aspecto abordado em Espinosa (2015), refere-se a causas adequadas e causas inadequadas.

Chamo causa adequada aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente percebido por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. (Espinosa, E III, def. 1, 2015, p.98). Digo que agimos quando em nós, ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, [...] Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se sucede algo de que não somos senão a causa parcial. (EIII, def. 2).

Segundo Gleizer (2005, p. 38), tem-se o sentido de passividade e atividade, conforme a filosofia espinosana:

...a mente é passiva apenas na medida em que produz efeitos inadequados a partir de suas ideias inadequadas, e ativa apenas na medida em que produz efeitos adequados a partir de suas ideias adequadas. Ora, isto equivale a demonstrar que toda passividade mental, tanto cognitiva quanto afetiva, está conectada às ideias da imaginação, enquanto toda atividade mental se vincula às ideias do intelecto.

Assim, Espinosa desenvolve sua concepção de afeto, que acontece segundo ele na dinâmica estabelecida entre mente e corpo, simultaneamente, ou seja, são relações que o ser humano trava com outros seres humanos. A afecção é a ação de um corpo sobre o meu corpo. Contudo, nem todos os corpos terão uma influência ou relação com meu corpo, bem como, também não ter-se-á sempre uma ideia clara dessas influências sobre ele. A mente conhece a si mesma quando compreende as ideias das afecções do corpo em si, no entanto, nem sempre ela tem ideias claras das afecções ocorridas em seu corpo, preconizado por Espinosa como causa inadequada ou parcial⁹.

O contrário disso, diz respeito ao pensamento na forma racional, que se apresenta como conhecimento na forma adequada¹⁰.

Quando causas externas imprimem forças sobre nós, mediante uma atuação passiva de nossa parte, isso é, somos causa inadequada de nossos afetos. Quando somos ativos ou atuamos ativamente, frente nossa própria potência interna, somos causa adequada de nossos

⁹ Chauí (1995, p. 106), “a imagem de alguma coisa sem o conhecimento tanto da causa real da coisa quanta da causa real da própria ideia”.

¹⁰ Chauí (1995, p. 106), traz como conceito de ideia adequada, “a ideia verdadeira de alguma coisa, porque conhece tanto a causa que produz essa coisa quanto a causa que produz a própria ideia em nós”.

afetos. Para tanto, é importante compreender o sentido de afeto para Espinoza (2015, p. 98). Ele nos coloca isto no seu livro *Ética*:

Por afeto, entendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. (E III, def. 3). *Explicação*. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (ESPINOZA, 2015, p.98)

Assim, como todo corpo está em relação com outros corpos e não existe corpo isolado ou independente um do outro, todos os corpos sofrerão transformações, ou seja, afecções causadas pelo encontro entre os corpos, pois os corpos estão constantemente para encontros.

O corpo é existente devido a outros corpos e, suas relações, ou seja, essa existência na natureza deriva do encadeamento de outros corpos, sendo existente em atos, que geram modificações no corpo e, mediante o entendimento que se estabelece na mente, que é geradora de ideias, é que se percebem as afecções suscitadas nesse corpo, pelas interações dos corpos e o desencadeamento da afetividade em Espinosa.

A concepção de afeto e afetividade em Espinosa está diretamente oposta ao que o senso comum se utiliza como conceito de afetividade nas relações humanas, portanto, reforça-se que o afeto empregado é teorizado conforme Espinosa desenvolveu seus estudos.

Desta forma, Bove (2010, p. 29), nos apresenta uma interpretação sobre afecções na teoria espinosana:

As afecções – ou modificações – do corpo decorrem de seus encontros com outros seres, outros entes, que lhe são exteriores, e com os quais ele entre em relações de conflito, confronto, aliança etc.

Pode-se inferir que somos resultado de vários encontros de corpos e que, portanto, estamos em constante mudança, transformação; cada encontro de corpos provocará modificações em nós, portanto, Espinosa nos apresenta afeto como afecção corporal e ideia/imagem dessa afecção corporal.

Sawaia e Magiolino (2016, p. 71), nos esclarecem mediante Espinosa a ideia de afeto como afetação:

...indica que estamos mudando a todo momento, que somos potência em ato, não estado psicológico bruto, cristalizado, que somos fadados a sermos afetados continuamente. Nosso corpo e mente são acionados por afetos, defende Espinosa. [...] os afetos estão relacionados ao conatus, ao desejo (essência de todas as coisas) de perseverar na própria existência – que não se reduz à sobrevivência física, mas expansão da vida.

A variação de intensidade do *conatus* aplicada no ser, como forma de existir, irá nos orientar quanto aos três afetos primários que Espinosa apresenta, conforme explanado por Chauí (2011, p. 87):

Nosso ser é definido pela intensidade maior ou menor da força para existir – no caso do corpo, da força maior ou menor para afetar outros corpos e ser afetado por eles; no caso da mente, da força maior ou menor para pensar. A variação da intensidade da potência para existir depende da qualidade de nosso desejo e, portanto, da maneira como nos relacionamos com as forças externas, que são sempre muito numerosas e mais poderosas do que a nossa. O movimento do desejo aumenta ou diminui conforme a natureza do desejado, e conforme este seja ou não conseguido, havendo ou não satisfação. É nesse ponto preciso que Espinosa introduz os conceitos que explicam a variação da intensidade da força vital do corpo e da mente ao definir os *três afetos primários*, dos quais nascem todos os outros: a *alegria*¹¹, ou o sentimento que temos do aumento de nossa força para existir e agir, ou da forte realização de nosso ser; a *tristeza*¹², ou o sentimento que temos da diminuição de nossa força para existir e agir, ou da fraca realização de nosso ser; e o *desejo*, ou o sentimento que nos determina a existir e agir de maneira determinada.

Percebe-se que não existe imperfeição, mas uma passagem de um estado de menor perfeição para um estado de maior perfeição e vice-versa. Pretende-se dizer com isso, que os afetos paixões, derivam dos encontros entre os corpos, sua força é externa ao corpo sobre nós. Também, resultante das associações de imagens, no sentido de vida imaginativa, originam-se os demais afetos paixões, tais como, medo, amor, ódio, vingança, esperança, ira, entre tantos outros descritos por Espinoza, na sua obra *Ética*, parte III, que relaciona mais de 40 afetos.

Com isso, ele nos ensina que os afetos paixões¹³ nos distanciam de nossa potência de pensar, compreender de forma consciente as afecções que nos atingem. Em condição contrária a essa situação, Espinoza chama de afeto ação; quando o homem é capaz agir, entendendo os afetos derivados de sua potência pensante, ideias adequadas, intrínsecas ao próprio homem. Ao pensar e compreender a ordem da natureza, tais afetos controlados, colocam o homem na situação de ser livre, ao ponto de saber refreá-los, lidando com a causa real de cada um deles. Ainda segundo Chauí (2011, p. 88):

Os afetos não são simples emoções, mas acontecimentos vitais e medidas da variação de nossa capacidade para existir e agir. Quando a alegria é acompanhada de uma causa externa, chama-se amor; quando a tristeza é

¹¹ Na *Ética* III, temos a definição de “a alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma perfeição maior”.

¹² Na *Ética* III, temos a definição de “a tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma perfeição menor”.

¹³ Chauí (1995, p. 108), “paixão, são afetos ou sentimentos causados em nós por coisas ou causas exteriores a nós e das quais somos os receptores passivos.

acompanhada de uma causa externa; ódio; quando o desejo é alegre, chama-se contentamento; quando triste, frustração.

No livro *Ética*, parte II, Espinosa (2015, p. 61-62) diz:

Quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. E quanto mais as ações de um corpo dependem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente. (*Ética II*, Prop. 13, p. 61-62)

Um corpo é tanto mais potente “quanto mais amplo e complexo for o sistema das afecções corporais” (Chauí, 2011, p. 73). Assim, é o mesmo que dizer que ao imaginarmos as afecções que foram produzidas em nosso corpo por outros corpos, isso deve-se ao fato de nossa existência. Quando eu imagino eu penso no corpo que me afetou, bem como, um afeto que acompanhou aquele encontro. Sawaia e Magiolino (2016, p. 74):

Afeto é transição, portanto é sempre sentido pela mente-corpo.

Assim, no diz Sawaia (2016, p. 19) que a definição de afeto espinosana “restabelece a unidade entre emoção e razão e entre afeto e ética.” Para Vygotski a emoção é organizador interno de nosso comportamento, pois estimula ou inibe as funções psicológicas, deste modo “Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela.” (VIGOTSKI, 1926/2001, p. 139 apud Sawaia, 2016, p. 19).

Portanto, este estudo não trata os afetos como pecados ou virtudes da pessoa humana, eles nos indicam como “somos afetados pela sociedade” e como “essas afetações nos provocam variação da intensidade da qualidade da potência de desenvolvimento e liberdade.” Neste sentido, os afetos como nos diz Sawaia pode ser considerada uma categoria de análise da vida cotidiana e das desigualdades presentes na materialidade social, significando, portanto, a superação analítica da cisão entre pensar e agir. Assim, Espinoza (2015) nos leva a pensar sobre os afetos como fio condutor reflexivo e analítico no processo de compreensão da afetividade envolvida na relação de trabalho e vida na prostituição, para mulheres de baixa renda.

2.3 COMPREENDENDO A CATEGORIA HISTÓRICA - SOCIAL DO TRABALHO PROSTITUCIONAL

Para o senso comum a relação de convivência e existência com o fenômeno da prostituição feminina está intrinsicamente marcado e preconizado por uma “escolha e decisão de vida fácil”, tratando-se de uma opção vergonhosa, escandalizadora e imoral, por parte daqueles que exercem a atividade de comercialização de sua intimidade através do sexo, conhecidos como prostitutas e profissionais do sexo. Mesmo sendo a prostituição um fato histórico que permeia toda a história da humanidade, ainda hoje é possível identificar um leque de discussões que a atividade profissional gera, tanto no âmbito do senso comum, quanto entre aqueles que buscam compreender as complexidades envolvidas no exercício dessa atividade através de estudos e pesquisas.

O fato é que tem-se uma história da prostituição que percorreu todos os tempos históricos, tendo início na pré-história, nas cidades da Mesopotâmia e do Egito, passando pelo Império Romano, destaque especial à cidade de Pompeia, chegando à Idade Média, adotando-se portanto, a partir desse período a contextualização da temática, chegando aos tempos atuais.

Na Idade Média, é interessante destacar que a prostituição sofreu forte influência do clérigo (líderes religiosos da igreja católica), tendo em vista que estes líderes religiosos procuravam estabelecer a doutrina cristã, na Europa bárbara e romana. As prostitutas faziam parte de uma composição ordinária da sociedade e vida urbana. Havia um evidente contrassenso no que dizia respeito ao espiritual e a necessidade do corpo, antagonismo estampado frente ao fenômeno da prostituição e a igreja cristã. No entanto, sabia-se da difícil tarefa de conter e ou extinguir a prostituição, seria praticamente impossível, portanto, passaram a vislumbrar nesse público a possibilidade de proteção das donzelas que constituíam a sociedade, sendo elas preservadas de possíveis investidas e ou sedução dos rapazes, que provavelmente buscavam ser atendidos pelas prostitutas. A perspicácia dos clérigos estava no fato de que outros pecados maiores estavam sendo contidos através da manutenção dos bordéis e das visitas realizadas pelos rapazes da sociedade às mulheres que já estavam destituídas de moral e pudores ora exigidos pela igreja. (ARIÈS, 1989)

Essa prática e uso do sexo como forma de realização de prazer (pelos clientes jovens da sociedade) e obtenção de recursos financeiros (pelas prostitutas) passa a ser caracterizada por códigos sociais, sendo estabelecidos lugares e delimitações de espaços, atribuídos a seu

nome o uso da palavra “rosa” que creditava a maneira de identificação dessas mulheres e daqueles que faziam uso de seus serviços. Dessa forma, se constituía os bordéis, fossem pequenos e privados ou públicos, fossem casas de tolerância, além das prostitutas de rua. Também era comum fazer uso de outros códigos, enquanto acessórios e vestimentas, tais como gorros, xales, sinos, etc, caracterizando a atividade e o exercício dessas mulheres na sociedade, sendo esse considerado um mecanismo de rotulação e decodificação social, havendo dessa forma uma melhor identificação e ao mesmo tempo “controle” para não chamarmos de exclusão.

Entre os séculos VIII e IX era possível identificar as chamadas “casas das mulheres”, lugares próprios para encontrar mulheres que atendiam clientes a procura do serviço sexual e, assim, como ainda hoje elas possuíam um tempo de permanência e exercício da prostituição, sendo consideradas “velhas” com o passar dos tempos.

Perante a Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial, identifica-se que as autoridades do Império e da Monarquia Censitária fundaram o sonho de bordel regulamentarista; delinearam também o *French System*, que iria se impor à Europa como modelo. A casa de tolerância de bairro vive então sua idade de ouro. Ela desempenha uma tríplice função: oficiosamente, pois o regulamento o proíbe, opera a iniciação dos menores, sobretudo colegiais; satisfaz o “instinto genesíaco” dos solteiros encerrados nos guetos sexuais, o que lhe confere uma clientela majoritariamente popular; mas apazigua também, discretamente, os esposos frustrados. (PERROT, 1991).

Diante desse cenário instala-se as casas de tolerância de forma regulamentada, nas quais prostitutas parisienses cadastradas eram submetidas a avaliação médica, atendendo uma saúde sanitária, tendo em vista que seus frequentadores deveriam ser devolvidos às suas famílias e à sociedade com sua saúde intacta. Esses lugares tinham como função permitir que desejos irreprimíveis pudessem ser atendidos, sendo vistos como templos de uma sexualidade utilitária. Tal medida não conteve a prática da prostituição clandestina, sendo esta uma rede esparsa e inatingível a qualquer medida de controle. Muitos desses bordéis clandestinos localizavam-se em lugares sujos e insalubres, devido aos temores sofridos pelas mulheres que poderiam ser descobertas pelas autoridades. Dessa forma, foram construídos estereótipos e imagens sociais em torno dessas mulheres que lhes foram atribuídos como dejetos orgânicos, associadas ao mal cheiro do lixo, à enfermidade, a cadáveres humanos que até hoje são perpetuados quase que na íntegra e no inconsciente coletivo da humanidade.

O fato das mulheres prostitutas promoverem uma exposição vulgar de sua carne e nudez provocou certa revolta em expressivo número de clientes que consideravam uma

prática humilhante e depreciativa, quase animalesca dessas mulheres. Assim, a prostituição regulamentada sofre uma empreitada por parte de abolicionistas fortalecidos por radicais de esquerda. Diante de tal manifestação contrária e oposicionista, os bordéis se dobram a novas exigências dos clientes; os bordéis, que anteriormente não atendiam aos desejos desses clientes e, não permitiam a relação sexual oral, são obrigados, com o passar dos tempos, a se renderem a essa nova prática sexual, enfim, autorizando as prostitutas a praticá-lo. Os bordéis parisienses passam a se especializar e promover um ambiente mais propício para as fantasias, deleites sexuais, inclusive comportamento *voyeurs*¹⁴. Assim, pode-se dizer que devido às novas exigências dos clientes, surgem novas formas de prostituição, aptas a atender os novos desejos.

Na Europa, os espaços específicos para os encontros sexuais, eram definidos, as cidades importantes possuíam seu *prostibulum*, local permitido pela municipalidade, locais também estabelecidos na Espanha, França e na Itália conhecido como *civilitàputtanesca*. No século XV, a prostituição francesa, destacava-se pela dificuldade de ser identificada entre bordéis e casas de alcouce¹⁵, ou entre meretrizes profissionais e prostitutas de ocasião, mulheres que vislumbravam nos movimentos dos trabalhadores sazonais, nas festas, feiras e passagens de príncipes uma oportunidade de rendimento. (DUBY, 1990)

Nos relatos da vida privada no Brasil, pode-se perceber a ocorrência de uma metamorfose no seio da sociedade em virtude da relação estabelecida com o sexo e o sagrado, ou seja, quando se apresenta numa atmosfera de privacidade e de intimidade, o sexo deve estar lá alojado. No período colonial a Igreja lhe auto conferia o controle dos ensinamentos da sexualidade, no formato de sagrado, entendido como sexo, que estaria restrito à condição de procriação, sem nenhuma excedência de outra natureza, fosse por mero prazer, desejos e ou fantasias. (VAINFAS, 1997)

É interessante destacar que a idade moderna para a contemporânea, instituiu os ambientes, espaços específicos no interior de uma moradia, estabelecendo dessa forma o tripé, casa, quarto e cama, de uma privacidade relacionada à sexualidade. (VAINFAS, 1997)

Não obstante disso, na sociedade colonial, havia uma ausência de privacidade no viver, pois era comum as pessoas passarem a noite juntos no mesmo quarto, fossem senhores e serviçais, dona de casa e suas damas de companhia, ou eventualmente, hóspedes. Tal

¹⁴ Segundo o “Dicionário Técnico de Psicologia” Álvaro Cabral e Eva Nick, *voyeursismo* – forma de perversão sexual em que, para a obtenção do gozo, o indivíduo vê outros, sem ser visto, despindo-se ou praticando atos sexuais.

¹⁵ Segundo o dicionário de português léxico online, alcouce: denominação de casa ou estabelecimento de prostituição; do mesmo significado de bordel ou prostíbulo.

ausência também se estendia à sexualidade, sendo que, podemos inferir uma não restrição ao espaço do quarto, enquanto cômodo de privacidade, pois ainda assim se estabelecia encontros íntimos, em qualquer ambiente possível, novos e diferentes lugares do prazer e do erótico.

Segundo Del Priori (1994), a característica da prostituição no Brasil, deu-se pela ausência de uma fixação de um local pré-definido para a prática, fosse *civiltà puttanesca* ou bordel, bem como um tradicional *prostibulum*, lugares esses, comuns na Europa. Salientamos dessa forma a vulnerabilidade sofrida pelas mulheres pobres, forras ou escravas da época. Surge então o intermediário no processo da prostituição feminina de baixa renda, o alcoviteiro e ou rufiões, conhecidos ainda hoje como gigolôs, que se utilizavam das casas de alcouce. Essas casas muitas vezes eram a própria moradia dessas mulheres pobres e forras, que serviam para encontros amorosos e normalmente estavam localizadas na periferia das vilas.

A América Portuguesa, mediante o processo de colonização, oferece suas próprias mulheres e filhas pobres ao exercício da prostituição, chegando ao ponto de Freyre (2003) declarar que o Brasil “parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado”, mostra essa de tamanha indignação perante um dos produtos, ou melhor, dizendo serviço do Brasil colônia.

No final do século XVII, no Brasil colônia, com a crise açucareira e com as descobertas do ouro, na região sudeste, houve um processo migratório de pessoas em busca das minerações. A mulher não ficou distante desse desdobramento histórico, desempenhando em grande parte o papel de vendedora ambulante de secos e molhados. Para atender seus clientes aproximou-se das minerações com seus quitutes, bolos, mel, salgados, bebidas, fumo, entre outros, para tal comercialização. No entorno dessas quitandeiras e das vendas era possível também conseguir encontros sexuais ou comercialização do sexo, pois assim, havia o entendimento que a prostituição ampliava os negócios mercantis da região, dando a entender que a prática da prostituição se tornou complementar ao comércio ambulante. Essas mulheres incomodavam as autoridades locais, uma vez que a política se encontrava extremamente instável, assim como disse o secretário de governo Manuel Afonseca (DEL PRIORE, 1994):

Na mesma casa (vendas) tem os negros fugidos o seu asilo, porque escondendo-se nelas, se ocultam a seus senhores e, daí, dispõem as suas fugidas, recolhendo-se também, nas mesmas casas, os furtos que fazem, nos quais as mesmas negras são às vezes conselheiras e participantes. Também nas mesmas casas, vêm prover-se do necessário os negros saqueadores dos quilombos, (...) achando ajuda e agasalho nestas negras que assistem nas vendas... (p.125)

A mulher negra, escrava era muitas vezes empurrada pelos seus proprietários, caracterizando-se assim a exploração sexual. Os tabuleiros repletos de produtos comestíveis, nada mais eram como disfarce para a exploração da prostituição. (DEL PRIORE, 1994)

A prostituição, presumidamente não se restringiu apenas a esse grupo social específico, sendo abrangente e aceito pela cultura popular em Minas Gerais. Muitos autores compreendem o fenômeno da prostituição como circulante em todo o Brasil colonial, possivelmente uma condição e ou expressão tipicamente feminina da pobreza e miséria social. É fato que o maior contingente de mulheres prostitutas se concentrava nos arredores das cidades e vilas próximos as minas. A prática da prostituição desclassificava essas mulheres, que perdiam sua identidade própria, passando a adquirir codinomes aviltantes, que as rotulava como desclassificadas socialmente, sendo consideradas espúrias sociais. (DEL PRIORE, 1994)

Os homens oriundos da mineração, na constante busca por encontrar os melhores lugares para exploração do ouro, bem como pela burocracia imposta no processo de constituição de um casamento formal, acabava por impulsioná-los a viver uma vida promíscua dentro do universo da comercialização do sexo, sem a necessidade de estabelecer qualquer tipo vínculo familiar. (DEL PRIORE, 1994)

Os alcoviteiros entram em cena, muitas vezes mulheres que abriam as portas de sua própria casa, bem como também via na administração de prostíbulos uma vantagem na comercialização do sexo. Porém, muitas meretrizes não ficaram restritas ao espaço dos prostíbulos, passando elas próprias à ir em busca de seus clientes em lugares públicos, sem restrição de ambiente, podendo ser em lugares de diversão ou até mesmo na igreja.

Devido à grande miséria e dificuldade financeira, muitas prostitutas eram formadas no próprio seio familiar, sendo esse um meio de sobrevivência no e do contexto familiar, meio “legal” de sustento de mulheres desprovidas, prática realizada até os dias atuais. Relações de mães e filhas, pais e padrastos ofertando suas mulheres, e elas, sendo geridas pelos veios da prostituição, artéria vital para a sobrevivência de mulheres em miséria econômica, instaura-se uma condição de produto e ou mercadoria com suas ofertas de serviços, a mulher e sua sexualidade. (DEL PRIORE, 1994)

Não obstante deixaria de ressaltar que do meretrício surgiram os filhos que se tornaram outro fator determinante no contexto familiar dessas mulheres, sendo eles um motivo maior para manterem-se dependentes da prostituição, tendo em vista a necessidade de sustentá-los e, também vistos como um problema para a sociedade da época.

“Se o binômio miséria e exclusão do mercado de trabalho transforma o cotidiano da sobrevivência das mulheres num verdadeiro inferno, oferece também a medida exata de sua enorme capacidade de luta e resistência naquela sociedade”. (DEL PRIORE, 1994, p. 164)

Para Del Priore (1994), a mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual e material de reclusa com rigor, à imagem da mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô da miscigenação e das relações inter-étnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados.

Se de um lado, ao longo da história nos deparamos com uma rigorosa invisibilidade da mulher, hoje, contemporaneamente ainda percorremos e desbravamos trilhas e acessos conflituosos de um movimento e reconhecimento social.

A prostituição¹⁶ reporta-se a uma realidade que perdura ainda na sociedade contemporânea mesmo perante representativos elementos de evolução humana. Ainda assim, nos deparamos com a prática prostitucional sendo explorada como meio de vida e como exploração humana em tempos atuais.

Tem-se também outra vertente, em que a prostituição se configura como uma atividade laborativa como outra qualquer, a priori como uma escolha profissional de livre escolha e optativa, como tantas profissões.

Salienta-se uma explicação terminológica de prostituta, conforme Gaspar (1984):

...indivíduo que vende serviços sexuais efêmeros e descomprometidos em troca de uma quantidade de dinheiro ou de outros bens materiais, previamente estipulada... a prostituta, vende o serviço sexual em troca de um retorno material imediato e sua relação com o consumidor deste serviço (o cliente) acaba imediatamente após a conclusão do serviço.

No entanto, esse indivíduo ao exercer a atividade de prostituição, é percebido de formas e maneiras diferentes mediante o prisma de análise e percepção de desdobramentos, sejam eles, social, moral, ético, cultural, religioso, político, jurídico, legal, entre outros aspectos.

Existem três correntes e teorias que orientam quanto à prática da prostituição, assim conforme menciona Lopes (2015), tem-se o regulamentarismo, que defende a regulação da

¹⁶ Segundo Lopes (2015), prostituição é a comercialização do sexo que se revela quando uma pessoa presta serviços sexuais a outrem, de modo habitual, em troca de uma contraprestação de valor pecuniário ou de outro tipo de vantagem. Afigura-se, pois, uma relação negociada onerosa entre duas ou mais pessoas cujo objetivo é a atividade sexual realizada por uma delas.

atividade pelo Estado como forma de proteger direitos dos profissionais do sexo, entre eles, as prostitutas, representa a descriminalização da prostituição, como forma de proteger as mulheres praticantes da atividade prostitucional, ou seja, seria legitimar a prostituição como um serviço que pode ser comercializado; o proibicionismo, que é a criminalização da prostituição, bem como a ilegalidade do proxenetismo e lenocínio¹⁷ e, por último e, não menos importante, o abolicionismo, caracterizado como uma necessidade de libertação das pessoas que estão envolvidas na prática da prostituição e extinção da atividade prostitucional, pois é considerada uma prática exploratória e deprimente no âmbito humano, desvinculando-se de uma possibilidade de escolha ou da ordem de opção pessoal.

Em alguns países a prática de comercialização do sexo é legalizada e reconhecida socialmente, porém temos países como Suécia, Islândia e Noruega, nos quais, a prostituição é entendida como sendo uma violência contra a mulher, portanto, crime, está configurado no cliente que paga pelos serviços sexuais de uma prostituta, ou seja, vender sexo é tão ilegal quanto comprá-lo. Por outro lado, de acordo com Ceccarelli (2008), alguns países europeus, como Alemanha, Países Baixos, Dinamarca e Noruega legalizaram a prostituição; em outros, como Reino Unido, esta é apenas tolerada.

Segundo o Jornal Euronews¹⁸, um dos canais de notícias mais visto na Europa, em recente publicação informa que, perante Assembleia Nacional, a França também reconhece a prostituição como legal, porém arbitra contra os clientes do comércio sexual e, sanciona uma lei que prevê multas no valor de 1.500 a 3.750 *euros*, para tais clientes apanhados em flagrante delito, ou seja, pagando pela prática de atos sexuais.

Conforme o Telesur Notícias¹⁹, a Espanha é o terceiro país do mundo no consumo de prostituição. Na Espanha, a prostituição está diretamente relacionada ao tráfico de pessoas, e aponta que a cada ano na Espanha 50.000 mil mulheres tornam-se vítimas desse mercado, na Europa 500.000 e mundialmente 03 milhões. Segundo pesquisa, mencionada nessa matéria, na Espanha, mais de 300.000 mulheres exercem a profissão e cerca de 90% são obrigadas a se prostituírem. O perfil delas na pesquisa foi identificado como mulheres pobres e imigrantes.

A prostituição também pode ser encontrada em países muçulmanos, nos quais, a prostituição é proibida por lei e pela severidade da religião, acarretando em pena de prisão de

¹⁷ De acordo com Vade Mecum (2016), o art. 229 do Código Penal brasileiro, que descreve como crime: “Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja ou não intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente”, com pena de reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

¹⁸ Conforme publicado em 06 de abril de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=q3tjL2zbCkg> e <https://www.youtube.com/watch?v=q3tjL2zbCkg>

¹⁹ Sobre pesquisa realizada pela Cruz Vermelha da Espanha, publicação de 22 de outubro de 2015, <http://videos.telesurtv.net/pt/video/459477/espana-es-el-tercer-pais-del-mundo-en-consumo-de-prosticion-pt>

14 anos para o cafetão, a prostituta e o cliente. Mesmo que a estrutura social daquele país esteja torneada para inibir a sexualidade feminina, o fenômeno da prostituição se faz presente.

De acordo com o documentário do Programa Repórter Record Investigação²⁰, da rede Record de televisão, as mulheres se prostituem mesmo correndo o risco de serem mortas. A comercialização do sexo é intermediada pela figura do cafetão, esse exerce o papel de agenciador e proporciona segurança para as jovens mulheres e, cada uma delas pode valer 20 mil rúpias (aproximadamente R\$ 400,00 no Brasil), moeda local, na cidade de Lahore no Paquistão. Essas jovens mulheres encontram-se presas a um regime de escravidão. A motivação das mulheres para praticar a venda do sexo, mesmo correndo o risco de serem mortas, sustenta-se na necessidade de sobreviver e cuidar da família, uma vez que, com a prostituição ganham proporcionalmente melhor do que se paga a um trabalhador não especializado. Algumas das jovens muçulmanas possuem histórias de vida semelhantes às mulheres brasileiras, pois foram abandonadas pela família, são procedentes de famílias pobres, algumas vendidas pelos pais, muitas viveram em ambientes de briga e discórdia familiar, alcoolismo do pai, violência do pai para com a mãe, entre outros.

Já nos EUA, a prostituição virtual é considerada legal, no entanto, a promoção da mesma é crime e, em Portugal, não é ilegal nem proibida, embora o proxenetismo²¹ seja uma infração.

Ressalta-se que a prostituição no contexto brasileiro é uma profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, desde que praticada por adultos. Segundo o código penal, o lenocínio, é considerado crime, pois consiste em favorecer, induzir ou tirar proveito/vantagem da prostituição alheia, ou ainda, manter casa de prostituição, tais atos são passíveis de penalizações. Quanto a dados estatísticos ou menção a levantamento do número de profissionais do sexo existentes no Brasil, não foi possível encontrar nenhum registro ou dado publicado. É possível inferir que existem regiões do Brasil que possuem uma maior incidência de prostituição, tais como a região nordeste e norte, tendo em vista, serem as regiões mais pobres do Brasil e pelo fato da prostituição estar vinculada a pobreza, porém, não é possível cancelar tal informação, por não haverem dados estatísticos referentes ao número de pessoas que exercem a atividade prostitucional em nosso país.

Andrade (2014), também faz menção a uma indústria milionária que se beneficia com a exploração sexual, que envolve o turismo sexual, a pornografia, o tráfico de mulheres,

²⁰ Publicado em 26 de outubro de 2015, https://www.youtube.com/watch?v=dx_m3Thi0SQ

²¹ Segundo o dicionário Priberam, proxeneta (latim *proxeneta*, -ae ou *proxenetes*, -ae, agente, intermediário). 1. Indivíduo intermediário. 2. Alcoviteiro; mediador. 3. Pessoa que explora prostitutas ou prostitutos. = CÁPTEN

aliciamento de menores, lenocínio, entre outros, que concomitantemente favorece uma rede de exploração que abarca traficantes, donos de motel, casas de massagem, proxenetas, agências de turismo, além dos clientes diretos, havendo também, os pedófilos.

Portanto, a retratação histórica da prostituição em Andrade (2014), nos elucida um desdobramento conforme a seguir:

A prostituição foi encarada de várias formas ao longo da história. De acordo com Armando Pereira, em seu livro *Prostituição: Uma visão Global*, a venda dos serviços sexuais passou por um período sacro, com aspecto místico e tutelar. Num segundo momento, denominado pelo autor de epicuriano, a prostituta assume um papel estético e político. Nessa época, seu trabalho é gerenciado pelo Estado, que cobrava impostos, enriquecendo a elite dominante. No terceiro período, chamado cristão, a prostituta é considerada “leprosa”, em nome da moral e dos bons costumes. Depois dessa época, vem um período de tolerância, quando essas profissionais do sexo são consideradas um mal necessário e submetidas ao controle sanitário mediante força policial. Por fim, surge o período chamado de abolicionista, quando a prostituta é vista como escrava e vítima. Os regulamentos são revogados e a mulher é livre para exercer a atividade.

A prostituição contemporânea, não se distanciou em alguns aspectos dos tempos históricos passados, ou seja, ainda nos deparamos com mulheres que se veem atraídas por uma atividade que não lhes exigem qualificação e educação devido o desfavorecimento socioeconômico ao qual estão inseridas. A única exigência necessária, um corpo com disposição para atender fantasias e desejos sexuais de outrem. Portanto, embrenhando-se ao mundo da prostituição, podemos apontar algumas modalidades da prática prostitucional. Destaca-se primeiramente a prostituição de rua, também conhecida como *trottoir*²². Espinheira (1984, p. 49) a descreve da seguinte maneira:

É uma forma de prostituição individual exercida nas ruas das cidades. A mulher procura um lugar que lhe seja favorável e fica à espera de alguém que possa tornar-se um possível cliente. Normalmente a prostituta é reconhecida pela aparência, pelo fato de andar quase sempre desacompanhada, e por tomar a iniciativa de abordar as pessoas.

Essa modalidade se caracteriza pela livre circulação, ou seja, possibilidade de migração entre pontos favoráveis para a comercialização do sexo. Desse modo, ressalta-se que parte das mulheres, que exercem essa modalidade de prostituição, fixam-se numa região da cidade e ali se estabelecem, como ordem de segurança e estabelecimento de territorialidade, frente a potenciais clientes, pois passam a ser asseguradas por outros

²² Prostituição *trottoir*, segundo dicionário de português Michaelis online, significa prostituição pelas ruas, aliciando fregueses.

comerciantes que se beneficiam com tal atividade prática, tais como, donos de hotéis populares, barzinhos, entre outros. Ainda temos, nessa modalidade a situação em que o cliente prefere levar a garota de programa em seu veículo para um lugar ermo, possibilitando a economicidade e, ou, a menor possibilidade de ser reconhecido ou descoberto.

Apresentam-se modalidades que não expõe a oferta de programas em lugares públicos, reservando-os a ambientes privados, tais como boates, casas de massagem, casas fechadas (de periferia ou luxo), casas de show, festas reservadas em apartamentos ou chácaras, todos esses podendo ser divididos em baixa renda ou luxo, distinguindo e delimitando o público alvo frequentador ou consumidor dos serviços ofertados.

Silva (2006), também ressalta um outro cenário conhecido como “puteiros”, são casas fechadas ou casas de massagem, pleonasmos para casa de prostituição, termos utilizados para divulgação em jornais, como anúncios de oferta de trabalho e serviço.

Conforme aborda Silva (2006), nos espaços de luxo, os frequentadores apresentam um *status* socioeconômico elevado, são consumidores de bebidas com valor alto, pagam para permanecer no ambiente e assistem ao show de *strip-tease* quando a casa oferece. Opcionalmente é dada às belas mulheres que frequentam essas boates a escolha de fazer ou não o seu programa.

Também se apresenta a modalidade de *internet*, classificada por Silva (2006) como “ciberprostituição”, ou seja, há profissionais do sexo que criam uma página na *internet*, ou vinculam-se a um provedor especializado nesse tipo de divulgação, sites exclusivos na divulgação dos serviços e imagens, como também, através de salas de bate papo. Assim negociam e contratualizam a prestação de serviço do sexo (fantasias e desejos) comercial.

Neste sentido, a pesquisadora, Piscitelli (2013) identifica a existência de uma gama de variedade de serviços sexuais que contemplam bordéis, boates, casas de massagem, bares, linhas telefônicas, sexo virtual, motéis, cinemas, revistas e vídeos pornôns, serviços de acompanhantes e, até mesmo, agências matrimoniais. Ela alega que exista uma demanda ainda mais ampla de serviços sexuais. Sendo assim, nem toda mercantilização de sexo se dá em troca de dinheiro, podendo ocorrer também em troca de favores, como, presentes, compra de passagens, medidas para melhorias de vida, entre outros bens materiais.

Espinheira (1984) nos apresenta a expressão “ecologia da prostituição”, que assim qualifica:

Segundo o autor, a prostituição não pode localizar-se livremente como as demais atividades legitimadas, pois as pressões sociais e o policiamento obrigam-na a restringir-se a locais que não apresentam interesses imediatos para o sistema. Assim, a prostituição é obrigada a circunscrever-se a

determinadas áreas de baixo valor econômico e status, geralmente bairros pobres ou imediações de zonas comerciais populares, ou ainda áreas em que há uma excessiva mobilidade como aquelas próximas às estações ferroviárias, rodoviárias e portos.

Além disso, tem-se ainda outra categoria ou modalidade de prostituição, também entendido como “prática de atividades sexuais comerciais” aproveitando-se da infraestrutura turística do país ou região. A definição, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), “turismo sexual” são “viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele, utilizando as suas estruturas, com a principal intenção de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino”, por outro lado, também se designa como um tipo de turismo em que, o motivo principal, de pelo menos uma parte da viagem, é o envolvimento em relações sexuais. Este envolvimento sexual é normalmente de natureza comercial.

No Brasil, o turismo sexual está atrelado e embrenhado numa identidade cultural exposta aos turistas em relação à imagem da mulher brasileira construída fora do país. Assim, como diz Silva e Blanchette (2005), afirmam que:

... o turismo sexual parece ser definido no campo legal-jurídico brasileiro de forma diferente, como algo muito mais específico: a violação por estrangeiros das leis brasileiras que regulam o comportamento sexual, mais precisamente, as leis contra pornografia, sedução, estupro, corrupção de menores, atentado violento ao pudor e tráfico de mulheres. É mister salientar que a simples contratação dos serviços de uma prostituta maior de idade não configura, por si só, um crime e, portanto, não deve ser entendida como turismo sexual nesta acepção do fenômeno. No plano do senso comum, porém, o turismo sexual é sinônimo do comportamento normativo dos turistas estrangeiros que frequentam as metrópoles costeiras brasileiras. De acordo com esta noção, turista sexual é aquele estrangeiro que busca parceiras nas praias do Brasil, seja qual for a qualificação legal e/ou social de tal busca. É mister salientar que a definição popular é preferencialmente aplicada àqueles estrangeiros que alugam os serviços de prostitutas.

Segundo Piscitelli (2006), essas imagens construídas em torno da mulher brasileira são expressivas em forma de atributos genuinamente depreciativos, com olhares numa sensualidade singular revestida de simplicidade, dotadas de um “calor” e falta de inteligência.

Recentemente, segundo o programa Repórter Record Investigação²³, da Rede Record de televisão, em 17 de março de 2016, pôde-se ver retratado histórias de mulheres que vivem no mangue, periferia de Recife - PE, se prostituindo por R\$ 5,00, o que se denomina de “prostituição do mangue”. Recife também é conhecida como um dos maiores pontos de turismo sexual do Nordeste.

²³ <http://noticias.r7.com/reporter-record-investigacao/videos/mulheres-do-mangue-jovens-vendem-o-corpo-por-r-500-para-comprar-crack-no-recife-pe-18032016>

Contudo, o turismo de pesca, tem na prostituição uma circunstância favorecedora do turismo sexual, oportunizando às prostitutas um outro campo de atuação, principalmente para àquelas de classes mais baixas.

Existe ainda a prostituição da estrada, vinculada a figura do caminhoneiro, em que normalmente são ofertadas a proposta sexual em postos de combustível ou nas paradas, pontos de apoio ou mesmo nas encruzilhadas das rodovias, nas quais os caminhoneiros são abordados, pelas prostitutas.

Ao percorrer a produção literária e acadêmica, pode-se constatar que a prostituição feminina se entrelaça em diversos circuitos e meandros sociais, como uso de substâncias entorpecentes e psicoativas, doenças sexualmente transmissíveis – DST's, criminalidade, marginalidade, tráfico de pessoas, violência, abuso e exploração sexual infantil, pobreza, entre outros. Nesse sentido, a prostituição amplia significativamente o campo da questão social envolvendo diversas determinantes psicossociais que a tornam uma problemática bastante complexa. A mulher prostituta copiosamente recebe estigmatizações quanto ao fato de exercer a comercialização do sexo, equivalendo a adjetivos depreciativos e, por vezes, à condição de dejetos sociais, sendo consideradas como destituídas de virtudes ou qualidades humanas. Desta forma, a prostituição continua como temática em voga, pois uma vez que tratamos de uma dialética histórica, havendo um movimento mútuo e complementar entre oferta e demanda, profissional do sexo e cliente, assim, salienta-nos a inquietação de estudos e reflexões, levando-nos a aproximar ainda mais das participantes da pesquisa.

2.4 A PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CAMPO GRANDE E EM MATO GROSSO DO SUL

Parte-se da reflexão frente à relação da prostituição e o fenômeno da globalização, aqui devendo ser entendido como um desdobramento ocorrido em virtude da era da industrialização e “evolução” do capitalismo, sendo caracterizado por ampliar o comércio internacional, abrindo e rompendo fronteiras para exportação e importação de produtos, mercadorias, sonhos, desejos, fantasias, entre outros, favorecendo prioritariamente o comércio de produtos variados e, aproximando dessa forma, o alcance das classes vulneráveis, pobres, mas não extremamente pobre como também as extremamente pobres²⁴, vislumbrar o poder de

²⁴ Classificação conforme a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do Governo, 2014 ano de referência, ficando assim discriminado, Extremamente Pobre, renda média familiar R\$ 854; Pobre, mas não extremamente pobre, renda média familiar R\$ 1.113; Vulnerável, renda média familiar R\$ 1.484; Baixa Classe Média, renda

compra e aquisição de produtos e mercadorias antes tão utópicos, trazendo consigo a promoção do desejo de consumir, a “necessidade” de possuir. Cria-se uma nova forma de ser e pensar, (re)significando a existência humana frente a materialização de coisas, expressa em consumo indiscriminado de objetos e bens de consumo, frente um rixoso apelo comercial de sentir e sentir-se enquanto ser humano, modificando a própria realidade psicológica dos indivíduos, mediante sua apreensão de mundo sensível e simbólico existencial.

Neste sentido, pode-se dizer que a globalização, abriu e ampliou as fronteiras, configurando novos espaços e livre circulação (produtos, insumos, pessoas, tecnologia), dirimindo a ideia de duradouro, no qual, o descartável sobrepõe-se. Automação e agilidade abrem alas para o imediatismo, assim, as relações humanas tomam novas dimensões.

Assim, ao se discutir o trabalho do profissional do sexo é necessário completar a totalidade da materialidade da vida social, a qual cada vez mais a dialética prostituição e trabalho se complementam, a inclusão e exclusão caminham juntas, dialeticamente como faces de uma mesma moeda. Fato é que a prostituição está presente tanto em grandes capitais, metrópoles urbanas, quanto em cidades interioranas, cidades ribeirinhas ou mesmo vilarejos distantes e afastados. Todavia, devido ao capitalismo impulsionar e intensificar a necessidade de buscar um espaço no mercado de trabalho, o acesso ao emprego atualmente apresenta-se de maneira desleal, a competitividade ainda é maior porque a procura por emprego é grande e a oferta é restrita e, acaba por impelir meninas e mulheres oriundas de classes pobres, a procurarem na prostituição uma solução mais rápida, ou seja, o capitalismo intensifica a possibilidade em recorrer-se à prostituição.

Além desse apelo, há a necessidade de sobrevivência num mundo em que o capital dita normas existenciais, devido a isso parcelas populacionais significativas situam-se à margem da sociedade buscando formas de garantir a vida para si e para os seus, neste contexto encontra-se uma significativa parcela da prostituição de mulheres de baixa renda.

Dialeticamente, as redes midiáticas promovem um ativo apelo e/ou apelação ao consumo, constituindo em forte e potente combustível na engrenagem do capitalismo. O alcance de propagação e influência catalisam em potenciais consumidores sem distinção de classe social, poder aquisitivo, localização geográfica, credo, sexo, faixa etária, entre outros, assim, abarcando uma transversalidade como o universo prostitucional de mulheres profissionais do sexo, afinal o capital vive da produção e para haver produção tem que haver consumo. Tal efeito torna-se circulante na realidade de meninas e jovens pobres sem nenhuma

ou, quase nenhuma, condição de manterem ao menos suas condições básicas de vida (alimentação e vestuário), ocasiona, assim, um desejo de possuir e alcançar esse mundo construído e elaborado virtual e simbolicamente no imaginário social. Ainda assim, pode-se inferir, que por se tratarem de privações materiais, o desejo seja na verdade a necessidade de sobrevivência.

Inicialmente percebe-se nesta pesquisa realizada sobre a prostituição as questões pontuadas acima constatadas por meio de levantamentos de publicações e matérias jornalísticas que na região do pantanal sul mato-grossense, nos municípios de Porto Murtinho, Miranda, Corumbá, Aquidauana, Anastácio, entre outros, é muito comum haver grupos de homens que vem ao estado em busca de lazer no turismo da pesca e também buscam na prostituição mais uma forma de diversão. Nos jornais e sites R7 da Rede Record News, Campo Grande News, O Progresso, Aquidauana on-line e G1 da Rede Globo, abordaram matérias e conteúdos alusivos à prostituição em torno do turismo sexual. Conforme algumas matérias, as famílias (pai e mãe) acabam por negociar suas filhas para turistas, uma vez que, tem nelas o sustento familiar e meio de alcançar o que promete o capitalismo na perspectiva de alcance de bens materiais. Portanto, os programas sexuais podem ser definidos para o ambiente reservado de barcos ou chalanas, como também em casas de prostituição mascaradas de pequenas pousadas populares, de baixo custo. Os grupos de turistas homens são informados de tais estabelecimentos e serviços por intermédio de algumas agências de turismo no ato da contratação, ou senão, quando chegam ao destino do turismo, através de profissionais locais. Encontrando, assim, um favorecimento ou mesmo oferta local da região para tal prática. Deste modo, é sempre observado que o trabalho prostitucional surge quando apresenta-se demanda para este e logo observa-se a exploração da prostituição.

Por outro lado, não se pode deixar de pensar na prostituição que acontece nas cidades e nos espaços urbanos, nos quais a competitividade e a luta pela sobrevivência também indicam processos de vulnerabilidade e riscos sociais que se apresentam na realidade diária de nossas cidades. Neste sentido, ao analisar a questão da prostituição sob a ótica espinosana, observar-se-á que Espinoza isenta-se de todo e qualquer forma de julgamento moral. Para o filósofo o que é de natureza da pessoa humana é a autoconservação, ou seja, o ser a perseverança no ser. “Nosso ser é definido pela intensidade maior ou menor da força para existir ...e da força para afetar e ser afetado por outros corpos. Ou seja, a desigualdade social gerada nos contextos da vida cotidiana gera formas de conatus diferenciadas na forma de agir de cada pessoa, assim pode-se compreender porque frente à pobreza surgem diversas formas de enfrentamento. Sawaia (2016, p. 19) nos diz “essa potência de vida ajuda a entender

porque as pessoas continuam a buscar a vida, mesmo na opressão, em tentativas desesperadas de promover encontros que compõe com seus corpos e mentes”. Por outro lado, não se pode dizer que essas formas de enfrentamento não ecoam sofrimentos, como poder-se-á observar mais adiante no texto resultado dos discursos das participantes desta pesquisa.

A prostituição ecoa em todas as esferas e classes sociais que existem na sociedade contemporânea, fato esse que precisamos esclarecer quanto às ramificações existentes da prostituição. Todavia, o ato prostitucional classifica-se em escalas de prostituição masculina e feminina. Como resultado e análise das informações desta pesquisa foi possível identificar que a prostituição feminina na capital de Mato Grosso do Sul, divide-se em prostituição de baixa renda e prostituição seletiva de média e alta classe. Essa classificação é decorrente das participantes que estabelecem tal distinção, tendo em vista suas próprias experiências e observações de outras distintas categorias de profissionais do sexo e formas diversas de praticar a prostituição conforme o nível social do público de clientes a serem atendidos e os espaços destinados a comercialização sexual.

Na prostituição de baixa renda, encontramos a prostituição de rua, bar, vila, casas de massagem e boate popular. Enquanto que na prostituição de média e alta classe, encontramos a prostituição de sites, locais de luxo, boates e casas de show, conforme quadro ilustrativo:



Fonte: Pesquisadora Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães, 2015.

Logo, as mulheres ainda hoje são motivadas e atraídas pela prostituição devido ser uma das poucas atividades disponíveis, de geração de renda, sem exigências contratuais, para àquelas de classes mais baixas e que pagam muito, frente à realidade econômica vivida por elas. Podendo ser uma prostituta de baixo custo, ganhe mais que, um trabalhador registrado sem especialização e ou qualificação. Afinal o trabalho sexual também tem um alto custo no âmbito de sua força de trabalho.

Também, é importante compreender que, o ser humano se constitui a partir de um tempo e espaço, que corrobora para sua existência, ora encontra-se permanente e fixo, ora volante e circulante, na diáspora, na migração, a seu tempo, que configura o homem em movimento. Segundo Dantas & Moraes (2008) o território define-se a partir de sua rede de interações, seus limites e fronteiras são estabelecidos de forma mais flexível, sua compreensão torna-se mais complexa. Assim como foi relatado ao longo da história da prostituição, é possível identificar uma necessidade inerente da prática de comercialização do sexo, o movimento de ir e vir em busca de clientes ou como forma de demonstração de disponibilidade para o sexo comercial, pois só existe a prática da prostituição onde, há demanda para tal.

Segundo Francisco & Almeida (2007) as atuais reconfigurações socioespaciais compreendem realidades dos espaços sociais²⁵, pois norteiam as novas pesquisas que vêm se multiplicando, abrindo o debate sobre as forças operantes na produção do espaço, os novos padrões de segregação urbana, sobre a nova geografia da pobreza e da vulnerabilidade social, que possui uma implicação direta sobre os movimentos dos sujeitos em sociedade.

Quando é flexionada a relação de trabalho e território, Francisco & Almeida (2007, p. 20) discorrem:

...ainda pouco se sabe sobre o modo como os processos em curso redefinem e interagem com a dinâmica societária, a ordem das relações sociais e suas hierarquias, as práticas sociais e os usos da cidade, as novas clivagens e diferenciações que definem bloqueios ou acessos diferenciados aos seus serviços e espaços. Ainda será preciso decifrar o modo como as atuais reconfigurações econômicas e espaciais redesenham o mundo social e seus circuitos, os campos práticos e relações de forças. Vistas por esse ângulo, as realidades urbanas vêm apresentando desafios consideráveis. As referências gerais sobre emprego e desemprego, transformações sociodemográficas e formas de segregação urbana esclarecem pouco sobre configurações societárias que embaralham as antigas clivagens sociais e espaciais próprias da “cidade fordista”, com as suas polaridades bem referenciadas entre centro e periferia, entre trabalho e moradia, entre mercado formal e mercado informal.

É bem verdade que a prostituição não estabelece um único território para a comercialização do sexo, porém foi possível identificar e analisar em alguns casos o pluriterritório prostitucional²⁶, conforme determinados grupos de prostitutas e poder de comando de algumas líderes entre elas. Percebemos claramente a necessidade de distinção

²⁵ Espaço social, conforme Souza (2008, p. 160), ou seja, de que se trata de “um produto [...] das relações sociais [...] e, ao mesmo tempo, parte integrante da totalidade social concreta”.

²⁶ Por pluriterritório prostitucional, pretende-se orientar que a prostituição possui conforme as ramificações de comercialização sexual, variados locais e regiões da cidade para o exercício e oferta da prática sexual.

entre grupos de prostitutas e grupos de travestis, o que define uma territorialidade e segregação para cada grupo, facilitando inclusive o movimento de oferta e procura, clientes e produto/mercadoria. Assim, alguns “pontos” prostitucionais são maximizados ou potencializados devido ao alto fluxo de clientes ou por classificação de perfil diferenciado deles, o que gera uma seleção das garotas de programa, com critérios definidos normalmente por aquela profissional do sexo com maior tempo de experiência no mercado ou nas ruas e, com o empoderamento e reconhecimento instituído pelo grupo.

A definição de territorialidade da prostituição de rua no centro da cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, entrelaça-se com aspectos de seguridade grupal, visibilidade das profissionais do sexo, visibilidade da prostituição, garantia de clientela, entre outros.

Como já apontado anteriormente, participaram da pesquisa 08 (oito) mulheres, das quais, 07 (sete) compreendiam a faixa etária entre 23 a 35 anos e, apenas uma, acima dos 50 anos. Compunham a classe de extremamente pobres, 06 (seis) mulheres e 02 (duas) mulheres de baixa classe média²⁷. Sete delas vinham de um contexto familiar constituído por pai, mãe e irmãos e, uma das participantes de pesquisa, foi criada em instituição de acolhimento e proteção à criança e adolescente, não tendo conhecido sua família de origem. Quanto aos estudos apenas 02 (duas) iniciaram o ensino médio, porém não concluíram e, 06 (seis) delas não possui o ensino fundamental.

Destarte, a pesquisa apresentou como perfil das participantes composto por mulheres jovens, de baixa renda, com baixo poder aquisitivo, sem instrução educacional formal, sem qualificação profissional, que se depararam com a necessidade de sobrevivência e perceberam na prostituição uma rentabilidade rápida e sem exigências empregatícias, assim como aquelas obrigações impostas pelo mercado de trabalho formal, tais como escolaridade, experiência profissional prévia na área de atuação, entre tantas outras. Pode-se constatar a relação direta da prostituição como uma fonte de renda com maior brevidade e de solução rápida:

Um dinheiro fácil, um dinheiro rápido... (Lírio²⁸)

É um dinheiro muito fácil... É um dinheiro que vem muito fácil. (Margarida)

²⁷ Classificação de acordo com a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do Governo, 2014 ano de referência.

²⁸ Foi dada oportunidade para as participantes escolherem de que maneira gostariam de ser identificadas na pesquisa de tal forma que fosse preservada a identidade de cada uma delas, assim, sugeriram que usássemos “nomes de flores”, portanto, todas elas identificação das participantes da pesquisa.

De acordo com o exposto pelas participantes da pesquisa o escape percebido na prostituição foi para suprir em primeira instância necessidades básicas de sobrevivência com celeridade de tempo, assim como mencionado:

Eu num acho um dinheiro fácil assim... você pega pessoas de vários tipo assim... mas é um dinheiro rápido. Eu acho que é um dinheiro que a gente não valoriza muito. A gente sabe que daqui a pouquinho a gente consegue de novo. (Jasmim)

Entenda-se conforme exposto, que o dinheiro fácil está para o tempo de chegada do mesmo e, não pelo meio utilizado para consegui-lo, ou seja, o ato de prostituir-se, expondo seu corpo e intimidade a outro desconhecido não é uma condição fácil para conseguir ganhar dinheiro, todavia, sempre existirão clientes a procura desse tipo de comercialização sexual.

Identificou-se²⁹ no relato de algumas mulheres prostitutas ao dizerem quanto ao desejo de compra de produtos e mercadorias, tal como uma TV de 50 polegadas, ou mesmo, um celular de última geração, bastava esforçarem-se durante uma semana de trabalho intenso, que conseguiam comprá-los à vista, em dinheiro. Caso contrário, estivessem trabalhando no mercado como assalariadas e mensalistas, talvez precisassem de um ano de economias para conseguir realizar o desejo de consumo.

A comercialização do sexo de forma livre e desimpedida proporciona o vislumbrar do alcance de consumo de produtos e mercadorias ora sonhados e tidos como longe do alcance e improváveis de obtenção, ou mesmo, aquisição daquilo que seria básico, gêneros de primeira necessidade. A busca por solução em atender o desprovido, promove o encontro com a prática da prostituição, conforme percebe-se no discurso da participante da pesquisa:

La pra escola, quando tinha o sapato não tinha a calcinha, quando tinha a calcinha não tinha o short, quando tinha o short não tinha a borracha... E foi me estressando, eu falei “eu vou ganhar grana” (Violeta)

Portanto, para Violeta, a maneira mais rápida encontrada para conseguir dinheiro foi percebida na venda do sexo. Minayo (1992), considera que essa problemática se afigura como um fenômeno urbano, resultante das condições geradas pelo modelo econômico social e político capitalista.

Tudo aquilo ao qual me esforço por conseguir é porque de certa maneira é um bem para a continuidade aos enfrentamentos que tenho na vida cotidiana. Todavia isto pode ser ilusório na medida que ao mesmo tempo em que me traz um bem me faz um mal, a esta

²⁹ Informações levantadas por meio de diário de campo.

afetação ilusória, que me mantém na passividade, o que diria Espinosa servo das causas externas, ele chama de paixão, “assim não ajo, mas re-ajo, sou re-ativo e não ativo”. (Sawaia, 2016, p. 18)

A prostituição de vila ou bairro (periferia), não foi ponto de análise da pesquisa, porém é importante salientar que na prostituição de baixa renda é muito comum ocorrê-las, uma vez que a necessidade financeira e econômica não permite que haja uma circulação, movimentação e deslocamento das profissionais do sexo, para regiões centrais da cidade, porque implica em gasto financeiro, assim preferencialmente elas mantêm-se nas imediações de suas residências ou sujeitas a alguma casa com codinomes de “casa da luz vermelha”, “*sweet love*”, entre tantas outras, ou mesmo, sem uma identificação prévia e/ou formal, muitas na formação de discreta e reservada, pois encontram-se em vilas populares.

As participantes da pesquisa têm como território o quadrilátero das ruas 07 de setembro, 15 de novembro, Calógeras e 14 de julho, sendo nessas ruas a prostituição considerada de “de rua”, na qual as prostitutas são abordadas por seus clientes mediante a proposta de trabalho e na sequência conforme estabelecem e contratualizam verbalmente o tipo de programa se dirigem a algum motel ou algum lugar ermo dentro do próprio veículo; tem-se também, o entorno da “rodoviária velha”³⁰, que compreende as ruas Dom Aquino com Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco e Vasconcelos Fernandes, nessa imediação a prostituição é realizada em pequenos quartos que são destinados e separados por comerciantes da região para a prática da comercialização do sexo, havendo dessa forma a garantia de segurança e proteção das mulheres profissionais do sexo por parte desses comerciantes daquelas imediações. Identificou-se a prostituição na rua Costa e Silva, outra região da cidade. Nessa região, existe claramente o espaço determinado para os travestis e michês, o espaço para as prostitutas e, o espaço para os traficantes. Já na “rodoviária velha” existe a figura de uma líder mulher, mais velha na prática da prostituição e que, assume um papel de “guardiã” para àquelas consideradas novatas na atividade ou mesmo que ela intitulava como as mais vulneráveis e sujeitas a serem trapaceadas por clientes. No entanto, essa “guardiã” acabava por fechar programas em três, para uma possível prática de “*swing*”³¹, ficando esta com a maior parte do valor do programa e adquirindo o sentido exploratório da prostituição.

³⁰ A expressão “rodoviária velha” refere-se ao fato, de que até o ano de 2009 o Terminal Rodoviário de Ônibus Interestadual “Heitor Eduardo Laburu”, localizava-se no bairro Amambai, região central de Campo Grande – MS e, desde então, foram transferidos os serviços para novo endereço, prédio novo, intitulado Terminal Rodoviário Antônio Mendes Canale, situado na saída para São Paulo, daí o surgimento da expressão “Rodoviária Velha”.

³¹ O *swing* ganhou várias denominações ao longo dos tempos e na Idade Moderna foi retomado mais assiduamente durante a Segunda Guerra Mundial por pilotos norte-americanos. Nos anos 60, era apelidado de

No quadrilátero geográfico mencionado, a relação de poder se estabelecia através da figura de um cafetão que promovia a organização e segurança das profissionais que ali se fixavam, assegurando o controle daquela região ou espaço.

Essa definição clara de território e espaço para o mercado do sexo, assim como diz Tuan (1983), o lugar tem o significado de uma localização de lealdade apaixonada de definição e significado. Desse modo, segundo Silva (2000), o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, no qual são desenvolvidos laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” sendo a expressão da constituição do mundo pessoal e subjetivo, envolvendo a instituição do eu em relação ao outro.

Os espaços e territórios assumem conforme a circulação de pessoas e horário um determinado ambiente e algumas regras de convivência são instituídas em torno desses lugares. Durante o dia o mesmo lugar pode ser simplesmente uma área residencial e ou comercial e no período noturno assumir uma identidade de região e localização de prostituição. Desta forma, o território assume suas multifacetadas características e peculiaridades intrínsecas à dinâmica da prática prostitucional e, entre outras atividades.

wife-swapping e era um acordo entre homens para trocar de esposa. Nos dias atuais, porém, as mulheres também decidem ativamente quanto à escolha dos parceiros. Em teoria, *swing*, hoje em dia, é a prática sexual de um casal que inclui pelo menos mais uma pessoa – homem ou mulher – na relação. Todavia, não existe consenso em relação à sua abrangência, e, tradicionalmente, era apenas uma relação sexual, com ou sem penetração, entre casais.

3.1 REFLEXÕES SOBRE A AFETIVIDADE E AS AFECÇÕES FAMILIARES DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO

O aspecto familiar surge como ponto em destaque dos afetos vividos e experienciados pelas participantes da pesquisa, enquanto situação inquietante no que tange suas relações parentais de vínculos que se rompem ou se fragilizam devido o contexto familiar não atender “expectativas pessoais” na ordem de “família cuidadora”, mesmo porque, essa conceituação de “família cuidadora” é cultural e política, ou seja, ao se determinar à família o cuidado impõe-se uma perspectiva condicionante de controle, organização social e política do Estado.

A organização contemporânea da sociedade se estabelece ainda hoje na constituição e formação de núcleos familiares pré-existentes e existentes. Segundo Airès, (1981) até o século XV a família era:

...uma realidade moral e social, mais do que sentimental. ...A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e, quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem (Airès, 1981, p.231)

O termo família vem do latim *famulus*, que significa servidor, “escravo doméstico e, família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem” (ENGELS, 1985, p. 60). Na antiga Roma “família” também simbolizava *domus*, que representava casa, ou seja, todos aqueles que viviam sob o mesmo teto, sujeitos a uma mesma dominação, que era caracterizada pela figura do pai e senhor. Segundo o autor citado, esta expressão foi criada pelos romanos a fim de denominar uma nova forma social que tinha como característica principal o poder do chefe sobre a mulher, os filhos e os escravos e ainda detinha o poder de vida e morte sobre eles.

Engels (1985) apresenta a primeira etapa da evolução da família, como sendo a família consanguínea. Eram características desta fase a convivência entre parentes e a relação matrimonial entre pessoas de um mesmo grupo. Este tipo de família fôra substituída pela família punalua. Na família punalua o matrimônio era realizado dentro dos grupos, mas com interdição, proibição da relação sexual entre irmãos e irmãs. Dessa forma, era apenas possível reconhecer a linhagem feminina, o que quer dizer que somente era possível saber quem era a mãe, não sendo possível saber quem era o pai. Seguindo a evolução da família, posta por este autor, veio a família sindiásmica ou pré-monogâmica; ainda na fase do matrimônio grupal, já se formavam uniões por pares de duração mais ou menos longa. Nesta

fase teria surgido o chamado direito materno, sendo a mulher considerada mãe e chefe da casa, possuindo uma significativa e expressiva posição na família e na sociedade.

Assim, nesse contexto, a família monogâmica e a indissolubilidade do casamento se fundamentam, prevalecendo ao homem o direito de tal ato de separação, se assim fosse necessário, sustentação essa que se baseava no poder e autoridade instituídos a ele.

Segundo Engels (1985, p. 68), a origem da monogamia não foi resultado do amor sexual individual ou de uma reconciliação entre mulheres e homens, mas sim ao condicionamento de um sexo a outro. Para Engels, (...) o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. Simões (2007, p. 175-176) nos apresenta uma nova contextualização atual de família:

A família constitui a instância básica, na qual o sentimento de pertencimento e identidade social é desenvolvido e mantido e, também, são transmitidos os valores e condutas pessoais. Apresenta certa pluralidade de relações interpessoais e diversidades culturais, que devem ser reconhecidas e respeitadas, em uma rede de vínculos comunitários, segundo o grupo social em que está inserida.

De acordo com Reis (1989), “é na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro “nós” a quem aprendemos a nos referir”. Isto se deve ao fato de que, quando nasce, o indivíduo não é por si só membro de uma sociedade, mas “nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é introduzido a tomar parte da dialética da sociedade” (BERGER, 1995, p.173).

Antes da industrialização tínhamos uma realidade e contexto familiar que definia papéis e relações de poder, embrincado em figura de autoridade e figura de submissão, salvaguardando a reprodução da força de trabalho e garantindo as propriedades e bens. Conviveu-se também com um contexto de lares/oficinas, de agricultura familiar em que os filhos eram tidos como produtores, assim se representava a divisão do trabalho, na figura de um filho a mais, como novo membro, que surgia para fortalecer a produtividade e rendimento/riqueza familiar, enquanto força de trabalho.

Por assim dizer, temos também, a família monoparental, expressão essa que foi utilizada por Nadine Lefaucher, conforme menciona Vitale (2002, p. 47), “...unidades

domésticas em que as pessoas vivem sem cônjuge, com um ou vários filhos com menos de 25 anos e solteiros”.

O contexto originário familiar das participantes da pesquisa referenda-se na família monogâmica, constituída por pai, mãe e filhos, havendo submissão da figura feminina. Assim, constata-se que o ambiente familiar está para um espaço opressor e a prostituição torna-se uma estratégia de enfrentamento ou de busca de algo que lhe permita alcançar uma vida diferente e possivelmente não tão privadora, restritiva e opressora quanto a convivência estabelecida no contexto familiar e da casa.

Em detrimento a isso, nas famílias das mulheres participantes desta pesquisa nota-se uma reconfiguração familiar, em que essas mulheres se apropriam de uma posição de organizadoras de suas famílias e, para essa nova condição o homem (pai/marido) pode não ser necessário. Em algumas situações onde a figura de pai e marido foram agressores e opressores dessas mulheres, a exclusão da presença masculina, funciona como uma tratativa, uma libertação, ao passado de sofrimento vivido com tais personagens.

A essa realidade, destacamos algumas das participantes da pesquisa em que suas histórias de vida demonstram romperem com o modelo de configuração familiar cristã e burguesa. Elas tornam-se provedoras, esteio familiar, sem a participação da figura masculina como marido e uma ausência de figura paterna para seus filhos:

Mulher sozinha, com três filhos não é fácil... eu engravidei de um cliente, estorou a camisinha. A minha filha caçula é de um cliente. (Lírio)

Daí eu sei que quando eu tive um menino eu fui obrigada a parar, né! Fazer as loucuras, porque eu sempre falo que ele veio pra me salvar. (Violeta)

...eu tenho dois filhos precisando de mim, e eu não tenho ninguém pra me ajudá mesmo não, ninguém mesmo assim, vou falá assim essa é tua família, eu deixo meu filho com esse outro, grandinho... (Rosa)

Observa-se que Lírio possui fortemente o desejo de rejeição da figura masculina, pois suas experiências pessoais familiares e na prostituição caracterizaram-se pela presença masculina representando perigo e ameaça à integridade física e emocional da mulher. Enquanto afeto paixão, a aversão tende a expressar uma anulação de uma possível relação de convivência e relacionamento efetivamente interativo entre homem e mulher. Nesse sentido, pode-se colocar o sentido da desigualdade contida nas relações travadas entre o masculino e feminino que se acentuam quando se tratam de trabalho prostitucional. A mulher assume a posição de mercadoria comprável, por certo essas relações demonstram o quanto são

desiguais em toda a sua extensão, pois historicamente à mulher foi delegado um papel coadjuvante ao do homem e de profunda subordinação aos desejos destes chegando inclusive a ser objeto de sua posse. A esta submissão é que Lírio rejeita e que se traduz enquanto sofrimento interno da não possibilidade de escolha inclusive da paternidade de seus filhos.

Por outro lado, é justamente na figura do filho que Violeta, descobre na existência da resignificação, da esperança, na dialética contradição da opressão vem a possibilidade de esperança num futuro melhor concretamente na presença do filho. A criança é o esquadramento do amor enquanto ampliação da vida que lhe proporciona uma nova possibilidade de refazer a vida e a convivência social.

Para Rosa, seu filho mais velho de 10 (dez) anos, torna-se o responsável pelo irmão de 06 (seis) anos. Ambos têm responsabilidades para cuidarem da casa, e nesse cuidado contempla a organização e limpeza, enquanto, Rosa trabalha para trazer o sustento da família. Estão regularmente matriculados e frequentam corretamente a escola, demonstrando responsabilidade e comprometimento, pois quando em casa, antes de executarem os afazeres domésticos, precisam estudar e fazer as tarefas e trabalhos escolares, para daí então, cuidarem da casa. Rosa adota como princípio de educação para os filhos que o primordial é estudar para conseguirem uma profissão digna e promotora de um futuro melhor do qual estão vivendo hoje. Fica claro que nesta relação familiar existe parceria e cooperação, para juntos construir o futuro.

Tem-se aqui, uma clara demonstração de que ainda assim, é melhor viver sem tais figuras masculinas, agressoras e coercitivas, em detrimento a correr o risco de sofrer novos e diferentes abusos e violências, ou mesmo, permanecer na retroalimentação da pobreza, violência e privações.

Portanto, conforme nos diz Oliveira (2011) a família “...constitui-se como instituição histórica, dinâmica e dialeticamente construída... se configura também como entidade de consumo e reprodutora da força de trabalho, uma vez que a exploração se dá nas relações entre capital x trabalho, se manifesta nas condições de subsistência das pessoas”. Ora imperante pelo modelo capitalista de organização social, que se retroalimenta no estímulo ao consumo. Ainda segundo Oliveira (2011):

...as transformações na sociedade influíram diretamente nas visões de espaço e gênero, antes cristalizadas, que movimentaram o convívio nos núcleos familiares, inserindo as mulheres na cena do espaço público, o trabalho fora dos afazeres domésticos, anteriormente de predominância masculina.

No momento contemporâneo não mais estamos vivendo sob uma única ótica de conceito familiar, não se pode definir ou qualificar uma constituição familiar perante um modelo único e estanque, ou seja, atualmente nos deparamos com diversificadas configurações familiares. Por outro lado, foi possível extrair que o resultado desta pesquisa identificou que 75% dos sujeitos da pesquisa são originariamente de famílias nucleares constituídas com a formatação da figura paterna e materna, na qual a mãe e mulher, apresentava-se na condição de submissão à figura masculina, a exceção de uma participante que foi criada em abrigo, instituição de acolhimento de crianças e adolescentes. São de origem socioeconômica desfavorável, que devido à busca pela sobrevivência financeira e emocional culminou no abandono do núcleo familiar de origem, de maneira que encontraram na prostituição a forma de enfrentar as adversidades da vida. Neste sentido, Espinoza nos diz que “não nos cabe condenar, vituperar, lamentar ou desprezar os homens por sua condição servil e infeliz, pois não cabe dizer que eles nela se encontram por culpa própria ou por um vício inerente à natureza humana.” (Chauí, 2011, p. 149). É necessário, portanto contrapor a todo tipo de opressão e procurar uma possibilidade de que os homens por si obtenham condições diferenciadas de exercer sua plena liberdade serem felizes.

Assim, embora o que podemos perceber nas falas de alguns participantes da pesquisa, a inversão do estabelecido na Constituição Federal, artigo 227, que descreve os direitos fundamentais, que assim se apresenta, “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Apesar do que a Constituição Federal nos apresenta, ponderamos que a família e o contexto familiar hoje vivenciado por uma expressiva parcela da população está negligenciada pelo Estado e sofre as mazelas de um sistema capitalista que impõe ditames a vida econômica e familiar que estão refletidas em desigualdade social no aspecto macro da sociedade configurando-se em desarranjos e desajustes intrafamiliares que ecoam em sofrimento e prejuízos. Percebe-se um Estado que contorna e desqualifica a condição de famílias pobres e miseráveis, as quais estão cerceadas de condições mínimas para sobrevivência, que as coloca em situações de instabilidade social, são desconsiderados em suas diversidades e adversidades no modo de viver. Assim, constatamos nos relatos das participantes da pesquisa aqui expressos, aspectos de ordem econômica/financeira com transversalidade direta na afetividade:

...por quê eu vô voltá pra casa do meu pai, se ele não me dá um leite, me dá uma fralda, claro que ele nunca compro uma fralda pra mim. Ele nunca chego em casa e disse toma pega esse lápis aqui, esse lápis é pra você estudá, ele nunca chego e disse isso pra mim, pois quem dava meu material era a mãe da minha mãe. Aí eu peguei e desisti, eu disse não, eu vô pra rua. (Dama da Noite)

...meu pai me jogou pra fora de casa, eu fiquei sem ação né... Com minha filha, aí eu revoltei, revoltei, eu fui bem criada, de repente ele, ao invés de me dar uma força, me apoiar, eles me jogaram. Minha mãe não! Meu pai, né! (Girassol)

...acho que foi tudo por causa de estrutura mesmo, né, assim, de muita briga em casa, né, muito confronto dentro de casa, você não tem paz no teu lar, não tem paz dentro de casa, o único lugar pra você ter um afeto, daí você não tem... (Violeta)

Antes dos 13 anos foi ruim né, porque eu sempre via meu pai bater na minha mãe, então você vai crescendo com aquilo, entendeu, aí eu resolvi sair de casa, então, não tive infância, não tive, se eu falar que tive infância, eu não tive infância nenhuma, estudei até quarta série, aí me perdi, engravidei, foi bem ruim, pra mim. (Tulipa)

Tem-se, portanto, conforme exposto, a direta representação da diminuição da potência de agir, especificamente na ocorrência de experiências que motivam o surgimento de afetos tristes, tais como o ódio, desprezo, aversão, dentre outros, havendo enfraquecimento na capacidade de agir, pois tais afetos são gerados por uma ideia inadequada da realidade. Nas experiências de sofrimento da população estudada são manifestadas pela mediação da linguagem, a qual expressa que seu sofrer evidencia a dominação oculta nas relações do capital que oprime e lhe retiram oportunidades de vida como se as condições lhes impostas fossem naturais, assim Espinoza nos diz “os homens são servos e infelizes, mas não por uma escolha voluntária livre nem por uma degeneração de sua natureza”. (Chauí, 2011, p. 149)

Diante desses relatos, a família que poderia ser o espaço de convivência e construtora de vínculos afetivos proporcionadores de um desenvolvimento favorável e sadio à criança ou adolescente, apresenta-se de forma antagônica, como um ambiente gerador de opressão, sofrimento, discórdia, insegurança, violência, desprovido material, afeto, entre outros. A reflexão não vai de encontro a culpabilizar ou a vitimizar à família das mulheres participantes desta pesquisa, pois sabe-se, conforme já exposto acima que relações de desigualdade social podem gerar ambientes de violência, de sofrimento e insegurança para todos os membros que a compõe, reproduzindo-se continuamente, se não houver a quebra deste ciclo. A família, portanto, é um dos segmentos da sociedade que também está desassistido e desprotegido pelo

Estado, demonstrando claramente que há necessidade de intervenções de políticas da assistência social.

Ainda que o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, por meio dos Centros de Referência em Assistência – CRAS e os Centros de Referência Especializado em Assistência Social – CREAS, deva priorizar o atendimento às famílias em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza e, em situação de risco pessoal e social. Conforme explicitado por Cruz, Rodrigues e Guareschi (2013, p. 11) “o SUAS prioriza a família como foco de atenção e o território como base da organização de ações e serviços em dois níveis de atenção: a proteção social básica³² e a proteção social especial³³”, todavia as medidas de intervenção ainda são insuficientes para que possa modificar efetivamente a vida das pessoas, principalmente porque como Marx (2007, p. 32) nos coloca que “os homens tem de estar em condições de viver para poder fazer história. Mas, para se viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais”. O Estado neste sentido, por representar sempre interesses da classe dominante não consegue fazer valer de transformações significativas na vida daqueles que necessitam deles, assim é possível afirmarmos hoje os grandes avanços nas políticas públicas, todavia ainda persiste a continuidade da questão social que permanece imbricada nas desigualdades socioeconômicas da sociedade contemporânea.

Estamos diante de realidades familiares, inviabilizadas de cumprirem e exercerem o modelo de família cuidadora e protetora, apregoadado pelo padrão cultural brasileiro, circunscrito numa vertente cristã e burguesa, com ditames próprios para cada papel familiar de seus membros, o pai, a mãe, os filhos, entre outros.

Em Vygotsky (1994) podemos incluir a dinâmica e elo estabelecido entre o processo de mediação e o contexto familiar, este sendo apresentado como campo de existência para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Assim, aprendendo a estabelecer construções e internalizando experiências de forma gradativa por intermédio de instrumentos, signos e símbolos vividos a priori nesse primeiro espaço social, a família.

Pode-se constatar que as participantes da pesquisa tiveram experiências e vivências na fase da infância que segundo Vigotski (1994), podem não ter proporcionado um processo de maturação saudável e construtivo, pois o processo de aprendizagem estimula e empurra para frente o processo de maturação, para o desenvolvimento da criança. Conforme o contexto e a

32 Objetiva prevenir situações de risco através do desenvolvimento de potencialidades, aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, com precário acesso aos serviços públicos e/ou fragilização de vínculos afetivos, sendo o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) o equipamento público onde se desenvolve esse primeiro nível atenção. (Rodrigues, Guareschi e Cruz (2013, p. 11)

33 É desenvolvida no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), caracterizando-se como a modalidade de atendimento destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de maus tratos físicos e/ou psíquicos, abuso sexual, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de trabalho infantil, dentre outras. (Rodrigues, Guareschi e Cruz (2013, p. 12)

condição do ambiente familiar, a criança ao interagir com ele descobrirá e internalizará emoções, afetos, sentimentos e informações onde a troca com os membros de sua família e consigo mesma promoverão o apreender conhecimentos, papéis sociais, valores ou (des)valores. Não obstante a condição familiar destituída de suporte e condições ao desenvolvimento de uma criança ou adolescente como fator desencadeante à prostituição, deparamo-nos também ao fenômeno da prostituição infanto-juvenil recorrente em muitos estados brasileiros e velada pelas esferas sociais de garantia de direitos da criança e adolescentes, quanto à precocidade da atividade prostitucional mesmo numa idade de tão grande vulnerabilidade. Assim como nos apresenta Hernández-Truyol & Larson (2006):

...a busca de satisfação sexual recorrendo a um sujeito mais vulnerável e fragilizado (no caso, uma criança ou adolescente) em troca dos mais variados meios de gratificação configura uma forma de violência sexual e uma violação de suas necessidades de crescimento. No processo de preparação biopsicossocial gradativo no qual se encontram, esse tipo de experiência coloca-se como uma ruptura na formação desses sujeitos, que se veem obrigados a responder a determinadas situações para as quais ainda não estariam habilitados.

A pausa aqui estabelecida é para expressar que ecoam outras necessidades de exploração em pesquisa, foco distinto ao que se encontra em curso, porém, registra-se o emergir de novas propostas, uma vez que se evidencia a amplitude do tema e a riqueza do mesmo. A presente pesquisa norteia-se por meio das similitudes envolvendo as histórias de vida das participantes de pesquisa, nas quais destacam-se nervuras marcantes e dignas de menção e análise, estas denotam as expressões da questão social no cerne de suas desigualdades que geram sofrimentos vivenciados pelas participantes da pesquisa denotando materialidades da vida cotidiana e social expressa nas injustiças sociais que devem ser denunciadas e retiradas da invisibilidade para que em algum momento possam ser geradas formas de contrapor às naturalidades impostas pelas ideologias dominantes.

Das histórias de vida das participantes da pesquisa, em nenhum caso houve uma experiência prévia ou mesmo próxima com a realidade do mundo da prostituição. O fato é, houve uma aproximação com a prática de comercialização do sexo como forma de sustendo, pela precisão do ganho de um recurso financeiro em caráter de brevidade de solução e atendimento a necessidades urgentes ou imediatas.

Exceto Jasmim, todas as demais participantes tiveram problemas de relacionamento com a família de origem. Jasmim pouco falou de sua família, infância e adolescência e, em momento algum mencionou a presença e participação de seu pai durante a infância e

adolescência. Basicamente a família era formada pela mãe e uma irmã, que possuía uma filha, sobrinha de Jasmim, que a tratava com muita indignação e preconceito, pelo fato de viver da prostituição. Muitas vezes a prostituição era motivo de discussão e brigas entre Jasmim e sua sobrinha, mesmo ela sabendo que o dinheiro que sustentava a família, provinha da prática comercial do sexo. Desta forma, as participantes da pesquisa apresentam suas histórias de vida marcadas sempre por situações de violência e sofrimento expressas aqui em seus depoimentos:

1. **Violeta**, sua família era formada pelo pai, a mesma o qualifica como “mulherengo” e alcoólatra, a mãe muito trabalhadora, que sustentava a casa, filhos (duas irmãs e um irmão) e marido, não se relacionava bem com as duas irmãs e haviam muitas brigas em casa, o irmão morreu em acidente de trânsito, atropelado por uma pessoa alcoolizada e, tal episódio desestruturou toda a família, principalmente o pai que se tornou alcoolista a partir de então.

...12 anos na época ele tinha, isso aí desestruturou a família inteira. Por causa de um bêbado atropelou ele, aí meu pai virou... virou o bêbado. Daí ele ficou assim, a família ficou assim desse jeito, mas minha mãe é uma pessoa muito boa, meu pai também, só minhas irmãs que eu não me relaciono bem, nem é importante. (Violeta)

Ela tinha o sonho de conhecer outros lugares, viajar, passear, se vestir e comer bem, conhecer pessoas novas, conhecer outros países, ser modelo profissional. Entrou no mundo de agências de modelos aos 16 anos de idade, porém, como era desprovida de recursos financeiros que a ajudasse a firmar-se enquanto profissional, acabou sujeitando-se à prostituição paralela que existe no mundo das agências de modelos, atrelado a isso veio o uso e a dependência de drogas. O fato é que não se trata de uma decisão fácil e causam marcas na vida de quem a pratica sem o desejo primordial ou disposição satisfatória de fazê-la, impulsionada tão somente pela necessidade e pela busca de sobrevivência.

Ficaram feridas, ficaram cicatrizes, né! Quem falar que é facinho você deitar com um gordo, um gordo de 200kg que você não tem afeição nenhuma por ele, que é uma vida fácil que ponha o filho pra prostituir um dia ou vá se prostituir um dia pra ver se é gostoso, né! (Violeta)

No postulado 2, da Ética, parte III, temos:

O corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou os traços dos objetos. (2015, p. 99)

Assim, tem-se um corpo que está para as transformações, na condição dinâmica de ser modificado por intermédio dos afetos.

2. **Rosa**, por sua vez, não conheceu sua família e, desde bebê foi criada em uma casa de acolhimento e proteção à criança e adolescente e, não experimentou a oportunidade de ser adotada. Sua formação constituiu-se dentro da estrutura de “instituições de abrigo”, nunca vivenciando o funcionamento da “instituição família”. Casou-se cedo, estabeleceu uma família aos 15 anos de idade, marido trabalhador, conquistaram casa própria e mobiliada, carro, tiveram um filho, até que houve uma traição do marido que foi descoberta por Rosa. Ele sai de casa, depois se arrepende e pede para voltar. A amante inconformada mandou matar o marido de Rosa e, ainda não satisfeita roubou-lhe o filho e desaparece com ele. Deste modo, Rosa fica desesperada e passa a traficar, se prostituir e andar na noite, para ter contato com o maior número de pessoas, com o intuito de tentar encontrar uma pista do paradeiro de seu filho.

3. **Girassol** vinha de uma baixa classe média, pai funcionário público federal, policial federal e, mãe “dona de casa”, “do lar”. Pai possuía um perfil autoritário e dominador, já a mãe submissa e seguidora de princípios cristãos em igreja protestante. Engravidada aos 17 anos, situação essa que gerou conflitos e (des)ajuste familiar, principalmente na relação paterna. Seu pai permitiu que ficasse ainda vinculada à família até completar 21 anos, quando entendeu que já era maior de idade a expulsou de casa com a filha (neta), sem nenhum tipo de recurso ou apoio necessário.

*Quando eu fiquei de maior, 21 anos né, daí ele mandou eu me cuidar, se virar, ele já não aceitava mais eu dentro de casa, mãe solteira, não aceitava eu mãe solteira. Com minha filha, aí eu revoltei, revoltei, eu fui bem criada, de repente ele, ao invés de me dar uma força, me apoiar, eles me jogaram. Minha mãe não! Meu pai, né!
Ele nunca quis me ajudar, ele me abandonou definitivamente, me jogou pra rua, né! (Girassol)*

Sem trabalho e sem qualificação profissional, a participante da pesquisa se vê com apenas uma alternativa, a prostituição, afinal, precisava sustentar sua filha de apenas 04 (quatro) anos de idade.

Convém destacar que a mesma expressa uma reação de inconformidade, que pode ser traduzida pelo afeto de decepção. Por outro lado, ela diz que seus pais lhe jogaram, no

entanto, ela repentinamente nega a afirmação de que a mãe também o fizera, assim como o pai, sendo apenas ele o realizador do descarte dela, enquanto, afeto desprezo.

- 4. Margarida**, oriunda de família com 11 (onze) filhos, sendo 07 (sete) mulheres e 04 (quatro) homens, pai e mãe semianalfabetos. Pai nunca teve registro na carteira de trabalho e, a maior parte de sua vida trabalhou em lixão, catando material reciclável, a mãe sempre em casa cuidando de todos os filhos. O pai era alcoólatra, uma pessoa rígida, agressiva e violenta, batia na esposa e nos filhos, todos cresceram vendo e sofrendo violência doméstica. Passaram fome e, viviam num contexto de miséria e sofrimento, faltava alimento, faltava roupa, faltava carinho e respeito familiar.

*...desde pequeninha vi violência e pobreza.
...porque meu pai ficava o dia inteiro na rua, num bar e chegava bravo, não tinha o que comer, aí ele batia, era a vida dele, entendeu?
...eu sabia que a noite meu pai ia chegar, se tivesse coisa pra comer, ele ia bater, mas se não tivesse ele ia bater mais na minha mãe, entendeu, e pra mim não vê isso, a gente fazia..., entendeu.
...aí foi quando meu pai foi... tenta trabalhá na creche como guarda, aí como trabalhava de guarda, ele foi usá um revólver, como fala, aí as coisas começaram a ficar mais violenta, a família da minha mãe começou ameaçar ele, e ele mandava matá, desde pequeninha vi violência e pobreza, eu falei, eu vou saí daqui, eu e minha irmã saimo de lá, e desde cedo nós fomo pra rua. (Margarida)*

Crescendo e vivenciando todas essas experiências difíceis, houve um impulsionar para solucionar essas problemáticas, sendo contemplado na prostituição uma alternativa para solução rápida. Não queria viver retratado em sua história de vida o espelho da mãe e, ao mesmo tempo tinha o desejo de oferecer uma vida melhor para ela, considerava-a uma pessoa sofrida e penalizada pela vida de pobreza e violência doméstica imputada pelo marido, então, pai de Margarida. Duas de suas irmãs, também entraram na comercialização sexual.

Aí ela falou assim pra mim, “Margarida”, você sabe do jeito que meu pai trabalha, trabalha no sol, na chuva, se matando, a gente nunca tem nada. A mãe a mesma coisa, todo dia apanha do pai, e você qué o quê? Ou você faz alguma coisa, ou você vai vê para sempre isso. Aí eu aceitei. Não foi fácil. Não vou falar, foi fácil, foi gostoso, não foi! Entendeu? Mas eu que... o que eu podia na época, para salvar a gente, entendeu? (Margarida) (grifo nosso)

- 5. Tulipa** vêm de uma família pobre, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, não menciona quase nada sobre os pais, apenas relata que desde pequena sempre presenciou o pai bater na mãe, sendo esse o principal fator que a levou sair de casa aos

13(treze) anos de idade. O pai era catador de lixo, dependente químico, usuário de droga, homicida, matou duas pessoas, e quando sofria abstinência pela droga era violento e agressivo com a esposa, mesmo na frente dos filhos. Tulipa, seguramente relata que não teve infância, engravidou cedo, saiu de casa e, em seguida, casou-se e separou. Foi parar num prostíbulo, no qual conheceu o atual marido, que se encontra preso, por envolvimento com tráfico de drogas. Conheceu com ele, a droga, o mundo da dependência química, o tráfico de drogas, crime e violência. Hoje não possui notícias de sua família e, também não procura saber. Considera apenas seus filhos e o marido preso/detento, como família.

Antes dos 13 anos foi ruim né, porque eu sempre via meu pai bater na minha mãe, então você vai crescendo com aquilo, entendeu, aí eu resolvi sair de casa, então, não tive infância, não tive, se eu falar que tive infância, eu não tive infância nenhuma, estudei até quarta série, aí me perdi, engravidei, foi bem ruim, pra mim. (Tulipa)

...ele batia na minha mãe. Aí até que um dia nós peguemos na porrada, eu e ele lá, aí eu resolvi sair de casa. Ainda juntei minhas coisas num saco de cebola, daqueles transparentes sabe, arrumei minhas coisas minha filha e nunca mais voltei, até hoje, ele lá e eu cá. (Tulipa)

- 6. Dama da Noite**, solteira, não tem filhos, estudou apenas até o ensino fundamental. Pais presentes na constituição familiar, filha mais velha. Seu irmão nasceu depois de 06 (seis) anos, após isso, para Dama da Noite, ela deixou de existir para a família, tornando-se invisível, no contexto familiar. O pai não lhe dava as mínimas condições de estudo, não tinha afeto e carinho dos pais, faltava-lhe o básico, o que acarretou na desistência dos estudos, ainda no ensino fundamental. Família pobre, o pai trabalhava e a mãe era dona de casa. Aos 13 anos passou a conviver na rua, no meio de usuários de drogas e traficantes, onde conheceu a prostituição e, sua família já não fazia mais questão de sua presença, abandonando-a.

Voltá pra casa para quê? Chegava lá, minha mãe olhava pra minha cara, nem ligava, meu pai só me xingava, mandava eu embora, falava que eu não era mais filha dele, ahhh você já mora fora de casa então não é minha filha não, aí eu pegava tinha que aguenta aquilo ali. Meu pai me xingando, tipo eu ia comer, tirar comida pra mim, ele pegava e falava: não tem comida não. Galo onde canta, janta, não tava na rua, então vai comer na rua... aí aquilo ia me revoltando, comecei traficá, comecei arrumá dinheiro, comprar uma arma, aí eu fui fazer o meu primeiro assalto. Dali eu comecei, quando não assalto, era tráfico, era programa, e assim eu ia vivendo. (Dama da Noite)

Conforme Espinosa, a tristeza é resultado de um ou vários afetos que diminuem nossa capacidade de agir e, assim, nos tornamos passivos. Dentre as paixões tristes, destaca-se como exemplo a experiência vivida pelo povo judeu do medo e da esperança outrora demonstrada como importância na história desses afetos enquanto experiência nazista de Hitler como líder e opressor. O medo ensandece o homem e perdura, quando alimentado por outras paixões como ódio, cólera, humilhação e aversão à felicidade (Espinosa, 2015, Parte IV, da Ética, prop. 13, p. 166, Escólio).

7. **Lírio** têm como referência familiar apenas a presença da mãe. Não menciona o pai em momento algum. Estudou apenas até o ensino fundamental, tendo que começar a trabalhar muito cedo para ajudar a mãe. Casou-se nova e teve duas filhas, vindo depois a separação. Com a necessidade de sustentar as duas filhas, com a ajuda de uma amiga, encontra na prostituição uma rentabilidade maior do que trabalhar como feirante, pois ganhava apenas R\$ 50,00 reais por feira noturna. Sua terceira filha, caçula, é fruto de um programa com um cliente, onde o preservativo furou, ocasionando na gravidez indesejada e inesperada. (*Lírio*)

Por meio dos registros durante a realização desta pesquisa, constatou-se que algumas mulheres profissionais do sexo, assistidas pela FUNASPH, possuem em seu histórico de vida o trauma de terem sido abusadas e ou violentadas sexualmente ainda na infância, por pessoas muito próximas a elas, em alguns casos, pelo próprio pai, tio, padrasto ou namorado da mãe.

Observa-se que o núcleo de origem familiar é normalmente o primeiro agente causador de sofrimento, exploração, violência, exposição à agressão e exploração física e sexual, e tornou-se gerador de ruptura das relações familiares, ocasionando o sentimento de rejeição e abandono. Tem-se aqui uma necessidade de reflexão quanto a essa “família” ser então o lugar ao qual elas não desejam estar e pertencer. A prostituição torna-se a forma, a maneira encontrada para o enfrentamento e busca pela vida. Desencadeado, portanto está, na ordem de um ato de coragem, ousadia e determinação pela vida, o percurso a ser trilhado na prática prostitucional.

Ainda que para algumas mulheres, esse exercício seja uma atividade como outra qualquer tem-se aquelas que demonstram a necessidade de autopreservação quanto a imagem social e diante dessa situação, assinalam a tendência ao isolamento social, disposição a “camuflagem social”, expressão utilizada para representar a vergonha que essas mulheres

sentem quando da possibilidade de encontrar em determinados ambientes seu(s) cliente(s) nos quais, elas jamais queriam ser identificadas como prostitutas, mesmo que estes clientes não demonstrem reconhecê-las, ainda assim, o sofrimento torna-se grande que, causa acentuado medo de exposição a determinados locais públicos e ou sociais. Portanto, procuram viver uma vida sigilosa em relação à prática e exercício da comercialização sexual, preservando sua identidade para outros ambientes de convivência social. Percebe-se que as bases do sofrimento psíquico das participantes da pesquisa têm como causa principal o exercício da atividade de comercialização do sexo, não como forma de realização pessoal e profissional, mas numa configuração de sustento econômico e de busca por manter-se existente enquanto ser vivente. Esse sofrimento, que se expressa perante a relação de trabalho, mediante um desempenho profissional, com uma atuação infiltrada por uma série de fatores que se entrecruzam, tais como, desigualdade social, exclusão, preconceito, discriminação, violência, sendo estes geradores de uma série de transtornos e sofrimentos. Para Sawaia (2009, p.07) esse sofrimento ontológico a que todos nós estamos sujeitos e que as mulheres participantes desta pesquisa vivem em seu cotidiano:

...trata-se de sofrimento-paixão gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não ação, na medida em que as condições sociais se mantêm, transformando-se em um estado permanente da existência. É o sofrimento, por exemplo, do homem em situação de pobreza que, amedrontado, fraco... e muitas vezes deslumbrado com a vida de luxo, vive a ilusão de liberdade e espera.

A condição do afeto tristeza, canalizado à condição de potência para uma menor intensidade, a força de existir e agir, afetar e ser afetado diminui. Por exemplo, encontrar um cliente que lhe violentou, bateu e/ou lhe roubou, um som de sirene policial, que lhe reporta a um dia que foi detida, ser infectado por alguma DST's, entre outros. Assim, o sofrimento expresso nas condições da materialidade da vida cotidiana expresso nas vivências de cada participantes da pesquisa e como nos coloca Sawaia (2016, p. 19) “o sofrimento é sintoma da luta de classes, que revela a exploração imposta pelo capital, sendo a sua condição a invisibilidade, e muitas vezes é confundida com inconsciência ou patologia.”

Minayo nos retrata uma abordagem de violência estrutural que se caracteriza por ser “aquela que nasce no próprio sistema social, criando desigualdades e suas consequências, como fome, o desemprego e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora” (Minayo, 1990, p.290)

Aprender a conviver com as pressões e tensões do cotidiano em torno da comercialização do sexo é outro fator que também se caracteriza como porta voz de queixa do

sofrimento psíquico. Driblar a violência, a discriminação, o preconceito, os olhares e falas de exclusão, as agressões verbais e físicas proferidas pelos clientes, submeter-se e subjugar-se a atos de humilhação corporal e psíquica são recorrentes atos sofridos e incorridos na vivência dessas mulheres profissionais do sexo. Parece-nos que as participantes da pesquisa não adquirem forças, nem uma consciência transformadora capaz de alcançar seus direitos, pois encontram-se pressionadas pelo seu papel social, no qual são obrigadas a aceitar as condições desfavoráveis para a atividade prostituinte, circundada pela violência e preconceito, gerando outros problemas sociais e estagnando-as em um lugar pré-determinado na sociedade que as rotulam impossibilitando e reforçando nas mesmas um processo de culpabilização, nas quais as fazem acreditar que é impossível a resignificação³⁴ para a transformação da vida.

Também, identifica-se que o assédio sexual por parte dos homens fora do desempenho profissional pelo papel exercido, não legitima ou torna-se aprovado tal comportamento/atitude por parte dos homens, sendo este, gerador de sofrimento psíquico, pois as mesmas possuem dia, horário e local para exercer tal papel social e profissional, assim sendo entendido por essas mulheres, não estão disponíveis 24h (vinte e quatro horas) por dia para a comercialização do sexo.

Portanto, estas mulheres ao serem identificadas como profissionais do sexo, em algum momento da vida sofreram discriminação e preconceito tanto no seio familiar ou em outras esferas de convivência e relacionamento na sociedade. Já se envolveram com algum tipo de crime, inclusive em relação ao próprio cliente, cometendo alguns furtos e/ou infrações.

Também aponta-se que algumas mulheres desenvolveram animosidade ou aversão/repulsa ao sexo masculino, implicando em distanciamento e descrença para algum tipo de envolvimento emocional ou afetivo na ordem de um relacionamento fixo, de namoro ou casamento.

Você pega nojo de homem, né, é difícil você depois... Pelo menos é difícil pra mim ter um relacionamento com a pessoa, igual eu falei, sem querer algo dele. (Violeta)

Homem não entra na minha casa. Nem visita, não gosto de homem perto nem de mim, nem das minhas filhas. No meu caso é assim, homem não encosta em mim, muito menos perto das minhas filhas. Pode ser o que for, mas chegar perto das minhas filhas... eu não gosto de visita... Nem se pedi um copo d'água eu não do pra um homem. Não do, não do... (Lírio)

A maioria dos meus amigos são homens, mas assim, pra relacionamento eu não quero... não quero. (Jasmim)

³⁴ Atribuir novos significados à vida, transformando-a.

Apresenta-se também o cerceamento social que lhes são imputadas, tendo em vista a atuação profissional, que lhes restringe espaços e lugares. O anonimato e o uso de codinomes são formas utilizadas para a autopreservação. Porém, muitas adquirem trejeitos, estereótipos físicos e linguajares atribuídos a prática da prostituição de rua que facilmente as torna identificáveis e simultaneamente expostas a outras formas de humilhação e preconceito.

Sawaia (2015) aborda a exclusão social como um fenômeno da ordem da exploração econômica, da opressão política e das relações de poder, mas que é vivido como sofrimento individual, como necessidade do eu, e que, portanto, para ser superado, exige ações em todas essas dimensões. Assim, podemos dizer que os sofrimentos e os riscos do trabalho prostitucional, são resultados das lutas de classes, que é reflexo da exploração de uma classe sobre a outra, sendo imposta pelo capital. (SAWAIA, 2015). Deste modo, é possível observar nos relatos das histórias de vida das mulheres contradições vividas impostas por determinantes sociais que muitas vezes se escondem na materialidade das condições da vida cotidiana que marcam definitivamente a vida afetiva e social da constituição da identidade das mulheres participantes desta pesquisa.

3.2 O “TRABALHO” PROSTITUCIONAL

A terminologia trabalho configura variadas discussões, que denota sentidos de penalização, castigo, e como diz Albornoz (2000), lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga, dificuldade, incômodo, preocupações, desgostos e aflições. Tanto na cultura judaico cristã, como nas sociedades escravistas grega e romana, insurge o mesmo conceito, aplicado a um grupo de pessoas pobres ou menos favorecidas da época. Segundo Albornoz (2000, p. 8), em quase todas as línguas da cultura europeia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima de fadiga. O latim distingue entre *laborare*, a ação de *labor*, e *operare*, o verbo que corresponde a opus, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre *travailler* e *ouvrer* ou *oeuvrer*, sobrando ainda o conteúdo de *tâche*, tarefa. Assim também *laborare* e *operare* em italiano; e *trabajar* e *obrar* em espanhol. No inglês, salta aos olhos a distinção entre *labour* e *work*, como no alemão, entre *arbeit* e *werk*.

Etimologicamente, vem do latim *tripalium*³⁵, termo formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”, configurando um instrumento de tortura. Assim, a polissemia característica da terminologia “trabalho”, apresenta suas nuances e desdobramentos de variadas aplicações, no entanto, cabe a análise dessa pesquisa o enfoque a categoria trabalho sobre o viés teórico marxista e, do materialismo histórico dialético. De acordo com Marx (1890):

O trabalho é, à primeira vista, um ato que ocorre entre o homem e a natureza. O homem desempenha com relação à natureza o papel de uma potência natural. As forças de que o corpo está dotado, braços e pernas, cabeça e mãos, ele põe em movimento a fim de assimilar os materiais dando-lhes uma forma útil à sua vida. Ao mesmo tempo em que ele age por esse movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades que aí se escondem. (MARX, 1890, p. 207).

E complementa, dizendo:

Nosso ponto de partida é o trabalho sob uma forma que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha faz operações que se parecem com a do tecelão, e a abelha confunde pela estrutura de suas células de cera a habilidade de mais de um arquiteto. Mas o que distingue desde o começo o pior arquiteto da abelha mais perita é que ele constrói a célula em sua cabeça antes de construí-la na colmeia. O resultado ao qual chega o trabalho preexiste idealmente na imaginação do trabalhador. Não que ele opere apenas uma mudança de forma nas matérias naturais; ele realiza aí ao mesmo tempo sua própria meta, e tem consciência de que ela determina como lei seu modo de ação e ao qual deve subordinar a sua vontade. (MARX, 2013, p. 255-256).

Retratada está a ontologia do trabalho, sendo notório o fato de que apenas o animal homem conseguiu estabelecer com a natureza uma relação estratégica e consciente de sobrevivência que o impulsionou a modificar a matéria por meio da criação de instrumentos que o facilitassem a alcançar tal êxito, tornando sua vida produtiva social e individualmente.

³⁵ Segundo o dicionário etimológico, *tripalium* era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia. Desse modo, originalmente, “trabalhar” significava “ser torturado”. No sentido original, os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos eram os que sofriam as torturas no *tripalium*. Assim, quem “trabalhava”, naquele tempo, eram as pessoas destituídas de posses. A ideia de trabalhar como ser torturado passou a dar entendimento não só ao fato de tortura em si, mas também, por extensão, às atividades físicas produtivas realizadas pelos trabalhadores em geral: camponeses, artesãos, agricultores, pedreiros etc. A partir do latim, o termo passou para o francês *travailler*, que significa “sentir dor” ou “sofrer”. Com o passar do tempo, o sentido da palavra passou a significar “fazer uma atividade exaustiva” ou “fazer uma atividade difícil, dura”.

No marxismo, o homem está para um ser prático e social, ele produz-se por intermédio de suas objetivações, ou seja, a categoria trabalho³⁶, sendo esta uma condição exclusiva do homem e, de forma ativa, organiza suas relações e interações com os outros e com a natureza, mediante o grau de desenvolvimento dos meios pelos quais se mantém e reproduz enquanto homem e, as produções originárias do trabalho tornam-se algo útil socialmente.

De tal modo, o processo investigativo surge de fatos que tiveram origem em produtos de relações históricas e autoproduzidas. Dessa forma, o foco é entender as condições sob as quais os sujeitos vão se criando e recriando, que é totalmente histórica e analisa as condições de produção da vida material pelo próprio homem, sem a qual ele não tem possibilidades de vida, no sentido de sobrevivência como, vestimenta, alimentação, segurança e proteção.

Didaticamente, no contexto sociológico, podemos tratar de três dimensões do trabalho como nos ilustra ALVES (2007, p. 82):

Dimensões histórico-ontológica Intercâmbio orgânico Homem e Natureza
Dimensões histórico-concreta Formas societais de Trabalho Mundos do Trabalho
Forma histórica do Trabalho Capitalista Trabalho Abstrato Mundo do Trabalho

A dimensão histórico-ontológica configura-se como descrito no parágrafo anterior, e ainda complementa como sendo um intercâmbio sócio-metabólico entre o homem e a natureza, digamos intrínseco e ineliminável da espécie humana.

A dimensão histórico-concreta é descrita como as múltiplas formas societais, ou “evolutivas” ao longo da história, como, por exemplo, o trabalho familiar, trabalho artesanal, o trabalho no feudalismo e atualmente, o trabalho capitalista, os quais foram ou podem ser determinadas pelas formas de propriedade, relações sociais de produção e grau de desenvolvimento das forças produtivas sociais do trabalho que assume formas particulares e concretas. Para Callinicos (2006), o trabalho tem um “caráter dual”:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado,

³⁶Produção de bens materiais, compreendido como o trabalho humano de uma classe, explorado por outra, sob o modo de produção capitalista, ou seja, existe a clara distinção de uma classe trabalhadora/produtiva e uma outra classe que se apropria dos produtos realizados pela primeira, classe dos capitalistas.

dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho humano concreto útil produz valores de uso.

Na forma histórica do trabalho capitalista, adentramos um nível de desenvolvimento complexo do trabalho, sendo representado de maneira particular, tais como, trabalho industrial, trabalho comercial ou trabalho agrícola. O que prevalece não é o tipo de trabalho concreto, mas, sobretudo o trabalho abstrato, que pode ser compreendido na seguinte comparação entre o trabalho da costureira industrial (mercadoria tangível = roupas) e o trabalho da professora universitária (mercadoria intangível = geração de conhecimento) que, enquanto trabalho abstrato, ambas produzem mais valia frente ao prisma do capital. Assim, no capitalismo, precisam-se abstrair as condições contingentes das lutas de classes³⁷, que reverberam em implicações sociais, contundentemente transversalizadas ao preconceito, discriminação, exclusão, desigualdade, sofrimento, entre outros. Estabelece-se uma articulação e desarticulação de poderes para alguns, relações de domínio (dominador X dominado), nas quais vão surgindo regras de sobrevivência.

De acordo com Marx, as relações sociais estão postas para a vida e suas relações de forças produtivas:

As relações sociais são inteiramente interligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, modificam todas as relações sociais. O moinho a braço vos dará a sociedade com o suserano; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalismo industrial. (1985, p. 39)

Uma vez estando, homens e mulheres, enquadrados em um abrangente universo de mercados de trabalho, assim, socialmente insurge uma identidade social imposta por uma necessidade de posicionamento estrutural na divisão social do trabalho.

O incompatível que é próprio do sistema capitalista caracteriza-se por abordar a apropriação e a dominação política, ou seja, permite dizer que o sistema capitalista mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas mediante essa contradição, moldando ou modulando o modo de pensar e de ser das pessoas, assim como disse Marx.

O reconhecimento e identificação social do trabalho e do ser são qualificantes na condição em que trabalho pode ser entendido como dotado de técnica e especialização apropriados. A contemporaneidade coloca a relação de trabalho numa determinante de qualificação e especialização dos profissionais em suas áreas de atuação, perante suas especificidades, os posiciona em espaços e ambientes empresariais ou contextos de

³⁷ Apresentado por Marx como, lutas entre burguesia e proletariados, força motriz da história.

empreendedorismo, trabalhos abstratos, imateriais e intelectivos, ao mesmo tempo temos o movimento inverso de distanciamento daqueles indivíduos e profissionais que não são qualificados e preparados para inserção em cenários de alta competitividade contornados e coordenados por competências e atributos essenciais. O estranhamento está na ordem do trabalhador qualificado ou não, subverter-se a falta de trabalho, pois esse mesmo trabalho constitui um encadeamento no “eu sou” na mesma medida do que “eu tenho”, criando o indivíduo socialmente aceito ou repulsivo na vertente contemporânea do trabalho.

Tem-se na outra ponta, os trabalhos que são remetidos àqueles com dotada “desqualificação”, tidos como serviços menores, de valor irrisório, tais como, catadores de lixo ou reciclável, passadeira e lavadeiras doméstica, limpadores de terreno ou rua, condicionado a uma única exigência, o esforço braçal.

Hoje, naturalmente somos identificados em nossas redes de relacionamento por intermédio de nossa qualificação e formação profissional, sendo muito comum a conexão da atividade laboral exercida com a identificação pessoal, ou seja, somos caricaturados pelo exercício profissional ou vinculados a empresa/instituição em que trabalhamos. O reconhecimento público e social do ser mediante a representação do exercício profissional, nos envelopa e acondiciona ao universo do trabalho. Somos (des)qualificados por nossa atividade laborativa e regidos pelo mundo do trabalho que nos orienta e delimita enquanto indivíduos (im)produtivos, (as)salariados, (des)empregados.

É importante lembrar a relação estabelecida diante das questões de trabalho e gênero que circundam a mulher e o cenário masculino de empregabilidade. Conforme nos apresenta Cintra (2011):

O relatório do UNIFEM (2008) mostra que as mulheres estão mais concentradas nos trabalhos informais, de subsistência e vulnerável. Em 10 anos, mais de 200 milhões de mulheres ingressaram no mercado de trabalho com diferença salarial média de 17% a menor para elas registrada no setor privado.

Seguramente estamos falando de uma realidade discriminatória e excludente perante o sistema capitalista, “pinguepongueando”, ou seja, jogando a mulher e sua força de trabalho no circuito autônomo, emprego doméstico e informalidade, formando uma tríade de cerceamento. Assim ratifica Cintra (2011):

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos em um mundo totalmente globalizado a mulher ainda está à mercê do desenvolvimento, sujeita a discriminações, preconceitos e diversos tipos de abusos. Diferença salarial entre homens e mulheres no exercício de funções iguais, dupla jornada com trabalho extra e intralçar são algumas das situações mais conhecidas e

socialmente aceitas. Além disso, elas ainda são responsáveis pelo cuidado dos filhos e dos idosos da família em uma ideologia dominante que discrimina mulheres. Percebe-se que os postos de trabalho exercidos pelas mulheres são, em sua maioria, semelhantes ao trabalho doméstico em atividades quase sempre desqualificadas, simples e naturalizadas (sensibilidades corporais) – tendência que não favorece a mulher. Ao contrário, impõe a elas barreiras, muitas vezes difíceis de serem transpostas. Mesmo assim, entre 1976 e 2002, 25 milhões entraram no mercado de trabalho.

Por conseguinte, pontua-se que, o percurso histórico categorizado pela prostituição está alicerçado na condição de trabalho que ao longo dos períodos históricos tornam possível a sua permanência ou manutenção, via de regra, devido a uma “classe” consumidora desse “serviço” ou “produto” (mercadoria), permanecer na condição de consumidora, a cada época. É certo que aqui estamos falando de uma mercadoria que outrora não fora construída por uma força de trabalho, porém, podemos reconhecê-la como mercadoria na condição e medida de uma construção social, enquanto coisificação, e uma necessidade de uso.

Partindo da teoria marxista, pode-se inferir que a prostituição individual e autônoma enquanto atividade profissional, não consiste em valoração no sistema capitalista, pois não há geração de mais-valia, nem tão pouco há produtividade, portanto, é considerado trabalho improdutivo, pois dinheiro e trabalho se trocam apenas na condição de mercadoria, ou seja, é um dispêndio de renda. Por outro lado, é importante considerar que embora Marx não tivesse qualquer estudo sobre a prostituição, a não ser configurando-a como processo de decorrência do acirramento da questão social gerada pelo capitalismo, quando o trabalho decorrente da prostituição de uma pessoa que torna-se objeto de exploração por outra que detém o poder sobre ela, a submete a torna-se a própria mercadoria a ser explorada configurando o extremo da exploração capitalista que usa uma pessoa não como instrumento para obtenção de mais valia, mas como a própria mercadoria a ser explorada até o limite da utilização do corpo. Nesse sentido, segundo Pateman (1993, p. 36), “a prostituição é uma importante indústria capitalista”. Assim, perduram-se redes de negócio e exploração sexual de mulheres em nome do mercado capitalista e consumidor de serviços sexuais. Por outro lado, as mulheres prostitutas de baixa renda estabelecem na venda comercial do sexo uma relação de trabalho no sentido de meio de vida, onde há “garantia” de sua sobrevivência e possuem como “propriedade” apenas a sua capacidade física, mental e “condição sexualizante ativa³⁸”, ou seja, sua força de trabalho, que será colocada à venda, ofertada para compra, no mercado do

³⁸ “Condição sexualizante ativa”, aqui quero retratar como a disponibilidade de ser sexualmente ativo para o exercício da atividade prostitucional, ou seja, embora existam mulheres que já tenham desenvolvido a comercialização sexual, ocorre que algumas não estão mais disponíveis para tal prática e exercício.

sexo, como uma mercadoria/produto. Essa força de trabalho não poderá ser entendida como força motriz de produção dentro da perspectiva do sistema capitalista para aqueles que atuam individualmente, caracteriza-se como inoperante, quando olhado sob o prisma daqueles que exploram e utilizam o mercado do sexo essa prática torna-se vantajosa e operante.

Outra consideração a se fazer em relação à prostituição refere-se à configuração e representação do trabalho prostitucional no senso comum como “trabalho barato”, “trabalho fácil”, “trabalho desqualificado”, ainda que para Marx o valor de força de trabalho seja o mesmo para todos os trabalhadores, atualmente o trabalho se coaduna com uma realidade prática que, outorga, representações sociais e remunerações com diferentes valores entre homens e mulheres, principalmente em relação ao trabalho da mulher prostituta de baixa renda. Tem-se indexações de valores por prestação de serviço que variam de R\$ 5,00 a valores pagos em euros ou dólar, ou mesmo favores e bens materiais. No entanto, para a realidade das participantes da pesquisa os valores variam em média de R\$ 5,00 a 200,00, não mais do que isso, uma vez que o perfil dos clientes que buscam a prostituição de baixa renda também se enquadra com poder aquisitivo baixo na sua grande maioria.

Também é preciso considerar historicamente a condição da mulher, sob a ótica patriarcal, uma vez que os homens ainda hoje buscam possuir um domínio sobre o corpo das mulheres, exigindo que estejam à venda como mercadorias no mercado capitalista, uma vez que este aciona gatilhos de mercantilização em várias esferas sociais, promovendo diversos circuitos econômicos de geração de lucro, independentemente de serem legais ou não.

Conforme retrata Meihy (2015), percorremos os preceitos de prostituição hospitaleira, prostituição sagrada (ou prostituição sacra) que percorreram o processo histórico longínquo e mostraram-se como conceitos necessários para se entender os modos de acomodação que, sobretudo justificando a aceitação da prostituição como prática inevitável deixando esses exercícios inerentes à naturalização dos processos capitalistas que demonstram claramente relações desiguais de gênero e poder. Meihy (2015, p. 20) reforça dizendo:

A constatação desses conceitos reforça a conveniência do acatamento perene do meretrício cortando a História. Como evocações legitimadoras, tais princípios se mostram abonadores de condenações, e mais, garantem inclusive certo ar permissivo, que ameniza violências e submissões. (MEIHY, 2015, p. 20)

Assim, para entender o fenômeno prostitucional, faz-se necessário registrar que se trata de uma prática restrita, ou seja, é algo possível de ser observado apenas entre elementos humanos e, acompanha todos os tempos históricos da humanidade. Mesmo tendo sua

iniciação no caminho do sagrado, a prostituição, hoje se desdobra em várias modalidades, produção e reprodução, conforme a classe social daqueles que a praticam, configurando assim variadas possibilidades de leituras, percepções, estudos e intervenções.

Detém-se neste estudo à prostituição feminina de baixa renda, constituinte de uma vertente do trabalho enquanto indexador e valoração para subsistência. Diante de tal constatação, a prostituição é, portanto, um tipo de trabalho e não cabe o questionamento quanto a ser uma atividade aceitável, prazerosa, realizadora, mas sim, uma fonte de renda e garantia de sobrevivência. Assim, não diferente das demais profissões classificadas como formais, evidencia-se que na prostituição também há uma contratualização na prestação do serviço sexual e o estabelecimento de regras de conduta e convivência.

De acordo com Pateman (1993), estabelece-se uma relação contratual perante a comercialização do sexo, uma vez que se formata uma relação de negócio dispendiosa entre partes, podendo haver duas ou mais pessoas envolvidas, conforme o tipo de contratualização constituído que, possui como objeto a relação sexual.

Mediante a convivência estabelecida com as mulheres assistidas pela FUNASPH, pode-se compreender que, conforme a contratualização instituída com o cliente, pode haver também a obtenção de prazer, realização de fantasias, garantia de companhia, parceiro “ouvinte³⁹”, parceiro consumidor de droga ou bebidas, entre outros, além ou em detrimento da relação sexual, cada qual com sua subjetividade. Observa-se essa retratação na fala de Margarida, participante da pesquisa:

Também como fiquei com homens maravilhosos, né, pessoas, assim, carentes de afeto humano na casa, né, que talvez a mulher não tenha esse sentido de olhar pro marido que tá apenas procurando uma companhia, né.

Meihy (2015, p. 91), retrata exatamente o mesmo contexto, com o depoimento de Lindalva, que diz, nem todo homem procura uma prostituta para uma relação sexual, tem que escutar, dar conselho, fingir que sabe das coisas, tem dia que passa o tempo só ouvindo. “Todo mundo fala mal das putas, mas a gente tem que ser um pouco padre, um pouco mãe, um pouco professora. Ah, e tem que ter paciência... Paciência é tudo...”. Percebe-se, portanto, que para alguns clientes, a figura da prostituta pode ser vista com uma neutralidade, proporcionadora de uma experiência também neutra, para àqueles que, percebem nas

³⁹ É a condição estabelecida na contratualização do serviço, em que há apenas a necessidade de ouvir o depoimento de sofrimentos, angústias, fracassos, sem necessariamente haver o ato sexual de penetração, havendo apenas carícias e aconchego.

profissionais do sexo, alguém que não lhes irá exigir nada em troca, apenas o cumprimento daquilo que foi contratualizado, conforme o modo e tempo estipulado de serviço.

Ao adentrar a realidade vivencial das participantes da pesquisa, diante da prática prostitucional pôde-se observar regras de conduta e convivência que são estabelecidos de forma a garantir o exercício da atividade entre diversos atores que vivenciam a comercialização do sexo em diversos contextos do exercício profissional. Pôde-se evidenciar que na prostituição de rua, existem regras de convivência e, por meio das falas de Lírio e Dama da Noite, admite-se a constatação:

Na rua o que mais tem, muita regra. (Lírio)

Na rua tem regra, na rua tem muita regra. (Dama da Noite)

Segundo Da Matta (1997), o universo da rua, é um espaço que permeia diversas situações sociais; esse espaço permite leituras e construções variadas, bem como nele há a formação e o desenvolvimento de vários sujeitos com diferentes histórias. Na rua se experimenta a exclusão, a cassação, a miséria, o banimento, a condenação.

Para as participantes da pesquisa a rua surge como uma penalidade ou uma alternativa pelo desajustamento ocorrido no ambiente da casa, no funcionamento ou (des)funcionalidade intrafamiliar. Penalidade, porque quando houve algum tipo de conflito familiar, o pai ou algum parente próximo utilizou-se da rua para indicar a repreensão aplicada, “Vá para a rua, lá é seu lugar”. E alternativa, quando nesse mesmo ambiente familiar, recaiam desprezo, abusos, ausência de afeto, exploração entre outros, viu-se na rua uma solução para encontrar um escape de tais experiências e vivências de peso emocional, com carga de sofrimento.

Impreterivelmente, a vida na rua está cercada por episódios de criminalidade, como assaltos, roubos, tráfico de drogas, violência, morte, assim, todo e qualquer ato entorno dessas realidades devem ser escamoteados da mente e lembrança daqueles que os presenciam, implicando para àqueles que assim não o fizeram pagar com o silêncio da morte.

Existe ainda, a cobrança de pedágios por aquelas profissionais mais antigas sobre as garotas de programa consideradas novatas que pretendem se inserir no mesmo espaço geográfico urbano, também conhecido como ponto na rua, que normalmente é caracterizado por uma esquina ou quadra de uma determinada rua, no centro de uma cidade. As profissionais do sexo não podem infringir às demarcações territoriais definidas. Desse modo, as disputas por espaço se fazem nas configurações da garantia do trabalho e das necessidades pessoais de cada uma.

Há também um lema de defesa mútua entre as prostitutas de rua, pois existindo o perigo ou ameaça de um cliente sobre algumas delas, ou outra situação de temeridade quanto à integridade física e de vida, todas farão uso de seus instrumentos de defesa, normalmente uma arma branca⁴⁰. Aquela que não colaborar com as demais quando surgir situações desse tipo, quando encontrar-se em situação de risco, será deixada à mercê do perigo. Outro ponto, a ser considerado é a lei do “cada um por si e, Deus por todos”, conforme a região e território onde se pratica a prostituição, pois havendo muita migração, poderá ocorrer exposição à vulneráveis situações desconhecidas e inesperadas.

Na boate onde eu vou é assim... lá não... e a pior coisa é se o homem batê, encostar a mão numa guria de programa, as outras vem tudo junto. E aquela que não entrô, ficou com medo... aí ninguém conversa com ela. Um dia que ela precisá, apanhá de um home, alguma coisa acontecê no quarto com ela... ninguém ajuda ela. Porque quando precisô, ela não ajudô, entendeu. (Lírio)

Você não pode chega assim... o cara tá aqui com você, ficá se mostrando assim... o seu corpo... na hora que você for no banheiro é pau... nas casa.. esses dia tinha uma menina bunduda lá, ela é cheio de querê né... as guria quase cata ela... ela saiu vazada... (Lírio)

Essa construção social do espaço “da rua” configura-se em antagonismo ao ambiente reservado, privado “da casa”, e a vivência que se estabelece em cada uma delas nos contextualiza para variadas experiências, igualmente explicitado por Da Matta (1997, p.15):

“...não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”

Contudo, poder-se-á complementar que são principalmente espaços em que as normas são ditadas pelo capital, pois é na rua, espaço público, em que ele circula e se faz mais presente normatizando os locais em que cada pessoa humana está designada.

No ambiente, espaço da rua, na cidade, tem-se a aplicação dos muitos “eu(s)”, tu, ele(s), nós, vós, no(s), no sentido de amarração e voz(es), no sentido da pluralidade de seres que falam, emitem sons, exprimem-se, contêm-se, são na rua e pela rua.

⁴⁰ No Brasil, segundo o texto do decreto de lei nº 3.665, de 20 de novembro de 2000, o conceito de arma branca é definido como:

“Art 3º (...) XI - arma branca: artefato cortante ou perfurante, normalmente constituído por peça em lâmina ou oblonga”. Tais como, facas, punhais, canivetes, lâmina de barbear, entre outros.

No ambiente “da rua” podemos evidenciar os retratos sociais e expressões concretas de exclusão, de cassação, de invisibilidade, de banimento, de expurgo, de marginalidade, de anonimato, regidos por uma segunda ordem, uma segunda lei e variados sentidos de ser no mundo e na rua, onde todos são abarcados, mas nem todos se mantêm no mundo “da rua”. Conforme aborda Da Matta (1997):

Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas "autoridades" e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente "subcidadãos" e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um "problema do governo"! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado.

No entanto, no contexto da prostituição de Casa de Massagem ou Boate, impõem-se alguns limites, devendo haver respeito à exclusividade que alguns clientes têm em relação a determinadas garotas de programa. Se um cliente já foi selecionado por uma profissional, a outra não pode em hipótese alguma tentar tirá-lo da colega de profissão. Como consequência, pode ocorrer a expulsão da casa ou boate, da garota que incorre em transpor balizas de comportamento e conduta, transgredindo regras pré-estabelecidas. Alude-se a outra situação nesse contexto de prática prostitucional, referente à figura do cliente e o processo de escolha da parceira, porquanto, este não escolhe a garota a qual deseja ficar, ele é escolhido pelas garotas do local, culminando numa “dominância feminina” para o ambiente privado da Casa de Massagem e Boates. Emerge das prostitutas essa percepção de dominância, ainda que na vivência prostitucional, o homem, cliente, lhes atribua sentido de objeto sexual. Os clientes obrigatoriamente são responsáveis por todos os pagamentos e despesas que envolvem a noite de sexo e lazer.

...cliente não tem que escolhe, ele tem que obedecê, só, mais nada. Só tem que tê o dinheiro e obedecê, só... (Dama da Noite)

...cliente é pra tudo, ele paga a cerveja, ele paga dose, ele paga o quarto, ele paga a conta, ele paga o cigarro, tudo, tudo, tudo... ele nunca... tipo assim, ele pode ser o cara que manda dentro da casa dele, o mô, pai de família, aquele cara mandão... quando chega na zona, vira uma flor lá dentro... à vezes é apaixonado por uma mulher lá dentro da zona... lava até a louça dela... né, faz massage, faz tudo... qual que é a mulhé casada que ganha massage do marido todo dia? Eu quando estava morando em Camapuã na boate eu ganhava massage todo dia... nossa... todo dia eu ganhava massage, quem fazia, só homem casado... (Dama da Noite)

Na prostituição de site, a regra predominante está na relação que se estabelece com a identidade visual da garota de programa e seu corpo. A comunicação visual desse corpo deve ser atrativa, sensual e verdadeira. A descrição do perfil da profissional, precisa representar e sugerir algo vantajoso, digno de aquisição, obtenção e realização. Um corpo cuidado, saudável, com contornos definidos e com forte apelo à realização de fantasias e desejos sexuais, ainda que de maneira subliminar.

Uma regra comum e importante para todas as participantes da pesquisa refere-se ao uso de “camisinha”, preservativo durante a relação sexual. Quando algum cliente solicita que o serviço seja realizado sem os meios de prevenção, indubitavelmente a contratualização do serviço não é estabelecida ou firmada. De tal modo, como outros trabalhos formais ou informais, a prostituição também possui seus estilos e configurações de contratualização, que delimitam e definem o tipo de negócio a ser estabelecido por ambas partes envolvidas. Embora haja contratualização, é possível identificar que nesse circuito capitalista, a realização de determinadas atividades profissionais estão sujeitas a ficarem excluídas social e economicamente, pode-se citar os artistas de rua, vendedores ambulantes de semáforo, guardadores de carro, entre outros, tal qual a prostituição de baixa renda.

Não obstante ao que foi relatado quanto à mulher prostituta, temos que considerar a configuração do trabalho que se aplica na sociedade e de que forma essa consegue se inserir no mercado. Foi possível identificar em discursos proferidos por algumas participantes da pesquisa citações que se referiam à dificuldade de manterem-se no mercado de trabalho formal na condição de trabalhador assalariado, regido pela “Consolidação das Leis de Trabalho – CLT⁴¹”, pois existe uma direta exploração, com um grande desgaste físico e psíquico, com uma demora significativa para recebimento do salário mensal, fator esse que na prostituição, a resposta é rápida e o atendimento as emergências e necessidades diárias podem ser sanadas em curto período de tempo.

Conforme pôde ser identificado nos encontros junto às participantes desta pesquisa:

Um dinheiro⁴² fácil, um dinheiro rápido... além de você paga seu aluguel, cuidar dos seus filhos de boa, sem ter preocupação. Entende? (Lírio)

⁴¹ Principal instrumento que regula as relações individuais e coletivas de trabalho, onde são estabelecidos os direitos e deveres do trabalhador e empregador, sendo algumas normativas referentes a jornada de trabalho, período de férias, acidente de trabalho, proteção do trabalho da mulher, descanso semanal remunerado, saúde do trabalhador, entre outros.

⁴² Segundo Marx, “é dinheiro a mercadoria que serve para medir o valor e, diretamente ou através de representante, de meio de circulação. Por conseguinte, ouro (ou prata) é dinheiro. Desempenha o papel de dinheiro diretamente, quando tem de estar presente com sua materialidade metálica, como mercadoria dinheiro, portanto, e não idealmente, como sucede em sua função de medida do valor, nem através de representação por símbolos, como ocorre em sua função de meio de circulação. Desempenha o papel de dinheiro diretamente ou

Eu num acho um dinheiro fácil assim... você pega pessoas de vários tipo assim... mas é um dinheiro rápido. Eu acho que é um dinheiro que a gente não valoriza muito. A gente sabe que daqui a pouquinho a gente consegue de novo. (Jasmim)

É um dinheiro muito fácil... É um dinheiro que vem muito fácil. (Margarida)

Era obrigada a ficar pra ganhar um dinheiro, pra pagar um aluguel, pra comprar alguma coisa pra minha filha, pra pagar uma babá, né! Então a gente era obrigada... (Girassol)

...porque era um dinheiro fácil. Você ia lá arrumava rapidinho... vem rápido e fácil, aí pegava e ia, depois eu voltava e ficava dois, três dias em casa... só gastando... (Dama da Noite)

Portanto, Marx (1890, p. 146-147) nos diz que em virtude do dinheiro, “tudo se pode vender e comprar. A circulação torna-se a grande retorta social a que se lança tudo, para ser devolvido sob a forma de dinheiro. No dinheiro desaparecem todas as diferenças qualitativas das mercadorias, e o dinheiro, nivelador radical, apaga todas as distinções. Mas, o próprio dinheiro é mercadoria, um objeto externo, suscetível de tornar-se propriedade privada de qualquer indivíduo. Assim, o poder social torna-se o poder privado de particulares”. Deste modo, a prostituição é retratada como uma profissão, ainda que provisória e não definitiva, ainda que legal e não legítima no sistema capitalista, todavia, confere àquele que a pratica a obtenção de renda necessária para sobrevivência.

3.3 RECORTE PSICOSSOCIAL DA PROSTITUIÇÃO FEMININA – INVISIBILIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL

Muitas das mazelas sociais brasileiras foram provenientes de uma colonização que adotou como medida jurídica (leis e normas) para o degredo, como diz Pieroni (2000), o sistema de degredo para fora do reino, aplicado em Portugal, com vistas à colonização do Brasil, delimitou-o numa esfera de terra longínqua, limítrofe, que abraçou o Brasil, numa medida de intervenção normativa para disciplinar os criminosos. Esse procedimento foi adotado para fortalecer o poder real, mediante a união da Igreja com a Coroa preponderantemente para coibir ameaças sociais, religiosas e morais. Assim, em nome de uma ordem judiciária, os tribunais seculares, inquisitoriais e eclesiásticos conseguiram trabalhar de

por meio de representante, quando configura como exclusividade o valor ou a única existência adequada do valor-de-troca das mercadorias, em oposição à existência delas como valores-de-uso. (Marx, 1890, p. 144)

comum acordo. Aqui nos deparamos com aqueles que infringiam a moral católica, sendo punidos pelo degredo, aqueles categorizados como bígamos, sodomitas, prostitutas, padres sedutores, feiticeiros, visionários, blasfemadores, além dos criminosos, assassinos e ladrões.

Deste modo, também aludido por Lara (1999, p.105):

Mandamos que os delinquentes que por suas culpas houverem de ser degredados para lugares certos, em que hajam de cumprir seus degredos, se degredem para o Brasil ou para os lugares de África, ou para o couro de Castro-Marim ou para as partes da Índia, nos casos em que por nossas ordenações é posto certo degredo para as ditas partes. E os que houverem de ser degredados para o Brasil, o não serão por menos tempo que cinco anos.

O ditame se respaldava na ordem de povoar o Brasil, assim na precariedade de pessoas, a condescendência se relativizava a partir de condutas e comportamentos moralizantes que expulsava das terras portuguesas os não quistos por estas por não atenderem aos padrões pré-determinados pela sociedade branca e burguesa. Segundo Meihy (2015, p.31):

...ao longo dos séculos a questão da prostituição se constituiu em elemento importante e deixou marcas projetadas em grupos considerados socialmente subalternos. As mulheres, em particular mestiças e negras, pobres e migrantes, aos poucos se constituíram segmentos vulneráveis e de diversas maneiras integraram gradações da vida bandida. Alheias à maioria, os contingentes de prostitutas foram ganhando reputação suspeita e em muitos casos foram identificadas a um comportamento sexual caracterizado como tropical, brasileiro”.

Portanto, a compreensão que o homem é um ser histórico e social, é fundamental para a compreensão de suas relações travadas na realidade social, que são estabelecidas pela realidade circunscrita no trabalho. Deste modo, as constantes e variadas mudanças ocorridas nas relações e formas de produção desenvolvidas pelos seres humanos, coadunam com as relações sociais, nas quais, eles precisam (re)estabelecer no atingimento de seus objetivos de produção.

Segundo Codo (1989, p. 140), o modo de produção⁴³, permeia literalmente toda a atividade humana: “com quem você se relacionará”, “o que você produz”, “o que consome”, “de que maneira produz”, “de que maneira você consome”. Nossas relações no social e com o social invariavelmente nos engendra a funcionar e viver frente à realidade do sistema capitalista que move, estimula, formata ou condiciona pensamentos, sentimentos, sensações,

⁴³ Modo de Produção Capitalista - MPC, onde há divisão de classes sociais, o trabalho assume a forma de mercadoria e o objetivo é a extração da mais-valia, conforme teoria de Marx.

afetos, emoções, desejos, saberes, enfim, à existência humana. Ainda reiteradamente, Codo (2006, p. 186) nos contextualiza:

O trabalho é o modo de ser do homem, e como tal permeia todos os níveis de sua atividade, seus afetos, sua consciência, o que permite que os sintomas se escondam em todos os lugares.

As relações sociais promovem fatores sociais que podem ser vistos e percebidos sob a nuance de desordem ou desequilíbrio social, refletidos na condição de desigualdade social entre pessoas, percorrendo um movimento dialético de exclusão⁴⁴ e inclusão, que está diretamente para a relação de desigualdade social. No desenrolar da pesquisa, foi possível identificar a transversalidade ocorrida entre a prostituição feminina e a exclusão social vivida pelos sujeitos da pesquisa. É o mesmo que dizer em transição entre exclusão e inclusão, características da dialética de ordenamento da sociedade capitalista. Ora pode-se viver participante do fluxo econômico, ora somos apartados pela divisão de classes antagônicas, imposto por classes dominantes, classes abastadas, que culmina impreterivelmente na desigualdade social. Segundo Sawaia (2001), existe uma “dialética exclusão/inclusão”, que assim se configura:

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

Sawaia (1999), nos apresenta o conceito de sofrimento ético-político que está diretamente alinhado a condição social do sujeito, que o coloca frente a condições ou falta de condições, implicada numa dialética inclusão/exclusão social, impostas por uma sociedade injusta e desigual por separação de classes, conforme a engrenagem do sistema capitalista, portanto, tal conceito não pode ser avaliado numa concepção da ordem de sofrimento individual.

Compreender o sofrimento ético-político, conforme Sawaia (2001) estuda, nos permitirá uma confluência maior com a prostituição, pois temos diretamente convergente ao exercício prostitucional a pulverização de afetos que recaem afetivamente sobre esse ser

⁴⁴ Segunda SAWAIA (2001, p.9), “a exclusão é processo complexo, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema”.

social. O sofrimento categorizado num expoente acima da condição de pobreza que aprisiona o indivíduo exclusivamente na busca por atendimento a necessidades de subsistência, no entanto, oportuniza buscas por respostas e/ou soluções, mais de uma, por encontros e vivências sociais em suas variadas esferas que lhe proporcione satisfação e afetos ativos, sendo vistos e analisados pela vertente de quem sofre.

A emoção sendo apreendida com aspectos de humanidade do ser, portanto, deve ser entendida nas suas diferentes manifestações históricas, devendo ser compreendida como uma questão ético-política, sobretudo, emoção na integralidade e composição do corpo, composto, porque sem ele, o corpo não é corpo, conforme Sawaia (2001, p. 100, 104):

...um fenômeno objetivo e subjetivo, que constitui a matéria-prima básica à condição humana. [...] o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas.

O sofrimento psicológico está para os afetos que a sociedade na medida que autoriza e/ou promove injustiças e desequilíbrios sociais, (dimensão ética), na esfera econômica e política do ser, este é desconsiderado na sua humanidade. Identificou-se diversos fatores como originadores da prática prostitucional, porém, não será determinante, nem mesmo determinador de conduta psicossocial atribuída à todas as mulheres de baixa renda sem perspectiva e condições desfavoráveis a uma escolha profissional voltada a comercialização do sexo. Não podem ser vistos como fatores encurraladores de uma opção ou escolha, intrínseco de uma exclusão. Almeida (2008, p.58), também ao pesquisar mulheres prostitutas no movimento migratório, deparou-se com fatores como:

O que se percebe é que a situação de vulnerabilidade e exclusão social, a falta de emprego para manter dignamente as condições financeiras da família, podem levar algumas mulheres a tentar outro tipo de vida, como no caso de uma mudança para a Holanda.

As desigualdades sociais mostram-se nas oportunidades que são dadas para as pessoas em seu acesso ao mercado de trabalho, neste sentido, o capitalismo promete um mundo de possibilidades e oportunidades, mas diante da realidade e das determinantes impostas pelo capital, o qual coloca condições impossíveis àqueles que, não detém de capital para investimento em formação e capacitação profissional necessárias à concorrência de uma vaga de emprego com salário digno. Desse modo, tornou-se possível observar diante da realidade apresentada na pesquisa e do exercício de aproximação com a prática prostitucional feminina de baixa renda, que tais “profissionais do sexo”, sofrem ainda maior discriminação e

preconceito. Os prolixos e metafóricos adjetivos depreciativos empregados à figura da mulher prostituinte e prostituída elucidam o demérito da categoria mulher prostituta.

Analisando os depoimentos das falas das participantes da pesquisa perante o tema exclusão social pode-se apontar outras subtemas, não sendo o intuito dizer que são menores em valor, porém, como indicadores de um primeiro tema a ser analisado e estudado, sendo estes: *a vulnerabilidade, a violência, a pobreza, a invisibilidade, a criminalidade e o tráfico de drogas*, entre outros.

Intrínseca ao tema exclusão social, as mulheres participantes da pesquisa apresentaram situações de violência. Compreende-se violência, através da palavra de origem latina, vocábulo que vem da palavra *vis*, que quer dizer força, conforme menciona Minayo (2006), refere-se às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro, no caso aqui aplicado sobre a figura feminina por intermédio de um homem.

A maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. (MINAYO, 2006, p. 14)

Por permear três esferas de experimentação, conforme descrito por Minayo é fato que as participantes da pesquisa se apresentam como prejudicado por tal fenômeno vivido no ambiente familiar, onde numa investida de autopreservação promove o afastamento do agressor e do ambiente vivencial da agressão, assim retratado nos relatos que tipificam a experiência vivida. Santos (2015) ratifica que, muitas vezes a violência de gênero começa dentro de casa, ainda na infância, praticada pelos pais ou parentes, quando assumem posturas machistas e de inferioridade às mulheres, que podem se manifestar por meio de violência física, psíquica ou sexual. É relevante ressaltar que no Brasil, a categoria mulher sofre várias intercorrências distintas mediante as regiões do país e suas influências culturais, no entanto, no aspecto referente a crimes praticados contra a mulher em sua grande maioria muitos estão relacionados ao sexo. Assim, Sawaia (2001, p. 104) nos diz que, o processo de exclusão social percorre nuances de raça, gênero, idade e classe e,

...o sofrimento ético-político compreende as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas.

A concepção de corpo construída socialmente atribui ao homem, o direito à liberdade, dominância e ascensão social, realização de prazer, o sentido de pluralidade, de não pertencimento alheio ou exclusividade. À mulher, à concepção de corpo, atribuíram-lhe o

sentido de maternidade, sagrado, santo, submisso, privado, propriedade e pertencimento de outrem, na representação do pai e marido. Ainda que ela não reconheça e não valide tais qualificações e representações. Segundo Piscitelli (2009) isso é reflexo do modelo patriarcal, um sistema social que se apresenta na diferenciação sexual aplicada prioritariamente sob a opressão e a subordinação da mulher pelo homem, onde esse poder patriarcal diz respeito à capacidade de controlar o corpo da mulher, para fins reprodutivos e sexuais.

Em termos políticos, consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos homens. A subordinação feminina é pensada como algo que varia de acordo com a época histórica e o lugar. (PISCITELLI, 2009, p. 133). Contudo, temos estampado na sociedade atual um arcabouço de desigualdade social e exclusão aplicado e reverberante sobre os sujeitos sociais; assim como diz Sawaia (2001, p. 98-99):

...é no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. Mas ele não é uma mônada responsável por sua situação social e capaz de, por si mesmo, superá-la. É o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente.

Existem danos e prejuízos instaurados na sociedade que permeiam as relações sociais onde configuram expressões de sofrimento, sentimentos que transitam entre prazer e desprazer e conforme o poder de dominância instituído, alguns percorrem apenas o percurso do desprazer e sofrimento, contundentemente, não vivido e sentido por todos.

A mulher carrega consigo uma culpabilidade imposta pelo gênero masculino, pela incapacidade de este lidar com seus “impulsos”, “desejos”, estímulos orgânicos, traduzidos socialmente em violência doméstica, estupros desenfreados, agressões, entre outros. Essa culpabilidade é projetada socialmente pela padronização a ser seguida no modo de vestir, no modo de falar e se comportar, relacionar social das mulheres aceito ou aprovado pelos homens, expresso numa autêntica misoginia. O direito de ser, existente, enquanto mulher. Neste sentido, a desigualdade social, conforme Sawaia (2009, p. 369) se caracteriza:

...por ameaça permanente à existência. Ela cerceia a experiência, a mobilidade, à vontade e impõe diferentes formas de humilhação. Essa depauperação permanente produz intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza em um estado de paixão crônico na vida cotidiana, que se reproduz no corpo memorioso de geração a geração. Bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, rompendo os nexos entre mente e corpo, entre as funções psicológicas superiores e a sociedade.

Foi possível identificar que o início da atividade prostitucional deu-se para algumas participantes da pesquisa num contexto de restrições e privações econômicas e financeiras, assim como pode ser destacado pelas falas:

...desde cedo nós fomo pra rua, aí eu falei assim, a gente queria ir bonita pra escola, queria ir de chinelo, porque a gente antigamente não tinha, aí a gente foi, começamos cedo mesmo. Pra mim não foi, tipo assim, a minha mãe sempre disse não vai fazer isso, mas ela sempre do começo sabia, ela sabia, porque de onde a gente saia, trazia dinheiro, ela não ia desconfiar, a gente não falava pra ela, não falava pro meu pai, não falava pra ninguém, mas eu tenho pra mim que minha mãe sabia. (Margarida)

...adolescência eu estudei, parei na 8ª série, depois que eu engravidei das minhas filhas que eu entrei no mundo da prostituição. Eu tenho 3 filhas. ...além de você paga seu aluguel, cuidar dos seus filhos de boa, sem ter preocupação. Entende? Mulher sozinha, com três filhos não é fácil. (Lírio)

Bom, eu comecei a fazer programa, quando eu tinha 17, aí... eu já conhecia o centro já... cresci ali, praticamente né... andando a noite inteira ali, morava no hotel. Aí... com 17 eu comecei a fazer programa, com 18 eu comecei a viver do programa, tipo... fazia as outras coisas, mas... programa era uma coisa que todo dia eu tinha que fazer. Às vezes tinha as outras coisas que eu tinha que fazer, eu não ia, porque eu falava: hoje eu não vou trabalhar, mas, o programa todo dia eu tinha que fazer... (Dama da Noite)

Para Luckács (2003, p. 201) “o ser social só tem existência em sua reprodução ininterrupta; a sua substância enquanto ser é por essência uma substância que se modifica ininterruptamente, constituindo justamente em que a mudança incessante produz de maneira sempre renovada.” Segundo Luckács (2003, p. 201-204) constantemente estamos nos modificando nos enfrentamentos da vida, assim em seus processos de reprodução, o ser é singular nas expressões e nas ações com o cotidiano da vida, todavia este encontra-se da totalidade da natureza inorgânica e orgânica da totalidade da vida social. Assim, as participantes da pesquisa demonstram em seus depoimentos enfrentamentos às adversidades e determinantes da vida social. Segundo Vygotski (1990, p.21) essas vivências transformam-se em “[...] as imagens da fantasia servem de expressão interna para nossos sentimentos. A emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens”.

...a minha infância, meu pai ligou pra mim até meu irmão nascer, depois dos seis anos, quando eu tava com seis anos, minha mãe ganhou meu irmão, daí ele esqueceu que tinha uma filha, largou jogada, nem tchum, passava, ele chegava do serviço cedo não dava nem bom dia, nem boa noite, pra quê? Aí aquilo ali ia me irritando, quando eu tava com 12 anos eu não aguentei mais. Bom, já que o pessoal, o povo da rua dá mais atenção para mim do que meu pai e minha mãe, eu vô fica fazendo o que em casa. (Dama da Noite)

Destarte, após analisar as intercorrências vividas e sofridas pelas participantes da pesquisa foi possível elencar alguns fatores/causas circunscritos na prática prostitucional que reverberam psicossocialmente.



Fonte: Pesquisadora Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães, 2015.

Utilizou-se do modelo de colmeia para ilustração, pois o mesmo permite que novos desencadeadores sejam inseridos frente uma extensão de levantamentos futuros em posteriores pesquisas, bem como, representa uma composição de causas. Tais causas (fatores e aspectos) podem instigar e desencadear novos debruçares em estudo e pesquisa sobre a temática da prostituição feminina de baixa renda.

Sawaia (2007) nos aponta que o cerceamento ao direito de escolher e de ser reconhecido gera tanto sofrimento quanto a ausência ou dificuldade de conquista dos bens materiais e dos recursos necessários para estar inserido na sociedade, sendo estes reflexos da falta de liberdade. Chauí (2011, p. 170), nos aponta que Espinosa, retrata liberdade, com efeito, não suprime, mas pelo contrário, coloca a necessidade em ação. Assim ser livre, está para uma existência onde busca-se a necessidade da sua natureza, que, levará ao agir de forma singular perante cada fato da vida cotidiana.

Nessa esfera de desigualdade social, identificamos um sujeito que pode ser agente ativo de seu próprio desenvolvimento, porém suas escolhas estão limitadas a condicionantes restritoras pelo meio social ao qual está inserido, definindo possibilidades de realização e ou investidas conforme sua realidade, todavia também o indivíduo é ser singular, no qual o homem precisa reagir a ela. Desse modo, Luckács (2003, p. 2006) nos diz:

Ora, ao serem enquadradas na reprodução social dos homens, de forma socialmente fixada de alternativas postas e respondidas corretamente – corretamente no sentido de corresponderem às “exigências do dia” – são posas como partes integrantes do fluxo contínuo da reprodução do homem singular e da sociedade, consolidando-se, ao mesmo tempo, como crescimento da capacidade de vida da sociedade em seu todo e como difusão e aprofundamento das capacidades individuais do homem singular.

No entanto, a realidade não é linear, se faz na contradição do mundo material que se procede na reprodução da vida social alicerçada no capital. Assim, as expressões dessa realidade social estão manifestas em relações que expressam as desigualdades de oportunidades de vida. Segundo Sawaia (2009, p. 369) desigualdade social se caracteriza por “...ameaça permanente a existência. Ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação.” Essas afecções impactam diretamente no ser social de formas diferenciadas de acordo com suas respostas subjetivas, imanentes em si, porque cada ser é uma totalidade em si mesmo e persiste em sua substância através do *conatus*, no qual se busca viver e sobreviver no mundo de desigualdades permeados por injustiças sociais, mas que o ser persevera em seus desejos e sonhos, no desejo de alcance da felicidade em meio há tantas angústias, dificuldades e percalços que a vida material lhe apresenta.

3.4 “SAÚDE” DA MULHER E PROSTITUIÇÃO DE BAIXA RENDA

Conforme Caderno de Saúde Pública, vol. 16, ano 2000⁴⁵, a palavra saúde tem algumas derivações distintas, tais como saúde e *salud* (espanhol) derivam de uma mesma raiz etimológica: *salus*. No latim, esse termo designava o atributo principal dos inteiros, intactos, íntegros. Dele deriva outro radical de interesse, *salvus*, que conotava a superação de ameaças à integridade física dos sujeitos. Segundo Rey (1993), *salus* provém do termo grego *holos*, no sentido de totalidade, raiz dos termos *holismo*, holístico, tão em moda atualmente, que foi incorporado ao latim clássico através da transição *s'olos*. Saudação também vem do latim *salutare*, “saudar”, literalmente “desejar saúde a”, de *salus*, “boa saúde, cumprimento”, relacionado a *salvus*, “salvo, em segurança”. Este sentido de saúde que integra uma dimensão de totalidade, inteireza e integralidade de conservação, se dispersa na realidade que isola o sujeito da doença. O indivíduo passa a ser mais um dos equipamentos constitutivos da

⁴⁵ Título do artigo: Qual o sentido do termo saúde? <http://www.scielo.br/pdf/csp/v16n2/2080.pdf> - NAOMAR, de Almeida Filho.

subjetiva saúde, inscrita na superfície do corpo, especializada, nômade, descentrada. (Bernardes e Guareschi, 2010)

A Organização Mundial da Saúde define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças. Defronta-se com uma utópica concepção de saúde que se ancora na totalidade do ser, indissolúvel e íntegro, para uma conceituação, do que poderíamos dizer que, são possibilidades de estado do sujeito. Não podemos dizer que saúde é sinônimo de ausência de doença. Segundo Almeida Filho (2011), a discussão etimológica de saúde nos direciona a uma polissemia do termo “doença”, perpassada por um viés de fenômeno, com transversalidade em caracteres relacional, conceitual, holístico e multidimensional e, portanto, precisa ser considerado alguns encadeamentos percorridos frente a utilização e aplicabilidade do termo que estão pulverizados como uma unidade de medida, valor, metáfora, ou mesmo, uma práxis.

Depois de percorrer a etimologia da palavra nos deparamos com a necessidade de direito do cidadão frente à condicionante social de ter saúde e ou ser saudável, prescrito na Constituição Federal Brasileira, na qual está previsto no artigo 6º, “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1982, Art. 6º), compondo um arranjo de direitos, que se corretamente articulados e desempenhados socialmente podem e serão geradores de saúde, preventivo de doenças e principalmente instigadores e propulsores de possibilidades de vida e ou qualidade de vida, de acordo com a realidade de cada qual sujeito. A implicação do referido artigo constitucional, não nos respalda quanto a uma práxis relativa à saúde, tão menos nos auxilia a desenvolver ponderações e discussões construtivas, produtivas e aplicáveis às participantes da pesquisa, esquivando-se da subjetividade que é subjacente a cada uma delas.

Frisa-se que uma concepção de saúde perpassa pelo sujeito e este por sua vez possui diversas maneiras de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo a sua volta, portanto, o conceito de saúde passa por um viés de subjetividade previsto em cada ser no mundo, lidando com esse mundo nas suas diversidades humanas. Assim, estaquear um conceito de saúde, pode ser muito arriscado, pois percorre caminhos que estão ligados às políticas públicas pluri vetoriais, mais comumente o aspecto biopsicossocial, e no momento a corpolatria vigente, que nada mais é que o culto ao corpo.

Bernardes (2005, p. 263), ...com o capitalismo a saúde surge como sinônimo e unidade produtiva de bem-estar economicamente viável e vantajosa. Assim, podemos inferir que o

lugar de promoção da saúde no capitalismo vem antes de uma real necessidade de promoção de saúde aos indivíduos, potencialmente expostos a condições de adoecimento.

Ainda vivemos um contexto sócio cultural que apregoa a necessidade de preservação da saúde, que percorre o caminho do tratamento frente à ausência da mesma ou diante de um estado de anormalidade biológica do organismo do sujeito, e procura intervir de forma curativa por intermédio de práticas caseiras de medicamentos, através de chás, ervas e procedimentos geradores do bem-estar ao corpo. Ou ainda, por meio das indústrias de medicamentos, que conceituam saúde ao uso de medicamentos alopáticos, no qual a centralidade da saúde está para o tratamento da doença.

Poder articular e fomentar o sentido de vida, de possibilidades do viver, de tal forma, que reverbere e flexibilize a expressão de ser do sujeito, é o que nos permite olhar e ver com a psicologia, novas e assertivas leituras e intervenções.

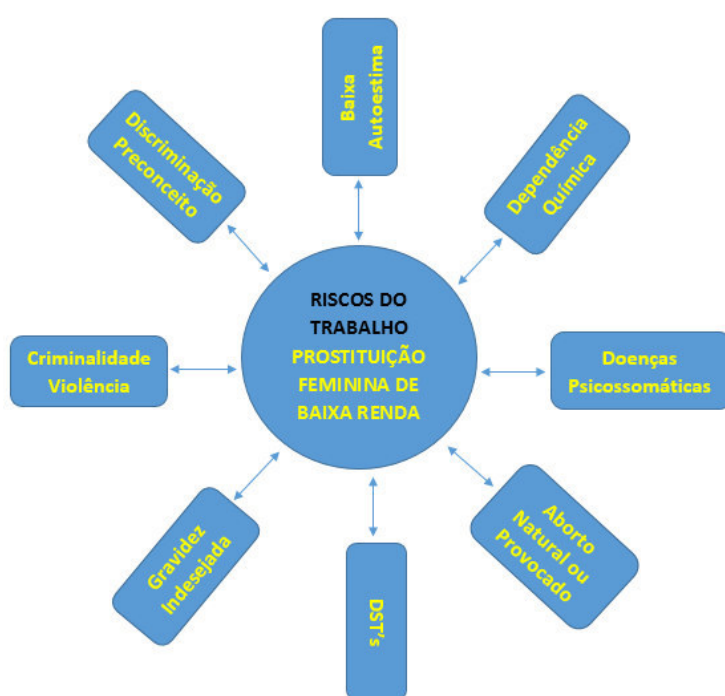
Para Rey (2011), saúde e doença são entendidas como sistemas complexos em desenvolvimento, como configurações de um conjunto de processos diferentes que, em um momento particular, facilitam ou impedem à pessoa a geração de alternativas saudáveis diante de experiências vividas. Os processos e configurações subjetivas são um momento ativo da configuração mais abrangente da doença, a qual inclui muitos outros processos não subjetivos. O sentido subjetivo é definido por ele como a unidade processual do simbólico e o emocional que, emerge em toda experiência humana, unidade essa onde a emergência de um dos processos que a integre sempre, invoca o outro sem se converter em sua causa, gerando verdadeiras cadeias simbólico-emocionais que se organizam na configuração subjetiva da experiência.

As participantes da pesquisa, ao retratarem suas histórias de vida acentuam fatores sociais da dialética exclusão e inclusão, que permeiam o sentido de existência, compulsivamente são marcadas pela destituição de direitos, como assujeitadas e invisíveis a sociedade, que sofrem, no sentido de dor, recorrentemente acentuado preconceito e discriminação. Diante das histórias de origem de vida familiar, assinala-se situações de violências diversas físicas, psíquicas e sexuais na infância e adolescência, são oriundas de famílias com uma organização peculiar, com ditames próprios, classificadas como de baixa renda familiar, sem oportunidades de acesso ao estudo e à educação formal na genealogia familiar. Em muitos casos, as mulheres profissionais do sexo apresentam um histórico de vida na infância e adolescência com iniciação na prostituição como forma de sobrevivência e subsistência. Além disso, com livre circulação pelas ruas, junto ao universo da marginalidade, violência e criminalidade, onde criam, (re)criam e desmantelam-se teias de segurança,

proteção e autodefesa, porém estabelecendo ligação direta com bebida e drogas propiciando a dependência química e encontrando-se em situações de vulnerabilidade e risco social durante toda a sua infância, adolescência e juventude. Percorrem, portanto, um caminho de incertezas, frustrações e falta de perspectivas, que as conduzem para o mundo da prostituição, coisificando-as em sujeitos sem direitos sociais e fazendo de seus corpos o próprio instrumento de trabalho e mercadoria, de uma existência tolhida no fluxo do descarte, desenvolvendo assim, o sentimento de solidão, inferioridade e de menos valia. Por outro lado, somente observa-se que são mulheres fortes, capazes de enfrentar as adversidades da vida com resignação e capacidade de luta pela sobrevivência de si e dos seus. Espinoza em seu livro *Ética* (Parte IV, 2015, p. 173-175):

Não há nada que saibamos, com certeza, ser bom ou mau, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender ou que possa impedir que compreendamos. (prop. 27). À medida que uma coisa concorda com a nossa natureza, ela é necessariamente boa. (prop. 31). À medida que os homens estão submetidos às paixões, não se pode dizer que concordem em natureza. (prop. 32). À medida que são afligidos por afetos que não são paixões, os homens podem discrepar em natureza e, igualmente, sob a mesma condição, um único e mesmo homem é volúvel e inconstante. (prop. 33)

Dessa forma, vão-se configurando alguns meandros e riscos que estão envolvidos na prática da prostituição feminina de baixa renda, sendo que cada um dos fatores elencados que se ascenderam surgem como respostas ao trabalho desenvolvido gerando suas conseqüências. A representação visual ficou assim caracterizada, conforme os pontos sinalizados durante as análises dos dados:



Fonte: Pesquisadora Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães, 2015.

Segundo, Souza & Minayo (1994, p. 87), "a violência afeta a saúde porque provoca doenças e alterações negativas na integridade corporal, orgânica e emocional. Mas também provoca a morte tolhendo o direito do ser humano à vida, sendo assim a negação de toda legalidade possível". Essa vulnerabilidade estampa e carimba as afetações que mulheres profissionais do sexo de baixa renda estão susceptíveis a estarem envolvidas em sua prática profissional que as distingue de outras profissionais de mesma ramificação.

Aquelas profissionais do sexo que buscam na prostituição uma opção consciente e prazerosa de realização, talvez não vivam as inquietações sociais que as mulheres participantes desta pesquisa. Como já apontado anteriormente as respostas a cada afecção se fazem diferentes para cada ser, assim no universo social desta há uma complexidade e diversidade que se desencadeia suas decisões, escolhas e projetos. Nesse conjunto de dimensões, onde há de se tomar as condições de vida, as contradições vividas, as relações de gênero que se implicam aí e logicamente a subjetividade individual de cada pessoa humana.

Marx enfatiza que a objetividade de todos os objetos é inseparável do seu ser material. Essa concepção do mundo existente em si é arredondada teoricamente pelo fato de a objetividade de todos os objetos e relações existentes possuir uma infinidade extensiva e intensiva de determinações. Somente a partir desse ponto é que pode ser compreendido adequadamente também o aspecto subjetivo do processo tanto prático como teórico e apropriação da realidade: na práxis, sempre são apreendidas objetividades reais (...) por, princípio, jamais – possuirá a totalidade das determinações como sua base de conhecimento. (Luckács, 2003, p. 218)

Portanto, aqui nos seria quase impossível compreender a realidade complexa a que estão inseridas as mulheres participantes desta pesquisa no que tange às questões relacionadas entre saúde e trabalho. Todavia, é possível indicar que ao viver em situações que lhes apresentam vulnerabilidades e riscos e, ficam expostas e suscetíveis, conforme ilustrado no gráfico acima.

Em alguns casos, a vida desregrada, noites ao relento, exposições as intempéries do clima, qualidade de sono e descanso inapropriados, consumo de bebidas alcoólicas, drogas, entre outros, trouxeram significativos comprometimentos a saúde física e mental das participantes. Assim, identificou-se a Depressão, o Transtorno de Ansiedade Generalizada – TAG, Doenças Sexualmente Transmissível - DST's e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida – HIV/Aids, Esquizofrenia, abortos clandestinos, filhos não planejados (gravidez indesejada), agressões física, emocional e moral, dependência química, tentativas de suicídio, entre outros. Marcas que estão registradas no corpo e na psique. Portanto, em detrimento ao

exercício do trabalho prostitucional, algumas desenvolveram doenças psicossomáticas, transtorno mental, tais como depressão, transtorno de ansiedade generalizada – TAG, entre outros. A depressão entendida como o último estágio de dor profunda que o sujeito pode passar e a ansiedade no seu estado patológico⁴⁶. A baixa autoestima está presente de forma a alimentar a ideação suicida, a tentativa de suicídio e “autonegligência”, ou seja, deixar de se alimentar, de tomar os medicamentos necessários a manutenção da saúde, como medicamentos para tratamento de diabetes, hipertensão ou cardiopatias. Existem aquelas que necessitam fazer uso de medicamentos psicotrópicos ou controlados e, por “negligência” deixam de tomá-los ou fazem o uso conjunto com bebidas alcoólicas, persistindo com descuidos que são vitais, visando acelerar a própria morte. Porém o sentido de “autonegligência” e “negligência”, não podem ser aplicados *ipsis litteris*, pois os processos e construções sociais patologizam o sujeito e os imprime maneiras de enfrentamento tanto para as condições sociais, quanto aos sofrimentos afetivos. Portanto, não se pretende aqui fazer uso da patologia para invisibilizar os processos sociais de desigualdade e injustiça.

Para Sawaia (2009, p. 07) “A relação entre as ameaças provenientes da desigualdade social e as respostas afetivas dos que a elas se assujeitam compõe um processo psicológico político poderoso à reprodução da desigualdade”, o qual conceitua-se de *sofrimento ético-político*. Desse modo, o sofrimento ético-político expressa a vida em sua materialidade, a vida cotidiana em todas as suas expressões da questão social dominante de sua época histórica, que se revela na negação imposta socialmente e á lógica da produção que é excludente em todas as suas nuances. Esse sofrimento é muitas vezes o responsável por acelerar tantas mortes seja através da entrega pessoal às drogas ou mesmo ao suicídio.

Registrou-se também, que grande parte das prostitutas de baixa renda, em algum momento da vida manteve relação sexual sem preservativo, havendo casos de mulheres portadoras do vírus HIV ou que foram acometidas por alguma outra doença sexualmente transmissível – DST’s. Algumas delas cometeu ou sofreu pelo menos um aborto, seja ele induzido ou espontâneo. Parte delas fez ou faz uso de entorpecentes eventualmente ou são usuárias/dependentes de drogas e/ou álcool. Assim, o exercício da prostituição normalmente está contextualizado por um ambiente ritualizado e regado pelo consumo de bebidas alcoólicas, drogas, entorpecentes e cigarro, que desencadeou em dependência física e emocional para algumas delas.

⁴⁶ Compreendido e identificado como transtorno de ansiedade generalizada – TAG, diagnóstico e quadro clínico de uma das mulheres assistidas pela FUNASPH, que realiza tratamento psiquiátrico e faz acompanhamento psicoterapêutico.

Na década de 80, as prostitutas, garotas de programa ou profissionais do sexo, com o surgimento do HIV, foram incisivamente abordadas, ou talvez, bombardeadas pelas políticas públicas de combate às doenças sexualmente transmissíveis – DST's e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – HIV/Aids, pois juntamente com os homossexuais foram rotulados como os principais agentes de contaminação e proliferação da doença. Socialmente mais um estigma que tiveram que aprender a conviver e ou suportar para poder sobreviver. Ganham dentro desta proposta de política pública o direito de receber gratuitamente os preservativos e muito timidamente algumas oficinas foram realizadas para educação de sexo seguro, correto uso da camisinha e, como se contraia o HIV e a prevenção necessária, passando então, a compor regras e protocolos necessários de higienização em saúde pública. A sua condição de trabalhadora sexual, é colocada em segundo plano, em primeira instância é colocada na condição de ser reprodutora, destacando direitos sexuais e reprodutivos, ou ainda, conforme a década de 80, com o advento do HIV, as prostitutas foram identificadas e arroladas como disseminadoras do vírus da AIDS, onde foram criteriosamente procuradas e identificadas com o intuito de controle e higienização da doença.

Na prostituição de rua, categorizada como de baixa renda, tem-se a ocorrência de exposição às intempéries do clima, vinculado ao uso de roupas com maior exposição ao corpo, acentuando a sensualidade e incorrendo em perigos de violência e agressão, devido às crenças estereotipadas em torno da mulher prostituta de rua, como sendo um “lixo” e “estorvo social”.

Na noite você é chamada de lixo né, porque... ele não respeita, se você é assaltada, acontece alguma coisa, eles chamam a polícia, a polícia é a primeira a te criticar... ruim pra você... o que aconteceu, aconteceu. (Rosa)

Conforme exposto, por Rosa, são referendados por agentes de segurança ou demais instâncias sociais o (des)valor e (in)diferença quanto ao sentido de possuidoras de direitos. Essa situação apresenta-se como uma ponderação, na qual essas mulheres passam a acreditar que são verdadeiramente destituídas e desmerecedoras de garantias básicas de vida. Vigotsky (2000) apresenta o psiquismo como um lugar de luta de sentidos contrários, portanto, em constante processo de configuração (vir a ser) mediado pelas experiências, vivências dos conflitos sociais, a partir do lugar de classe que eu ocupo. Perante esses conflitos e vivências sociais vão-se tecendo e entrelaçando os sentimentos dessas mulheres, que poderão ser potencializados no sentido de busca por alternativas saudáveis e respeitadas à integridade ou à repressão descaracterizada de uma consciência de coisas vividas no passado, no nível de estado afetado, porém que corrobore para uma potência num futuro próximo, de aquisição e

conquista de novas formas de objetividade, no intuito de uma superação e novas conquistas e realizações que gerem satisfação, alegria, prazer decorrendo a felicidade imanente.

O aspecto mais expressivo que tem sido ponto de análise e observação, diz respeito ao desejo dessas mulheres de sair da prostituição e estabelecer uma nova atividade profissional que permita o rendimento mínimo necessário para uma vida digna e sustentável. A tentativa e busca pelo (re)direcionamento profissional tem causado sofrimento e angústia, pois ao mesmo tempo que estão se capacitando e formando-se em uma nova atividade laboral, ocorrem os processos de retorno para a prática sexual comercializada, mesmo que a priori estejam convictas que não desejam mais viver da venda do sexo. No entanto, a realidade social e econômica continua e persevera em empurrá-las a comercialização sexual, subjacente à condição ético-política que condiciona os excluídos na malha da desigualdade, mantendo-as numa posição desleal a concorrência do mercado de trabalho.

No processo de enfrentamento social vivido pelas participantes da pesquisa, ocorrem recorrentes retornos a prostituição, situação que gera afetos como frustração, decepção, desmotivação, sentimento de dor e fracasso, elas recobram e revivem os afetos e sentimentos que haviam experimentado na iniciação da prostituição, trazendo a sensação de repúdio e fracasso pessoal. Este descompasso e dicotomia pela busca de uma nova identidade profissional, está configurada na subjetividade desse sujeito, num novo espaço para ser alcançado e ocupado nesse meandro de descobertas e incertezas.

Ainda que a Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República - SPM/PR respeita a diversidade entre as mulheres: negras, brancas, indígenas, quilombolas, lésbicas, bissexuais, transexuais, em situação de prisão, mulheres do campo e da floresta, com deficiência, em situação de rua, com sofrimento psíquico, e nos diferentes ciclos de vida, com ênfase nos processos de climatério e envelhecimento, não se observa a condição da mulher prostituta ou prostituinte, seja por opção ou, em situação de vulnerabilidade.

Deste modo, a saúde psicológica é outro fator a ser considerado no processo e na necessidade instaurada de (re)significar o trabalho e formas de trabalhar no curso da vida dessas mulheres participantes da pesquisa, conforme pode ser entendido nos relatos abaixo:

E agora... estou sem serviço, tô desempregada. Só que é aquela coisa, eu não quero volta fazer programa hoje... eu sei que seu volta a fazer programa de novo, vou volta a cheirar cocaína de novo... aí quando pensar que não, tô voltando a fazer tudo de novo. (Dama da Noite)

...falei assim que eu não queria nunca mais queria voltá ao passado, queria uma nova vida, uma vida assim que viesse trazer pra mim alegria de viver,

sê alguém, sê alguém, ter um nome... e o primeiro passo que eu dei foi arrumar um emprego né... de carteira registrada. (Rosa)

Portanto, é possível observar uma acentuada necessidade de fala e de escuta para aspectos relacionados ao sofrimento psíquico dessas mulheres, expressando a necessidade de um espaço terapêutico e de promoção da saúde mental.

4 AFETAÇÕES DO TRABALHO PROSTITUCIONAL

4.1 SINGULARIDADE E PLURALIDADE DOS AFETOS NA PROSTITUIÇÃO FEMININA

A cada novo contato e novas aproximações que foram estabelecidas com o público pesquisado, iam-se configurando um expressivo e marcante apelo por respostas aos sofrimentos que a prática prostitucional havia gerado e continuava gerando. Ecoava-se uma série de afetos desconfortáveis, tais como tristeza, desprezo, ódio, ira, medo, desespero, decepção, entre tantos outros, os quais eram descritos por praticamente todas as mulheres que ali se apresentavam. Portanto, como nos diz Sawaia (2015) o conceito de intersubjetividade indica que a subjetividade é materialidade e que esta é histórica, porque sempre nasce de uma construção de ideia a partir da concretude da existência humana do mundo real, mas ao mesmo tempo ninguém vive sozinho, nos relacionamos com o mundo real e concreto na vida cotidiana. Destarte, apresenta-se alguns pontos para reflexão:

Eu mesma fui assim, quanto mais briga dentro de casa mais procurava. Porque o que eu não procurava...o que eu não achava em casa, procurava pra fora, pra fora não achava... (Margarida).

Ele nunca quis me ajudar, ele me abandonou definitivamente, me jogou pra rua, né! (Girassol).

A família, eu não tenho mais união com a minha família. Tanto por parte da minha mãe, tanto o pai da minha filha, entendeu! Não tem uma união, eu sou só eu e ela e eu e Deus, entendeu, na minha casa. Até por causa que eu tenho muito medo, realmente, de um dia isso chegar no meu pai, porque eu sei que meu pai ainda... Minha mãe não falaria nada, eu desconfio que ela sabe. Mas eu trabalho bastante... Uma coisa que eu aprendi nisso tudo é que, eu acho que se você tem uma criança dentro de casa não brigue na frente dela, viu? Porque tudo leva a.. aí eles procura carinho fora de casa, fora de casa; não tem aí o dinheiro... (Margarida)

Minha família, é só minha mãe, sempre morei com ela, não tive infância. (Lírio)

Porque pra mim família que não me respeita eu não considero, não considero laço de sangue nem nada. (Violeta)

Segundo Espinosa os afetos primários⁴⁷ são a alegria e tristeza, estes são vividos nos encontros com outros corpos. Bove (2010, p. 32) destaca “Embora sejamos conscientes dos esforços que fazemos para viver, nós não temos a mais remota ideia das verdadeiras causas que nos determinam a agir.” Para Luckács:

⁴⁷ Espinosa chama de afetos primários, o desejo, o *conatus*, a alegria e a tristeza, e deles, nascem todos os demais afetos.

Por meio do espelhamento do presente, por meio do posicionamento prático diante de suas alternativas concretas de suas experiências, o passado com o futuro e com as tarefas ainda desconhecidas propostas por ela no passado, a consciência precisa ter uma intenção espontânea direcionada para a melhor reprodução possível daquela vida individual a que pertence, cuja promoção constitui a tarefa imediata de sua vida. Portanto, a consciência com que agora estamos nos ocupando é a consciência do homem cotidiano, da vida cotidiana, da práxis cotidiana. (Luckács, 2003, p.216)

No caso de Girassol percebe-se o afeto decepção que foi vivenciado no ato de ser expulsa de casa, sendo a atitude de seu pai algo inesperado e não aceito por Girassol. Na situação de Margarida, constata-se o afeto medo, que percorre a possibilidade e ou hipótese do pai descobrir que ela tornou-se uma prostituta, uma vez que essa situação não seria aceita por ele. Tal efeito é possível de ser constatado e retratado nas histórias de vida das participantes da pesquisa, principalmente, quando relatam seus desencontros e desajustes familiares, que deixaram marcas, ora de sofrimento, ora de danos, ora de apreço e carinho, mediante as figuras familiares de pai, mãe, irmão(s), tio(s), primo(s), avós, entre outros; que configuram de alguma forma, no caso das participantes de nossa pesquisa, em distanciamento, rompimento de vínculo e ou, contato pessoal, todavia, a marca ficou e a ideia da afecção, ou seja, das relações vivenciadas, mesmo sendo relações do passado se fazem presentes no presente de suas vivências. Assim, para melhor compreensão pode-se dizer que a ideia da afecção que se faz presente, é o conhecimento que estabeleço pelo efeito, pelos resultados que em mim foram gerados, ainda que, conforme nos diz Espinosa nos seja um conhecimento inadequado.

Tem-se, portanto, a realidade das participantes da pesquisa, que outrora, na condição de adolescentes e jovens mulheres de baixa renda, vivendo um contexto social de vulnerabilidade, economicamente desprovidas de recursos mínimos necessários para sobrevivência, com relações familiares conflituosas, abarcam no *conatus*, como uma potência interna de autoperseveração e, percebem na prostituição uma condição de existência, de ser e estar no mundo, o sentido de sobrevivência sendo aplicado como conservação na existência, criando um distanciamento da autodestruição ou autocomiseração. A partir de seu agir, impulsionado pelo *conatus*, pela perseverança, de autopreservação e da existência do desejo de estar e ser no mundo, as mulheres, profissionais do sexo participantes desta pesquisa manifestaram a partir de seus discursos diversos afetos.

A mente ao experimentar a tristeza percebe que não está desconexa de seu corpo, havendo constrangimento da potência de agir desse corpo e da mente, então essa tristeza para Espinosa passa a ser melancolia. Portanto, a melancolia é um afeto que é experimentado pelas

peessoas que passam a maior parte de suas vidas se relacionando com seres que não se ajustam com sua própria natureza, dessa forma, buscam uma adaptação ao ambiente que é prejudicial para ele, gerando assim, a melancolia do ser. Havendo favorecimento de toda a potência do corpo, o contentamento é uma expressão de alegria, quando toda a potência do corpo é favorecida, ou seja, há o encontro com outros seres que lhe proporcionam ou favorecem sua potência de agir por meio de composição entre eles.

É interessante denotar que conforme Espinosa (2010) nos diz, nenhum ser humano é livre de fato, somente Deus o é inteiramente. Isso se dá porque embora pareça que possamos escolher nossos caminhos, não o podemos, verdadeiramente, na medida em que as determinantes nos condicionam em nossas opções. Ou seja, determinantes sociais, econômicas, políticas, morais, entre outros, são condições para o agir no mundo. O que levou e, tem levado mulheres de baixa renda a buscarem na prostituição, “uma” ou “a” alternativa, como uma força estimuladora a dar continuidade à existência, isso porque para existir é necessário sobreviver e, para sobreviver no mundo capitalista é necessário ter poder de compra, apresentar-se representativo na existência por intermédio da relação “ser e possuir/adquirir”, ser expressivo consumidor no quesito auto sustentação.

Conforme o que Vygotsky (2000, p. 36) nos fala “não existe vontade fixa”. Desse modo, para Silva e Magiolino (2016, p. 47), existem posicionamentos sociais conflituosos e aparentemente contraditórios:

Na pessoa social está amalgamado, contraditoriamente, um campo conflituoso de posicionamentos sociais que vão definindo formas de atuação, mais especificamente, modos de ser, agir, pensar e (ressaltamos) modos de sentir que são singulares. Tais performances sociais se organizam dentro de um tecido cultural particular, permitindo pela possibilidade criadora da história e emergente nas relações sociais.

Ainda que, em primeira instância possamos visualizar como uma atitude contraditória e anulativa de existência do ser, na perspectiva de condição humana favorável e aceitável, aspecto esse, não levado em questão de “aceito” ou “reprovável” individual e socialmente e, longe de desafiar qualquer crença estereotipada de prostituição, apenas na sua finalidade última de existência e sobrevivência, numa ação intuitiva e ou instintiva. A esse sentido de ser existente por meio da comercialização ou venda do sexo, pontua um sentido de vida, traduzido nas afecções como pobreza, privações materiais, insegurança, incertezas, dor, ausência de vínculo familiar, como ocorre na história de vida da participante Dama da Noite.

Porque eu sempre pensei, poxa, se eu tenho essa vida, vou querer ter um filho que tem essa vida? Pra mim, como é que eu vou acordar, sabendo que meu filho tá tendo a mesma vida que eu, é pobre. Não quero ter filho! Se

fosse ter filho, um filho com um milionário, daí podia até ser, mas eu ter um filho com outra pessoa que também não tem condições, como é que eu vou sustentar o bichinho, larga o bichinho pobre, pra morrer de fome, prefiro nem deixar nascer, aí não quis ter filho. (Dama da Noite)

Ela realizou sete abortos por acreditar que não reunia condições para ser mãe e, para manter uma criança na sociedade desigual em que vive, promotora de exclusão e fortalecedora de divisão de classes sociais, conforme ela coloca em sua reflexão. Contudo, significa dizer que o afeto é a oscilação da potência de existir, do esforço de autopreservação, tendo em vista a afecção acometida no corpo que promove uma consciência da imagem e, do efeito que foi produzido nesse corpo. O afeto é a maneira como os corpos nos seus encontros deixam impressões, resíduos, marcas e que imprimiu nessa mulher um sofrimento ético-político, como nos diz Sawaia (2015), ou seja, gerado pela desigualdade social materializada em sofrimento diário pela necessidade do uso do corpo para garantir a sobrevivência de si e de sua família. A afecção sofrida leva a construção do afeto e a sua consciência, a partir da ideia construída impulsionando-a na necessidade de agir, contrapondo-o para que o filho não vivencie a sua situação, repetindo a história.

...meu pai me jogou pra fora de casa, eu fiquei sem ação né. Nunca tinha trabalhado, nunca tinha carteira registrada, não tinha referência, aí eu não tinha como cuidar da minha filha, eu não tinha como pagá, alguém cuidar pra mim, daí eu parti pra prostituição, pra poder cuidar dela, criar. (Girassol)

Eu me envolvi, principalmente, por causa da dificuldade, por causa da dificuldade... Eu me casei, tive minha filha, aí separei do meu marido, e... fiquei sem rumo, sem ajuda. Foi o principal motivo de eu ter me envolvido, acho que foi isso aí...(Margarida)

As experiências vividas no corpo da mulher profissional do sexo também são vividas afetivamente na mente, ou seja, o corpo experiencia o que concomitantemente ocorre com a mente, portanto, falamos de experiências corporais e psíquicas, que podem ser aumentadas ou diminuídas, conforme a ação corporal implicada à mulher. Assim, podem-se registrar relatos que se apresentam recheados de sofrimento, corporal e psíquico. Quando o exercício prostitucional tem colocado algumas delas expostas a situações de vulnerabilidade e violência física/emocional “na rua” e “da rua”, que corrobora para denegrir a imagem social, profissional e humana dessas mulheres, sendo esse um dos geradores de sofrimento psíquico, desencadeando doenças como depressão, baixa autoestima, ideação suicida, entre outras doenças.

Retratou-se, um perfil de mulheres prostitutas de baixa renda, que apresentam em suas relações práticas prostituíntes e cotidianas com outros corpos, em um processo de não combinação com suas naturezas corpóreas, na condição de maus encontros. Pode-se, portanto, haver outras profissionais do sexo que encontram uma combinação corpórea a essa prática profissional e, para tanto, não retratam tais afetos, pois se configuram como bons encontros.

Repetindo o já dito anteriormente, Vigotsky (2001, p. 139) nos coloca que “toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela.” Assim, como nos diz Chauí (2003) os homens agem politicamente na proporção de seus afetos. Enquanto se vive sem compreender conscientemente os seus afetos, percebe-se no grupo estudado de mulheres profissionais do sexo que são aprisionadas em atitudes de esconderem-se, de submissão, de assujeitamento, de subserviência ao outro que, consegue estabelecer uma relação ou encontros de dominância, senhorio e poder sobre elas. A aplicabilidade da expressão “camuflagem social”, mencionado anteriormente não se reporta ao se esconder algo, mas se reflete ao que “não se quer ser” em distonia afetiva ao que se necessita fazer, ou seja, não se faz apenas o que se gosta, o que gera prazer, o que é agradável. Portanto, as mulheres participantes da pesquisa dão-se o direito de serem carimbadas a todo momento através de encontros marcados com outros corpos, na figura variada de diversos clientes. O querer “não ser prostituta”, não ser reconhecida como tal em alguns locais e horários denota um afastamento ou distanciamento de afetos, conforme descreve Espinosa, em sua relação de afetos na *Ética*, tais como desprezo⁴⁸, ódio⁴⁹, aversão⁵⁰, escárnio⁵¹, medo⁵², indignação⁵³, rebaixamento⁵⁴ e/ou vergonha⁵⁵.

A relação de tristeza que se caracteriza nas entrelinhas das falas de algumas participantes denota uma diminuição de sua potência de agir. Configura uma dificuldade e permissividade para não reagir e buscar um afeto que lhes dê condição de uma maior força de agir, que as impulsione a vislumbrar prazer no que se faz ou sair em busca de algo que lhe proporcione alegria e satisfação.

⁴⁸ O desprezo é a imaginação de alguma coisa que toca tão pouco a mente que esta, diante da presença dessa coisa, é levada a imaginar mais aquilo que a coisa não tem do que aquilo que ela tem.

⁴⁹ O ódio é uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior.

⁵⁰ A aversão é uma tristeza acompanhada da ideia de uma coisa que, por acidente, é causa de tristeza.

⁵¹ O escárnio é uma alegria que surge por imaginarmos que há algo que desprezamos na coisa que odiamos.

⁵² O medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida.

⁵³ A indignação é o ódio por alguém que fez mal a um outro.

⁵⁴ O rebaixamento consiste em fazer de si mesmo, por tristeza, uma estimativa abaixo da justa.

⁵⁵ A vergonha é uma tristeza acompanhada da ideia de alguma ação nossa que imaginamos ser desaprovada pelos outros.

A maioria, igual essa menina que tá... “Fulana”, a história dela, ela foi abandonada dentro do lixo. Então, assim... ela não teve família também. Então, a maioria que vai pra prostituição é porque não teve amor, não teve carinho mesmo. Porque não existe uma menina que recebe amor e carinho do pai, ter uma faculdade, ir para prostituição. (Rosa)

Temos o amor, que se apresenta ausente, constituinte de uma necessidade quase que inata do ser humano, que, portanto, apresenta-se como causa ou condição de uma vivência prostituinte, quando há a ausência desse afeto na fase da infância ou adolescência preconizado no ambiente familiar, enquanto constructo de emoções e sentimentos saudáveis, que podem gerar um adulto com condições favoráveis de enfrentamento a vida. Desse modo, o amor como afeto, para Espinoza, caracteriza-se de uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior.

Só que aí minha filha cresceu, aí eu tive meu filho, daí a minha filha começou a ter vergonha de mim, né, meus filhos... porque eu era uma prostituta, né, encontrava na rua, virava a cara, às vezes encontrava assim numa lanchonete, falava que eu não era mãe dela pras amigas, né, eu sofri desses preconceitos muito... (Girassol)

O que me dava mais raiva também é que quando chegava na gente, se você tava dentro de uma casa de massagem ou na rua, e às vezes você não queria ficar com aquele homem, né! Você sentia nojo, você não ia com a cara dele, né! Ai eles falava assim na cara da gente que “Cê tá aí pra isso, você é vagabunda, você tá aqui pra isso, não é você que tem que escolher, é eu que tenho que escolher e, se eu quero você, você vai sair comigo!” Então eles queria assim, achavam que porque a gente era prostituta a gente, porque a gente tava ali naquele lugar, a gente era obrigado a sair com eles, a fazer o que eles queria, mesmo que a gente não quisesse. (Girassol)

O depoimento de Girassol expressa os afetos de vergonha e desconsideração referem-se a tipos de tristeza que foram direcionados a ela, pelo fato desta ser desaprovada pelos seus filhos, caracterizando-a numa opinião abaixo de justa, com dosagem de ódio, pelo fato de exercer a atividade prostitucional. Segundo Sawaia (2015, p. 19) “a potência de corpo na pobreza se define antes de tudo por afetos passionais, mas que podem ser superados pela multiplicação das afecções e por ideias adequadas”. Temos então, por meio desses afetos a manifestação de como essas mulheres foram afetadas por determinantes sociais que imprimiram-lhes forças mais poderosas do que elas mesmas pudessem suportar, por meio de um comércio sexual que autoritariamente posiciona essas mulheres numa relação de poder dialeticamente na relação de submissão social de seu corpo e sua mente.

Registram-se relatos que dizem que há o cuidado com a saúde e a preservação do corpo, perdurando a regra máxima do uso de preservativo para todo e qualquer cliente, antagonicamente, temos o relato de duas participantes da pesquisa, que mencionam o fato de

suas filhas serem resultado de “camisinhas” que se romperam durante a prestação do serviço, relação sexual. Aqui se percebe o efeito de algo que não se tem controle e domínio, o corpo sendo afetado, por outro corpo e, a essa afetação do corpo, enquanto relação sexual que se faz sem afeição, no qual o mais forte não se responsabiliza pelos danos causados ao mais fraco. O resultado dessa relação indesejada, mas contraditoriamente desejada, se apresenta como uma relação dialética que, ora se quer o sexo enquanto trabalho para sobrevivência, também se pratica o sexo sem necessidade de afeto e retribuição afetiva. Contudo, o resultado dessa afecção se dá de diversas formas, como gravidez não desejada, não planejada, doenças sexualmente transmissíveis, doenças psicológicas, entre outras afecções resultantes da existência no mundo da prostituição de baixa renda, perante a realidade das participantes da pesquisa.

De acordo com Minayo (1995, p. 19), a violência representa um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça à vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima. Segundo Santos (2015, p. 94), tem-se o depoimento de Bianca, que ao descobrir que estava com AIDS, resolve contaminar os clientes, independente de quem fosse, quanto pagasse, ou a idade que tivesse.

No dia que foi confirmada que eu tinha o vírus, fui para as ruas da rodoviária e fiz uns dez programas, sem camisinha, porque eu tinha raiva de tudo, da vida, me sentia infeliz; e, então, quis passar isso para meus clientes; queria matar todo mundo. (Bianca)

Para Espinoza isso é resultado da tristeza – como afeto primário que é intensa e se transforma em ódio – o ódio é uma tristeza acompanhada de uma causa externa, assim o fato de sua condição determinada pelo trabalho lhe oprime na própria relação de busca pela sua sobrevivência gerando descontentamento, aqui chamada de tristeza por Espinoza e na sua intensidade se traduz em ódio do outro, materializando-se em uma ação contra o outro. Para ela, esse era o momento de jogar para o mundo aquilo que ela recebera, devido a forma como fora “cuidada”. Os riscos enfrentados e os entristecimentos ocasionados pela existência de mulheres na prostituição correspondem à força de uma paixão. Quando se observa a inoperância ou repouso/estagnação, no sentido de não reação as situações que lhes causam danos, pode-se compreender, segundo Espinoza que o *conatus* de outros seres, devem ser entendidos como forças externas ao corpo e mente⁵⁶ dessas mulheres. Assim, quando mente e

⁵⁶ A mente não é uma alma provisoriamente alojada no corpo, mas Espinoza a define como *ideia de seu corpo e ideia de si mesma*, ou seja, como consciência de suas afecções corporais e de suas próprias afecções. Na mente,

corpo não conseguem reagir às situações externas que lhe causam padecimentos, caracteriza-se a passividade frente às afecções. Para Espinoza o afeto é o resultado de nossas relações travadas com o mundo no cotidiano, portanto, o afeto é a mediação fundamental da nossa relação com a sociedade que exprime na direção da liberdade ou da alienação. (SAWAIA, 2015). Os desafetos que permeiam as relações e os vínculos fragmentados que atravessam as vivências prostitucionais, registram recorrentes marcas/feridas na alma, mente e corpo das participantes da pesquisa, conforme podemos evidenciar nos relatos de Violeta e Margarida:

E é verdade, fica as ferida assim de você deitar, você fechar o olho e, você pensa, né, nas coisas... É só quem já viveu, né, pra poder imaginar as cenas, né, o que você já passou. Ficaram feridas, ficaram cicatrizes, né! (Violeta)

Eu não quero isso pra mim né, não quero viver o que a minha mãe viveu não, muitas vezes passando fome, muitas vezes (voz de choro e lágrimas de sofrimento, muita expressão de sofrimento) a gente via mãe chorá (novamente choro), fica assim muita coisa marcada dentro de nós. (Margarida)

Santos (2015, p. 67), enquanto realizava as entrevistas para seu livro, pode perceber e abstrair o sofrimento enfrentado e gerado na vida de ex-prostitutas:

A pessoa perde o sentido de muitas coisas da vida. Desacredita de tudo e de todos. Sente que não merece mais ser cuidada. Pensa que ninguém a enxerga. Porque, de fato, é isso que acontece. Essas mulheres passam por julgamentos diários, até mesmo de seus clientes, que, muitas vezes, usam da fragilidade que essas meninas possuem e as roubam, tiram delas a esperança, o sorriso.

Esse movimento de transitar entre alegria e tristeza, na vivência prostitucional, nada mais é que uma necessidade de agir para existir, e que mediante as situações reais de violência sofrida, de sofrimento apresentado manifestam-se em formas de emoção e vivências cotidianas, que constroem e reconstroem as identidades e experiências das mulheres profissionais do sexo. Quando à maior parte dos relatos estão intrinsecamente condensados em tristeza e ódio, originariamente numa causa externa, figurada na pessoa do cliente, na família que abandonou, na sociedade que desqualifica, temos as vozes do sofrimento provocado materialmente pela profissão. Desse modo, compreende que a frustração é resultante de um desejo triste, que não foi concretizado, orquestrado por uma prática excludente e de minorias assujeitadas à sociedade que é fruto de processos produtivos e

as afecções são os afetos. Corpo e mente são realidades complexas ou múltiplas, aptas para a pluralidade simultânea de afecções ou percepções (corpo) e de afetos e ideias (mente). (CHAUI, 2011, p. 146)

competitivos que não concede concessões e oportunidades àqueles que são frutos do processo de exploração econômica.

Vigotsky nos fala de um sujeito que não possui uma identidade cartesiana muito menos um sujeito determinado. Assim como Espinoza, eles trilham o mesmo caminho de um sujeito que transita na liberdade⁵⁷, como um ser apto para o desenvolvimento. No entanto, há a condicionante de determinantes sociais que produzem condições para a vida em sociedade, que imprimem o ritmo, a forma e tempo para sua existência. Portanto, reforça-se que para Espinoza nenhum ser humano é inteiramente livre, pois está sempre condicionado às determinantes de seu período histórico e social. Para ele somente Deus é livre, pois enquanto natureza, substância, pode agir sem ser determinado, aproximando-se dessa forma do pensamento de liberdade em Marx. Collin (2010) argumenta que para Marx o homem e a liberdade são circunscritas às determinantes de seu tempo histórico, ou seja:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem voluntariamente, em circunstâncias livremente escolhidas; ao contrário, eles encontram as circunstâncias feitas, dadas, herança do passado.

Então, na filosofia espinosana, o homem é livre na exata medida em que tem o poder para existir e agir segundo as leis da natureza humana. À mulher prostituta, essa liberdade é questionavelmente inquietante, pois, poderá ou não, desfrutar de tal estado para o exercício da atividade prostitucional ainda na contemporaneidade. Poderá ou não optar para não mais viver como profissional do sexo? Poderá ou não adquirir uma nova identidade profissional? Essa condição de liberdade, não se dá de forma aleatória e desconexa, está circunscrita numa relação com a natureza, pois, ao modificá-la também promove mudanças a si mesmo. Bove (2010, p. 28), apresenta o conceito de temporalização, segundo Espinosa, em sua teoria que identifica fenômeno perceptivo e fenômeno alucinatório:

O homem se encontra afetado pela imagem de uma coisa passada ou futura com o mesmo afeto de alegria e tristeza que pela imagem de uma coisa presente. Ou seja, o que não está presente – o passado ou o futuro – também tem o poder de nos mobilizar.

Outro fator que Espinosa nos apresenta, refere-se ao fato de que o corpo humano sendo afetado uma vez ou demais vezes por outros corpos, uma vez que a mente imaginar um desses corpos que outrora lhe afetou imediatamente se recordará deles. Esse é um registro de

⁵⁷ Para Espinosa, liberdade não é a indeterminação que precede uma escolha contingente nem é a indeterminação dessa escolha, e sim a manifestação espontânea e necessária da força ou potência interna da essência da substância e da potência interna da essência dos modos finitos (no caso dos humanos).

memória, que ficará sempre latente, na condição de adormecido, podendo a qualquer nova experiência semelhante desencadear novamente os mesmos sentimentos e afetos em relação aquele que lhe afetou, trazendo afetos tristeza. Destarte, constata-se que existe um certo grau de aversão e repulsa quanto a atividade prostitucional, pois remota lembranças e experiências vividas pela prática prostitucional que são geradoras de tais sentimentos, os quais, pode-se referendar por meio dos relatos de Girassol, Tulipa, Lírio e Dama da Noite:

Então eu sentia nojo daquela vida, né, de tá me prostituindo, dormindo com homi, bêbada, porque eu não suportava fica, dormi com homem, bêbada... (grifo nosso) (Girassol)

...aí eu chegava chorá, é insuportável...meu Deus do céu... sabe, assim, aí que nojo..., hoje eu agradeço a Deus, porque hoje eu tô num serviço muito bom, sabia? Eu tô trabalhando, tenho meu dinheiro, mais caramba, é insuportável, aí o homem fala vira assim, vira assim, eu já chapada, sabe, eu já partia pra ignorância, aí o homem falava, mas eu tô pagando, aí a gente batia no cliente, nossa senhora. (grifo nosso) (Tulipa)

...fora o nojo que é... homem nojento, fidido, eles querem lambê a gente. A gente tudo cheirosa vem aqueles caras com a boca podre... fora as outras coisas que acham que a gente faz tudo... (grifo nosso) (Lírio)

...o que mais dói mesmo é ter que... todo mundo tá dormindo nas suas casas e você num tá... pode ficar na sua porque você tem que pagar aluguel, tem que comprar comida... aí...(choro) na hora que todo mundo acorda você tá indo dormir (voz embargada). Você podia tá indo trabalhar, pra se sustenta, mas não cê... o mundo gira e você tem que dormi. Aí de noite tem que fazer tudo de novo, entendeu. Aquela vida assim que... que... sem querê, você tem que tá rindo por dentro... tá... você pode tá chorando por dentro, mas pru cliente você tem que tá sempre sorrindo (voz embargada), num pode tá com raiva, porque se não você não arruma o dinheiro dele... a mulher quanto mais inteligente ela for mais dinheiro ela ganha... né. Fora o nojo que é... você pega e tê que ficá com... começa a babá na gente. Nossa, é horrível! (grifo nosso) (Dama da Noite)

Pela teoria dos afetos em Espinosa, infere-se que o nojo descrito nas falas, pode ser traduzido pelo afeto ódio, existente numa causa exterior representada na prática da prostituição, nos tipos de práticas e posições sexuais, na figura do cliente indesejado, que está sujo, “fidido”, baba sobre o corpo da profissional do sexo, etc. Assim, destaca-se um expressivo desejo de distanciamento e afastamento da prática prostitucional, atividade essa que têm intensificado e corroborado para um percurso de destruição ou fragilidade corporal e psíquica e, diante de tal apontamento o processo de saída da prostituição se caracteriza como um *conatus* (esforço), em busca da preservação e conservação das capacidades vitais do corpo e da mente, experimentando o esquadramento pelo encontro da liberdade.

4.2 PERSPECTIVA⁵⁸ DE FUTURO PROFISSIONAL E PESSOAL

O mundo do trabalho tem mudado numa cadência extremamente acelerada, tendo em vista a ordem econômica e social que se configura no sistema capitalista, outrora imposto a todos os postos de trabalho, na conjunção de diversidades de profissões e profissionais. Embora em alguns momentos o trabalhador acredite pensar que, possui liberdade para planejar, programar e projetar seu futuro profissional, ainda assim, não há conceptualização de conhecimento e capacidades como forma de promover oportunidades conducentes à igualdade de acesso e de sucesso de todos os trabalhadores. A retórica é a mesma, pois o capitalismo promove e ascende alguns em detrimento a outros ocuparem posições de desigualdade e rebaixamento, apresenta, portanto, um mercado volátil, mutante, dinâmico de desigualdade e desleal. Circunscritos a essa realidade, o atual cenário macroeconômico impõe que os profissionais planejem e se organizem quanto a sua manutenção e permanência enquanto mão de obra qualificada, técnica e competente, as quais devem manter-se aptos frente aos critérios estabelecidos na condição de utilidade e absorção no processo produtivo, para não caírem na malha fina da exclusão e desqualificação da força de trabalho.

Perante essa realidade e clássica ilusão, capturadora do sistema capitalista que regula a produção do mercado de trabalho, esse, ditatorialmente estabelecendo regras, condutas e perfis para várias modalidades de profissões, sejam elas antigas ou mais recentes, traduzida cotidianamente num mercado normatizador de formas de produção.

As possibilidades do desenvolvimento de uma carreira ou mesmo possíveis “escolhas” durante a vida adulta perante novas profissões, têm colocado o capital humano enquanto força de trabalho numa roda viva de prospectar seu futuro profissional, colocando o indivíduo trabalhador na posição de indigente profissional, que se subverte a uma adequação laborativa favorável ao capitalismo e seu sistema produtivo, em detrimento, a qualquer possibilidade favorecedora de realização profissional ou opção/preferência pessoal. Entenda-se aqui, profissão como uma atividade específica ou especializada, que pode ser exercida por pessoas, porém, nem todas, cabendo cada qual desenvolver o que lhe for conveniente, oportuno ou, que lhe aprouver. Conforme descrito por Hinkelammert (2013), as opções se fazem em detrimento a condição e aos meios materiais existentes para a sua consecução, ou seja:

⁵⁸ Devendo ser entendido como expectativa, projeção de metas e planos a serem alcançadas no futuro pessoal e profissional.

Assim, do mesmo modo como o conjunto de todos os fins possíveis aparece a partir do conhecimento do universo exterior do ser humano, por parte das ciências naturais, aparece agora um universo econômico que condiciona os fins realizáveis pela necessidade de inscrevê-los no produto social da economia. Isto é, todos os fins possíveis têm condições materiais de possibilidade, e o produto social é o universo no qual os fins a realizar disputam suas condições materiais. Independentemente da vontade humana e das capacidades subjetivas de realização, as condições materiais de possibilidade, cujo produto é o produto social, obrigam a uma seleção dos fins efetivamente focados e realizados. [...] Nenhum projeto pode ser realizado se não for materialmente possível, e a vontade não pode substituir jamais as condições materiais de possibilidade. Onde há vontade não há necessariamente um caminho para sua realização. O caminho só aparece se a vontade consegue mobilizar condições materiais de possibilidade de seus fins, e o máximo absoluto para este caminho é o tamanho do produto social de meios materiais. Não pode ser usado o que não se tem; e fins para cuja realização não há suficientes meios materiais não podem ser realizados. (p. 332)

Entrementes, podemos deduzir ainda que o ser humano enquanto ser vivo e ativo, em suas tomadas de decisões, não será totalmente livre e desimpedido, ou seja, dependerá e estará diretamente relacionado e condicionado às condições favoráveis de aplicabilidade de seus projetos e intenções, mediante as possibilidades de materializações de cada qual situação para sua concretude. Entretanto, como nos elucida Hinkelammert (2013), viver não é um simples ato existencial, faz-se necessário atender necessidades básicas intrínsecas a essa existência, própria da natureza humana, e, portanto, qualquer projeto de vida deve corresponder a necessidades de vestimenta, moradia, alimentação, entre outros aspectos básicos, vitais ao estado existente. Destarte, estamos retratando uma sociedade capitalista e, de consumo, que apregoa prioritariamente a “aparência” em agravamento ao “ser” do trabalhador.

No entanto, o sujeito não é livre para escolher, mas para satisfazer necessidades. O fato de que pode satisfazê-las em termos de suas preferências faz parte de sua liberdade, mas esta é necessariamente uma parte derivada e subordinada. Se há necessidades, as preferências ou gostos não podem ser o critério de orientação em busca dos fins. O critério básico só pode ser, justamente, aquele das necessidades. (HINKELAMMERT, 2013, p.335)

A prospecção de escolhas não é deliberadamente genuína, mas culmina numa condição de busca e atendimento às necessidades, que estão postas frente um modelo social em curso, que estabelecem as regras e relações sociais de sociedades determinadas e determinantes, sendo essa dinâmica possível mediante a divisão social do trabalho e a distribuição de renda, assim como regido pelo capitalismo, delimitando assim, o grau de

satisfação de necessidade de cada ser, sendo este, regente orquestrador da forma de viver de cada um.

[...] como o produto é um *produto social* que contém as condições materiais de vida de todos e de cada um, aparece a possibilidade da apropriação dos meios de produção por alguns poucos ou por um grupo social mais amplo, e a consequente redução dos outros à simples subsistência, à pauperização e, no extremo, à morte. Com certeza, dado que a última instância de cada um dos projetos de vida está no acesso aos meios materiais de vida, o acesso à divisão social do trabalho e à distribuição dos rendimentos determina as possibilidades de viver de cada um. Assim, surge a possibilidade da *exploração* e da *dominação*. Monopolizar e concentrar os meios materiais de vida é destruir as possibilidades de vida do outro, dado que aquilo que se concentra e se tira não são simples riquezas, mas meios de vida – viveres no sentido mais literal da palavra. A dominação torna possível a exploração e esta dá materialidade à dominação. Nenhuma dominação pode ser definitiva sem o controle da distribuição dos meios materiais de vida. (HINKELAMMERT, 2013, p. 337)

Nesse mesmo viés, tem-se o aspecto de aposentadoria profissional e o processo natural de envelhecimento desarticulado ao trabalhador ativo, ou seja, não articulado a sua condição física de descompasso e improdutividade, seja ele formal ou informal, compreendendo uma das fases de vida do ser humano, descaracterizado da condição produtiva do trabalho. Assim, enquanto envelheço, me distancio da condição de aproveitamento produtivo do capitalismo. Não obstante, o referencial é, o trabalho, como principal regulador da existência humana, uma vez que nossas relações se formulam e articulam mediante o trabalho e o tempo livre, seja na ordem relacional familiar e ou social.

Uma parcela significativa dos trabalhadores ativos em algum momento de sua carreira profissional já se preocupou ou irá se preocupar com o seu envelhecimento e a aproximação com o momento da aposentadoria. Na transversalidade da aposentadoria insurge-se as mulheres prostitutas e visualiza-se a descaracterização da garantia de direitos que deveriam ser atribuídos a essa parcela de mulheres trabalhadoras que ainda vivem na clandestinidade devido ao não reconhecimento social. Ainda que seja categorizada enquanto profissão e arrolada na Classificação Brasileiro de Ocupações – CBO, excepcionalmente não retrata a prática e os meios para garantir o encerramento de um exercício profissional legal e legítimo.

Conforme abordado pelo psicólogo José Carlos Zanelli, na matéria intitulada “A aposentadoria sob duas perspectivas e o exercício profissional do psicólogo”, no site da Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho – SBPOT, em 13/05/2016, ainda sobre o processo de envelhecimento e aposentadoria, existem disposições naturais e maduras que são construídas e desenvolvidas ao longo do processo e ação de trabalhar.

Pensando na fase pós-ativa e (im)produtiva ao trabalho, existem consequências que podem refletir em indicadores de adoecimento – entendido em sentido físico, psicológico e social – após esse período da vida. Dessa forma, pode-se perceber que para algumas participantes da pesquisa, o fato de exercerem uma atividade laborativa que não lhes proporciona satisfação pessoal, qualidade de vida e perspectivas de futuro, esses fatores são considerados significativos para a fase a qual estão vivenciando e, sugere que se encontram num estágio de reflexão e tomada de decisão. Portanto, não diferente dos demais profissionais, as prostitutas, profissionais do sexo, também se preocupam com seu envelhecimento e a relação de improdutividade no trabalho, tendo em vista o envelhecimento natural de seu corpo, a probabilidade da redução de seu desempenho ou performance sexual não percebidos nas fases mais jovens da vida e a diminuição da procura e redução do número de clientes e conjuntamente a redução do rendimento financeiro. Assim, pode-se iniciar pensando qual é o lugar da prostituta no universo do trabalho? Como mulheres prostitutas se veem na ocupação de profissionais do sexo? Seu futuro profissional tem espaço para a prostituição? Tem-se o desejo de envelhecer na prostituição? É possível aposentar-se como profissional do sexo?

Destacou-se por parte das participantes da pesquisa a necessidade do exercício de outra profissão, de apropriação de uma nova escolha profissional. Muito mais do que “o que quero fazer” ou, “não quero mais fazer” apontando sobremaneira “quem quero ser daqui em diante”. Assim, circunscreve-se uma construção a partir de si mesmo, novas escolhas e decisões, entre perdas calculadas, planejadas e decisivas, olhadas pela lente da pesquisa de “quem não se poderá ser” e ao que se deixará de fazer. No qual querem estar, quais espaços e ambientes sociais pretendem viver e aprender a conviver. Novas relações com o mundo, com os outros e com novos outros, destacando-se uma construção de uma nova identidade profissional. Despindo-se de algo que não se deseja ser, “prostituta”, “profissional do sexo”.

Perante a dialética do “prisioneiro” e o “livre” estabelece-se a possibilidade de decidir o seu futuro, apropriando-se do que eu “quero ser” dialetizando com o que “quero deixar de ser”, afastando-se da prática profissional que lhe causa repulsa. Destarte, tem-se a representação do trabalho prostitucional como estando diretamente conectado a um estilo de vida, a uma ordem existencial e a um determinante econômico e financeiro de subsistência, perante seu contexto social e relacional com coisas e pessoas. A identidade profissional de prostituta se apresentando como fator desqualificador da identidade pessoal, fator esse, que

lhe afeta⁵⁹. Para Espinoza, estamos no mundo e o tempo todo estamos nos encontrando com outros corpos, estamos nos relacionando; quando um corpo se relaciona com outro ser singular, ele afeta a outro corpo. Em todas ocasiões, a nossa vida é produzida pelo encontro com outros corpos, pelas influências causadas pelos outros entes. Assim, tudo o que vivenciamos no nosso corpo, também vivenciamos no pensamento na alma ou mente e vice-versa, eles coexistem concomitantemente, ou seja, o corpo que percebe é o corpo que pensa, não existindo deslocamento possível entre as sensações e as ideias. Bove (2010), assim nos reforça:

Para Espinosa, um afeto e uma ideia são duas faces de uma mesma coisa: não se separam, embora possam ser vividos e pensados diferentemente, como dois aspectos de algo idêntico, que é fundamentalmente de ordem corporal.

Portanto, quando se busca afastamento de uma profissão que causa sofrimento e desconforto, existe um movimento e exercício da razão, da mente ou da ideia em encontrar uma saída agradável e prazerosa como solução, ou talvez, com um menor grau de insatisfação e inquietação. Para algumas participantes da pesquisa a prostituição lhes coloca numa condição a parte da sociedade, num estado de invisibilidade, numa condição de desigualdade social, assim como nos relata Rosa:

Você se vê assim como um... sabe assim... como você não existe no mundo. Então eu falei assim... pra chegar onde eu tô hoje, lá bater seu cartãozinho de ponto, as pessoas contando com você, e te chamando pelo nome, “Rosa” você não vai faltar amanhã! Tipo assim, você é importante viver naquela empresa, então, eu falei assim, meu Deus... sabe... eu enxerguei de novo quem que eu era, busquei minha identidade, e hoje eu falo pra você assim, eu tenho nojo do passado, eu tenho... eu... eu tô igual a Jesus, vomitar o passado. (Rosa)

Não quero lembrar do passado, entendeu, porque... sinceridade, sinceridade, foi uma marca assim que eu não queria nunca ter visto ela na minha vida, que um dia eu fui uma garota de programa... eu não queria... é uma coisa assim que sujou a minha vida, que... lembrança nenhuma, saudade nenhuma que eu tenho... sujeira tem, tenho nojo, nojo. (Rosa)

Ainda que as participantes dessa pesquisa manifestem o desejo e necessidade de saírem da vivência prostitucional, pois outrora lhes causa danos, entre eles alguns irreparáveis, como foi o caso da Jasmim, relatando-nos o uso de drogas (crack) que lhe causou danos ao cérebro irreversíveis, tais como falta de concentração, de operar cálculos matemáticos, desenvolveu uma acentuada impaciência, entre outros prejuízos, assim, temos

⁵⁹ Afeto, no sentido de “o efeito que algo que não sou eu, causa em mim”.

na dialética da prostituição mulheres que vivem da comercialização sexual e estão satisfeitas com as condições de trabalho que a prostituição lhe proporciona. O sistema capitalista permite que mulheres prostitutas possam permanecer inseridas no mercado asseguradas de uma atividade rentável e prazerosa, que lhes permite usufruir os ditamos e relação de consumo estabelecida na engrenagem capitalista, no mercado do sexo. No entanto, pela pesquisa, tem-se o olhar profissional sobre uma nova qualificação e identidade laborativa, prescreve e arremata uma chance e oportunidade de ser aceita e reconhecida no mercado de trabalho, de ser respeitada enquanto força de trabalho, de vislumbrar e planejar um futuro diferente de seu passado. Hoje Rosa, está regularmente contratada, trabalhando como camareira, numa rede de hotel quatro estrelas em Campo Grande/MS e retomou alguns vínculos sociais aos quais não se via na condição de vivenciá-los anteriormente, tais como igreja, festas em família, entre outros. Planeja fazer aula de autoescola e pretende conquistar sua carteira nacional de habilitação, assim como, adquirir seu carro próprio.

Eu falei vou tirar minha habilitação agora..., eu tô juntando um dinheirinho né... meu carro tem que vir ano que vem. (Rosa)

A conquista ou reconstrução familiar se apresenta como outro fator importante perante uma perspectiva de futuro pessoal. Devido à relação estabelecida com a prática prostitucional, para algumas participantes da pesquisa o vínculo⁶⁰ familiar foi desfeito. Para Girassol, que trabalhou mais de 30 anos como prostituta, hoje se encontra com mais de 50 anos de idade, trabalha como diarista e, perdeu ao longo de sua história de vida na prostituição o vínculo com os filhos, a retomada e reconquista desses laços apresentam-se como um resgate de sua organização familiar.

Aí eu falei não... eu vou trabalhá, comecei a trabalhá ganhando pouco como diarista, comecei a trabalhá registrada né.... mas não quis mais voltá a prostituição. (Girassol)

Tenho minha filha, meu filho, meu netinho. Então, graças a Deus eu consegui reconstruir a minha família... hoje é meus filhos, né, meu pai já se foi, minha mãezinha tá com problema de Alzheimer, já não reconhece mais ninguém, né... Mas eu estou bem, graças a Deus. (Girassol)

O ponto preponderante que originou a oportunidade de restabelecimento do vínculo familiar para Girassol, foi o fato dela ter optado por deixar a prostituição e buscar uma nova qualificação profissional, tendo em vista que seus filhos não aprovavam a prática da

⁶⁰ Vínculo “é um conceito instrumental em Psicologia Social que assume determinada estrutura e que é manejável operacionalmente”

comercialização sexual de sua mãe e mantinham o afastamento. Assim, como a profissão de prostituta gerou perdas significativas, o distanciamento da mesma, também proporcionou o resgate de vínculo familiar outrora interrompido.

E família, é construir novamente,...se for possível, ter um novo relacionamento diferente, casar de novo, a família eu já, graças a Deus eu tô reconstruindo, né, que eu já tenho os meus filhos do meu lado, coisa que eu não tinha, né, eles tinham vergonha de mim, porque eu era uma prostituta, porque eu vivia bebendo em bar, eles... me negavam, me negavam né, não falava pros amigos que eu era a mãe deles, eles tinham vergonha de mim, hoje não, hoje eles não têm mais vergonha de mim, eles me procuram querem ficar perto de mim. (Girassol)

Percebe-se também o planejamento de estabelecer um novo relacionamento/casamento onde a prostituição não faça parte, pois a mesma não oferece oportunidade de vínculos e compromissos afetivos matrimoniais, conforme nos apresenta Girassol e Margarida. A prostituição se configura como uma profissão desqualificante, conforme a seguir:

É a profissão mais horrível que tem. (Girassol)
É uma profissão nojenta, uma profissão suja. (Margarida)

A prostituição é uma atividade laborativa que gera ambivalência quanto à satisfação e realização pessoal; desconforto e sofrimento, conforme quem a pratica e de que forma a vivencia. Mesmo sendo uma atividade laborativa que gera rendimento em um curto período de tempo, ainda assim, esse dinheiro configura uma medida monetária que não atende adequadamente suas necessidades básicas e prioritárias, porque é um dinheiro que não é valorado.

Era obrigada a ficar pra ganhar um dinheiro, pra pagar um aluguel, pra comprar alguma coisa pra minha filha, pra pagar uma babá, né! Então a gente era obrigada... (Girassol)

...do jeito que o dinheiro chegava fácil, ele saía mais fácil ainda. (Dama da Noite)

Na ambivalência, tem-se o relato de uma participante que desejou fervorosamente guardar dinheiro durante duas semanas para comprar toda a lista de material escolar (mochila, cadernos, canetinhas, lápis de cor, etc) de seus filhos, pois não queria depender de doações, sem saber ao certo se iria ganhá-los à tempo. Contudo, a comercialização sexual torna-se o meio possível no momento para a realização de desejos de bens de consumo, que também alcança e enlaça as profissionais do sexo. Embora existam profissionais do sexo que são, e estão, realizadas exercendo o trabalho de profissionais do sexo, na outra vertente do fenômeno têm-se àquelas que não aceitam e não reconhecem legitimidade “na” e “da” atividade

enquanto função laboral geradora de rendimento financeiro. Os prejuízos, mobilizações, transtornos e traumas que tecem e retalham a memória dessas mulheres praticantes da comercialização sexual, imprimem um acentuado desgosto pela condição existencial duradoura nesse exercício. Assim, lembranças tristes ou memórias consternadoras, apresentam-se como contrapontos de memórias que tocam e exprimem (des)prazer e (in)satisfação, promovendo a necessidade de afastamento do corpo e da mente de situações e experiências que possam vir, tornar a existir ou vivenciá-las novamente.

Para Espinosa, a memória possui uma ambivalência, ambiguidade, conforme descreve Bove (2010, p. 34):

...ela tende a nos fazer repetir estados idênticos ou que supomos ser idênticos; por outro, a memória entra em processos ativos de resistência, de estratégia etc. Citando a *Ética*: “quando a alma imagina algo que diminui ou contraria a potência de agir do corpo, ela se esforça tanto quanto possível por lembrar-se de coisas que excluam a existência daquela ameaça” (*E III*, 13). Então, justamente, aqui a memória entre no mesmo conjunto de princípios que foram estabelecidos, ou seja, deve ser avaliada constantemente na sua possibilidade de reforçar os meios dos quais dispõe um ente singular, nos seus encontros, na sua forma de viver e de lidar com a vida, para aumentar ou diminuir seus meios de ação.

Em sendo (des)qualificante na ordem de quem a pratica, causadora de exclusão e discriminação, (des)provida de (re)conhecimento social e formal de setores produtivos, no circuito econômico e financeiro do trabalho, assim, temos àquelas mulheres profissionais do sexo que desejam/desejariam uma oportunidade para aprenderem uma nova atividade, exercendo portanto, uma atividade reconhecida e aceita, a qual lhes represente efetivamente enquanto trabalhadoras, mas que ao mesmo tempo lhes dê uma condição de vida digna de ser para si e para os seus.

Não sei se você me entendeu, mais é... pra gente aqui que conseguiu vencer... é um milagre. Milagre mesmo, porque é difícil de sair. Muito difícil mesmo. Não é fácil. Uma garota de programa chegá, ter um registro na carteira. Ter uma identidade nova é muito difícil. A maioria vai pro caixão ou apodrece assim na prisão, na prostituição.
(Rosa)

Outra questão, já mencionada neste texto, é o processo discriminatório sofrido pela mulher profissional do sexo, que uma vez estando nesta profissão esta cria estigmas discriminatórios que acabam, por excluí-la de mercados de trabalho formais. Esta atitude discriminatória é citada recorrentemente por mulheres profissionais do sexo que desejam deixar a profissão e que não o conseguem por falta de oportunidades devido estigmas discriminatórios dos órgãos empregadores. Desse modo, pode-se citar que à luz de uma teoria

sócio-histórica, a materialidade das relações sociais travadas pela pessoa com o mundo cotidiano é que se dá a produção da sua existência, construindo sua identidade a partir das experiências vividas. Assim,

...a dor, a morte, o envelhecimento, o nascimento, a maternidade, a paternidade, a excitação dentre outras situações vivenciadas pelas pessoas no escopo do conjunto de funções usuais realizadas pelos mais variados órgãos do corpo, são experimentadas sob uma égide cultural específica. (OLIVEIRA et all, 2015, 101)

É necessário compreender, portanto, a realidade social concreta das mulheres profissionais do sexo entendendo suas vivências na vida cotidiana. Compreender a vivência dessas mulheres é compreender o sujeito a partir, tanto em suas experiências com o mundo externo, como no mundo interno, na qual perpassa pela sua leitura de mundo, consciência esta que tem do mundo, pelos seus afetos, pela emoção para melhor entendê-lo. “A situação configura o ser humano de maneiras diferentes, dependendo de quanto ele se dá conta de seu sentido e significado, do quanto o sente e tem consciência da situação vivenciada.” (CATÃO, 2015, p. 113). Somente assim, poder-se-á elaborar políticas que venham ao encontro dos anseios dessa população, que possam efetivamente transformar a realidade de sofrimento dessas pessoas.

4.2.1 Qualificação profissional

A atual sociedade econômica e social configura-se prioritariamente por um eixo ocupacional e laborativo, “você é conforme o que você faz e produz”, instrumentalidade que engrena a máquina do capitalismo, colocando as pessoas no centro da produção conforme o grau ou nível de qualificação as quais estão enquadradas. Sejam competências manuais ou intelectuais, todos compõem uma prateleira de aptidões escalonadas para serem absorvidas.

Ainda que a crise esteja instaurada, as empresas não abrem mão de possuir em seu quadro de profissionais, funcionários com qualificação e nível escolar necessários para corresponderem às demandas de produção, além de garantir a qualidade e quantidade de produto a ser oferecido tanto ao mercado interno, quanto ao externo, concretizando um nível de lucratividade esperado. Em contrapartida têm-se mulheres profissionais do sexo de baixa renda, que desejam sair da prostituição para exercerem outra atividade laboral aceita e reconhecida no mercado formal. Contudo, as participantes da pesquisa, apresentam-se como analfabetas funcionais ou, com ensino médio incompleto e, não possuem nenhum

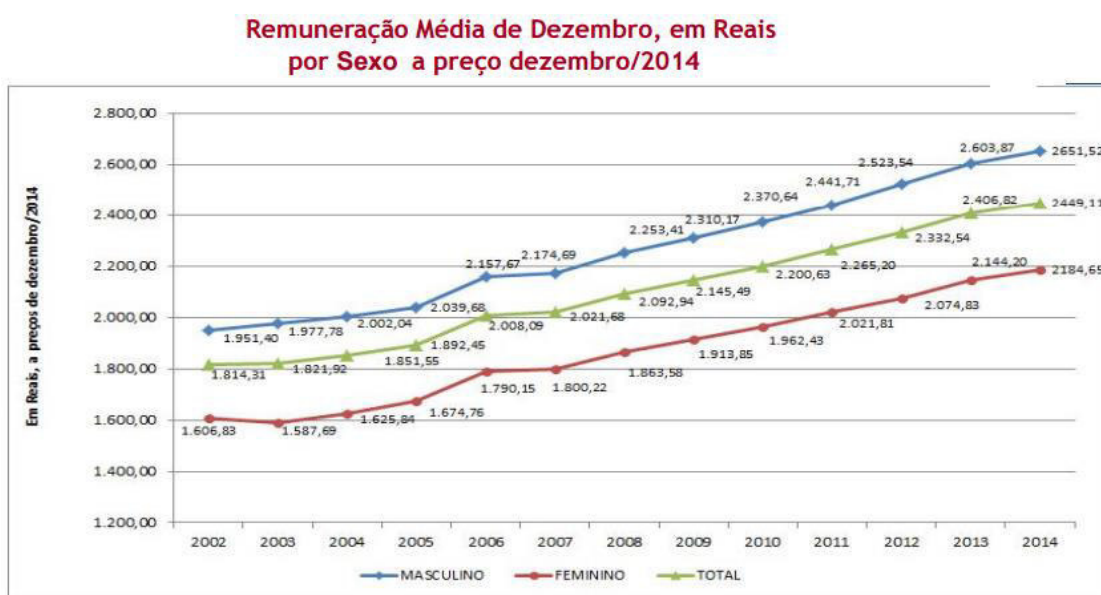
conhecimento complementar sequer que lhes deem condições para concorrer a alguma vaga de emprego com mínimas exigências solicitadas.

A falta de escolaridade e a desqualificação profissional tornam-se o maior impeditivo para que essas mulheres almejem uma saída justa ou leal frente uma competitividade acirrada. Tornando-se, assim, mais um desestímulo para não perseverarem e perdurarem na busca de uma nova profissão. No entanto, segundo Schwartzman e Castro (2013):

...observa-se que a maior parte dos empregos disponíveis continua sendo em atividades de baixa qualificação no setor de serviços, ou seja, os setores em que se observa melhora de qualificação e aumento de salários são proporcionalmente pequenos. (p. 565)

Portanto, a falta de qualificação profissional somados à baixa escolaridade e desigualdade competitiva entre homens e mulheres, imprime e comprime uma parcela da população feminina a exercer atividades laborativas depreciativas, sem “a priori”, reconhecimento social. Desse modo, é sempre imprescindível analisar os determinantes que nos impulsionam às escolhas de cada pessoa.

Pode-se perceber no quadro abaixo, a desigualdade de gênero no que tange a remuneração de homens e mulheres. O Ministério do Trabalho e Emprego por intermédio dos estudos estatísticos comparativos entre homens e mulheres, apresenta a discriminação que ocorre oficialmente no mercado de trabalho formal, quando do exercício da profissão e a remuneração percebida por ambos, e não se apresentam medidas corretivas na condição de legalização ou penalização para uma prática que acontece silenciosamente.



Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho e Emprego 2014

Frente a esse cenário laboral brasileiro, têm-se algumas mulheres que possuem como referência profissional apenas o seu histórico na prática do sexo comercial, desqualificadamente ainda em menor classificação que aqueles trabalhadores já inseridos em algum emprego de baixa qualificação, ou com poucas exigências para uma contratualização empregatícia.

A realidade das participantes da pesquisa retrata o fenômeno da baixa escolaridade X profissões/ocupações com deméritos sociais e ocupacionais. De forma, que a necessidade de formação profissional se configura como um eixo de sustentação necessário para a saída da vivência prostitucional, para tanto, faz-se necessário programas ou políticas que assegurem à mulher profissional do sexo que deseja desvincular-se da comercialização sexual recorrer a tais alternativas. Tem-se, então, o ecoar de mulheres que desejam sair da prostituição e inserir-se em uma nova atividade laborativa:

Eu acho que se tivesse assim, como eu falei pra você, curso profissionalizante, igual o SENAI, né? Das prostitutas, de cem eu acho que metade sai. Eu acho que de 100, 50% sai da prostituição ou até mais. Se tiver curso profissionalizante. Eu tenho vontade de fazer um curso de camareira, tenho vontade de trabalhar de camareira em hotel(...) Mas precisa ter um curso profissionalizante pra mim poder chegar até lá, entrar lá no hotel. Não queria entrar assim sem experiência, sem saber, né! Tem que ter na prática, porque só teórico não adianta nada. (Girassol)

Eu acho que muitas são prostituta por falta de... falta de... de profissão, por falta de ajuda, muitas são prostitutas. Porque muitas prostitutas sustentam a família, entendeu! Eu sou uma delas. Sabe onde que eu fui em Santa Catarina, trabalhei numa boate, que o curso ia lá na boate. A gente fazia curso na boate, entendeu? E o dono da casa ajudava ainda, falava assim “quem terminar o curso em seis meses vai direto pra um serviço, entendeu, e não vai mais trabalhar aqui” Por que Campo Grande não pode ter isso, entendeu! Lá em Santa Catarina, eu lembro que quando eu fiquei lá, foi uns três curso pra nós fazer dentro da boate. De dia nós fazia curso, de noite nós fazia programa. De dia aprendia profissão lá dentro da boate. Mas não é todos lugar que tem isso. (Margarida)

São mulheres que na sua grande maioria são mantenedoras da família, que garantem o sustento familiar, alimentação e moradia de seus filhos. Assim, se está falando de uma realidade que exige a criação de políticas públicas que contemple a profissionalização dessas mulheres com contrapartida de manutenção da renda familiar, que subsidie a manutenção do lar (aluguel, energia elétrica, compras do mês, cesta básica, gás doméstico, entre outros). Outro eixo de sustentação refere-se à educação, que permite os indivíduos se desenvolverem enquanto recursos humanos e aprimorem suas competências técnicas e profissionais,

apresentando-se como mão de obra qualificada e apta para ser absorvida no mercado de trabalho ou de maneira a promover sua própria geração de renda.

...vou voltá a estudá, voltá... terminá esse curso, fazer um curso de computação... quero então... e assim, eu olhei pra mim e falei assim, eu num tô morta... né... eu tô viva, vou viver mais... mais, cada dia mais... vô terminar os meus cursos e vou... partir pra frente, porque olhar pra trás não olho mais. (Rosa)

Desse modo, as transformações vêm ocorrendo de forma acelerada com o surgimento de novos modos de gerenciamento e organização do trabalho, incutindo em detrimento a crise econômica e o aumento no índice de desemprego. Para Saboia (2009) hoje o mercado produtivo exige dos trabalhadores cada vez uma maior escolarização e ao mesmo tempo qualificação profissional de qualidade, assim como tempo de experiência, mas tem-se apresentado o contrário, grande parte da força de trabalho apresenta baixa qualificação profissional o que vem se constituindo um problema por parte dos órgãos empregadores. Nesse sentido, é preciso que o país possa criar políticas voltadas para a qualificação da mão de obra sem escolarização, preparando-os para o mercado de trabalho formal para que possam ter maiores oportunidades na concorrência a uma vaga de emprego. É importante assinalar que hoje no Brasil poucas possibilidades para cursos de qualificação, como por exemplo, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, que foi um programa bastante efetivo e hoje não se encontra em funcionamento por falta de investimentos do atual Governo Federal. Do mesmo modo, há alguns anos surgiram boas, porém ainda tímidas experiências de fomento à cultura do empreendedorismo e geração de pequenos negócios, com o surgimento de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE⁶¹ e outros, como exemplo, associações de trabalhadores vinculados a cooperativas e “economia solidária”. Essas experiências apresentaram algum êxito no passado, mas encontram-se hoje quase desaparecidas pela falta de fomento e incentivo governamental às pequenas empresas dando lugar a experiências de precarização do emprego informal com o trabalho caseiro empregado como alternativas para a sobrevivência das famílias. Assim, é evidente que estamos falando de uma notória ausência de política nacional e pública que corresponde ao clamor de mulheres prostitutas que se veem nessa condição por falta de oportunidade que outrora não lhe fora conferido. Portanto, como lhes atribuir uma real condição de emprego se ao menos não são reconhecidas como cidadãs

⁶¹ SEBRAE - é um serviço social autônomo brasileiro, parte integrante do Sistema S.

de direito e assistidas nas suas plenitudes de mulher, frente às políticas para mulheres chefes de família, algo que até então, não se registrou nada similar?

Para que essas reais oportunidades possam ocorrer direcionadas às mulheres profissionais do sexo, precisa-se dar direito de manifestação e expressão, com a criação de políticas efetivamente plausíveis, dentro da realidade das mesmas, sendo elas ouvidas e respeitadas enquanto cidadãs, formadoras de opinião e possuidoras de direitos, com seu reconhecimento social assegurado, gerando assim, garantia de direitos, levando em consideração o tempo que foram desconsideradas.

A temática é tão fortemente desconsiderada, que até então, não se registra sequer algum levantamento do número de mulheres profissionais do sexo que estejam no exercício da atividade na capital de Campo Grande e que porventura precisem de algum outro tipo de atendimento do estado, seja na área de saúde ou outro qualquer.

É sabido que o Estado de Mato Grosso do Sul, vivencia a prática da comercialização sexual em cidades turísticas da pesca, tais como Aquidauana, Bonito, Miranda, Porto Murtinho, entre outros, conforme anteriormente abordado. A prática da prostituição que assiste turistas em nossa região, também, acoberta tal prática, pois apresenta-se velada e nos municípios não existem medidas assertivas quanto enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes, uma vez que a vulnerabilidade envolta perante crianças e adolescentes está inteiramente à mercê da exploração do comércio sexual.

Frente aos pontos elencados, registra-se a necessidade de haverem políticas públicas de qualificação profissional que assegure mulheres prostitutas que desejam efetivamente estabelecer uma perspectiva eficaz e eficiente a um novo e diferente percurso profissional.

É fato que a contextualização atual da pesquisa nos ciranda perante uma leitura que o capitalismo nos conduz a um processo de reflexão e análise. Sobretudo o alinhamento e alinhar da pesquisa pautou-se na compreensão dos afetos e afecções conforme a corrente filosófica de Espinosa.

Pensar o fenômeno da prostituição na contemporaneidade nos remete a compreender o processo do capitalismo regente nas nossas relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Leva-nos a delinear uma reflexão de produção, no qual o consumo acelera as formas de exclusão e seleção, que determinam comportamento e pensamento de qualquer pessoa, nos quais são conduzidos a acreditar que as relações sociais são mediadas pela mesma condicionante. Por outro lado, tem-se a reflexão de produção, que o capitalismo nos criva e calibra para composição de sua engrenagem. Assim, alguns são demarcados como produtivos e outros como improdutivos. Nesse contexto, temos não somente divisões de classes, mas sobretudo a divisão de gênero, por meio de escalonamentos e distinção de categorias de trabalhos atribuídos aos respectivos perfis. Coadunando ainda, com remunerações e benefícios diferenciados, craquelados na desigualdade.

Espinosa corroborou com a categoria afeto nos levando a elucidar que as vivências sociais e as maneiras e formas de sentir o que se vivencia não compreende um plano ou esfera de emoções isoladas da mente, psicológico ou do corpo, pois experienciamos e sentimos através de encontros e relações de troca com tudo e todos, sendo esse fluxo e processo a condição de afetação. Nada nos passa sem deixar alguma marca ou nos faz vivê-las sem alguma mudança ou transformação.

A mulher, seja ela prostituta ou não, ainda hoje, está configurada com adornos do machismo e sexismo que a oprimem e reprimem-na a uma vida de determinismo social que as enquadram em condições falaciosas, subversivas, degradantes, humilhantes e fantasiosas. Uma vez que, as participantes da pesquisa, são do sexo feminino, de baixa renda, envelopadas no preconceito e demérito de seres destituídos de direitos e expressão social.

Constatou-se que as participantes da pesquisa, compunham uma organização familiar, na qual a figura masculina do pai e irmãos, ou parentes próximo também do sexo masculino, apresentavam-se como agressores e opressores. O ditame masculino de dominação estava sancionado na esfera familiar. Assim, em vários relatos, surgiu a constatação de abuso sexual ainda na fase da infância e/ou adolescência, sem algum tipo de providência ou ato coercitivo contra as figuras masculinas. Configurava-se, portanto, uma dominação do silêncio, que embutia o sentimento de que tais atos eram “merecidos” ou “normais” para algumas, a outras, era tido como repulsivo e revoltante.

A convivência familiar era de um ambiente hostil, no qual em muitas das famílias dessas mulheres, a mãe sofria violência física e psíquica do pai, encontrando-se numa notória posição de submissão, perdurando as agressões que, se estendiam aos filhos, configurando um ciclo de violência familiar. Uma vez caracterizado o machismo na relação familiar, o encontro com a prostituição ocorria de forma velada, como forma de assegurar um possível rompimento ao ciclo de violência. Porém, o desdobramento que ocorre no dia a dia da prostituição de baixa renda tem aproximação sutil com tais experiências e, é recheado de práticas violentas e agressivas para com a prostituta e, da prostituta em relação a sua autopreservação, repetindo o ciclo de violência. Portanto, o espaço familiar, apresenta-se como destituído de segurança e proteção, gerador de traumas, angústias e incertezas, perdurando um convite para a rua, em busca de alternativas diferentes daquela que estava sendo vivenciada. Essas primeiras vivências sociais em família dispararam gatilhos que promoveram outras experiências e conflitos em demais esferas sociais de convivência e desenvolvimento humano. Tem-se, portanto, a caracterização do rompimento de vínculo familiar e, a destituição de uma referência de origem, ou talvez, uma referência conturbadora, desajustada e conflituosa, caracterizando-se também como um espaço destituído de cuidados, sinalizando assim, a necessidade de intervenções assertivas que possam assisti-los efetivamente em suas privações e necessidades.

A realidade econômica das mulheres participantes da pesquisa pauta-se pela pobreza, pela falta de condições de moradia, alimentação, vestuário e estudo, aspectos básicos para sobrevivência e, nem sempre havia o emprego. Destacou-se o emprego informal das famílias das mulheres entrevistadas tais como catador de lixo, vigilante, vendedor ambulante, doméstica/diarista, dona de casa, entre outros.

São mulheres que, no início da história de vida, evadiram-se do ensino escolar ainda na infância, não havendo preparação para a competição do mercado de trabalho formal. Torna-se, portanto, desigual o processo de concorrência, uma vez que tais mulheres não conseguem uma inserção sem algum tipo de qualificação profissional ou indicação de experiência anterior, uma vez tendo o histórico de vida profissional na prostituição, tal situação lhes impõe uma condição de seleção excludente.

Registra-se o fato que mesmo diante de infortúnios da vida psicossocial nas suas relações com o outro, não se limita a busca por atender uma condicionante biológica em detrimento ao psicológico. As dificuldades encontradas no exercício da comercialização sexual como desprezo, humilhação e escárnio, são tão duros e difíceis quanto as dificuldades e faltas materiais encontradas na motivação que levou a prática da prostituição.

A incursão na vida, no estilo de vida e, na prática da comercialização sexual é caracterizada como uma alternativa para sobrevivência e subsistência. O ponto que se instala, revela-se no contexto da desigualdade social. Evidenciou-se que a prostituição não foi vislumbrada como uma opção adequada; contudo, como uma oportunidade de conquistar uma fonte de renda, de aquisição financeira, o alcance, ou acesso ao dinheiro de forma rápida, representada em forma de programas sexuais. Cada encontro, na grande maioria das vezes materializa-se em dinheiro, que fornece condições de adquirir e comprar bens de primeira necessidade.

O segundo aspecto do início na prostituição deve-se ao fato que essa atividade não exige qualificações técnicas e educacionais, sendo necessário apenas a disponibilidade e desprendimento para atender parceiros sexuais diversos, em situações e ambientes variados. O perfil para ser uma prostituta não é definido e claro, porém, exige-se que na prática elas não devem possuir pudores exacerbados, as características físicas são as mais diversificadas, porém, quanto mais novas ou, com aparência de nova são aquelas mais procuradas pelos clientes.

Reagindo ao apelo do capitalismo, o dinheiro da prostituição permite acesso ao adquirir o que antes era tão somente necessidade de consumo, também lhes concedendo oportunidade de conquistar o supérfluo, o que antes era inatingível, distante e que pairava na imaginação e no sonho de conquista. Na prostituição, o dinheiro está presente de forma rápida, abre caminhos a conquista, ao “possuir” coisas, ainda que o corpo da mulher seja visto como coisa do prazer para o outro e, do outro, da realização de desejos, fantasias sexuais, do erotismo permissível, exibe-se encurrala, a mulher coisificada, tida como uma necessidade de uso versus descarte.

A prostituição distancia-se de uma “profissão fácil”, ainda que na representação mental e simbólica de homens e mulheres o que prevalece, seja essa imagem. A rotulação das mulheres que desempenham a atividade prostituinte enquadra-se em estereótipos de mulheres vulgares, sem princípios, “ordinárias”, desqualificadas, entre tantos outros adjetivos depreciativos, longe de ser apenas um jogo de palavras. Contudo, a mulher prostituta, recebe ainda uma expressiva carga de exploração física em seu corpo; constantes mudanças, efeitos repulsivos e ou embotadores, transformações são geradas e recebidas continuamente, tem-se então, um movimento da mente/corpo sendo afetados, na interação com o outro. No outro temos, o ambiente familiar, espaço social, a diversidade de clientes, a rua, as outras prostitutas, a polícia, a natureza, as relações humanas e, o mundo. Assim, o fenômeno da prostituição feminina tem gerado um movimento social de “guetização” das mulheres de

baixa renda que praticam a comercialização do sexo, e paralelamente a isso, observa-se que estas carregam consigo sintomas de base afetiva, com vivências fragmentadas, relações difusas e controversas, ou seja, a mulher prostituinte de baixa renda, sofre pressões sociais que as colocam em situação de “guetização”, tendo em vista que não podem conviver livremente em qualquer lugar, sofrem forte preconceito e discriminação que as torna chanceladas ou carimbadas, vivenciando o fenômeno da exclusão social.

A vida na prostituição impõe à mulher prostituta um funcionamento que lhe é concernente a vida vivida na prostituição, quando no exercício da atividade e, outro funcionamento de vida vivida fora e desconectada da realidade prostitucional. Assim, por vezes percebe-se nos discursos expressões de solidão, vazio, insegurança, pois as relações são incertas, instáveis, inconstantes, destituídas de vínculo significativo. Todavia, sobressai-se o desejo por relações estáveis, seguras, confiantes, harmoniosas, expresso como expectativa de um futuro melhor.

Na realidade prática da prostituição de baixa renda, pudemos elencar alguns riscos gerados entorno da atividade, tornando-se pontos nevrálgicos da temática em questão, pois quando pensamos em discriminação e preconceito, criminalidade e violência, baixa autoestima, dependência química, doenças psicossomáticas, aborto natural ou provocado, gravidez indesejada e DST's, frente a um mesmo público e, concomitantemente vários reagentes sociais e psicológicos canalizados a elas, falamos, portanto, de vários riscos sofridos por uma atividade não regulada, que é destituída de representação política e pública. Mostra-se configurada na invisibilidade social, na destituição de direitos, na ausência de reconhecimento da mulher num dos papéis sociais mais antigos da história da humanidade.

Os constatados riscos oriundos da prática da prostituição são ocasionados tendo em vista o que Espinoza chama de *conatus*, a busca pela vida, que se dá através dos encontros que configuram seus corpos/mentes, na tentativa de preservar a sua existência.

Algumas frentes de militância abordam a ideia de que qualquer mulher que está ou vive da prostituição tem nessa atividade uma escolha e opção, por desejo ou vontade. Um dos viéses da pesquisa destacou que para esse grupo de mulheres de baixa renda que se veem na prostituição como uma forma de sobrevivência, sem esquadrinhamento de uma escolha genuína, não retrata um desejo de permanência na profissão, no entanto, salientam uma necessidade de busca por uma nova profissão ou atividade profissional. São mulheres que tem contornado e superado as barreiras do negativismo, do fracasso e incertezas pela busca de uma oportunidade em uma nova e diferente atividade desconexa à prostituição. Tem buscado o resgate ao estudo e o regramento do mercado de trabalho formal que exige qualificação

outrora inexistente, mas estão buscando cursos de qualificação e aprimoramento que possam colocá-las em condições de competitividade.

Ainda que o Ministério do Trabalho e Emprego tenha reconhecido entre as classificações de ocupações a atividade de profissionais do sexo e seus desdobramentos como *garota de programa*, *garoto de programa*, *meretriz*, *messalina*, *michê*, *mulher da vida*, *prostituta*, *trabalhador do sexo*, trazendo em sua descrição sumária enquanto atividade profissional, o respectivo texto: são àqueles que buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão. Todavia, nada disso alterou o modo de vida, atuação, reconhecimento e aceitação social ou criação de políticas públicas para esses sujeitos. O estabelecimento de um código profissional não passou de mais uma rotulação e especulação em torno da temática.

Para aquelas que assim desejam viver da prostituição e, permanecer na prostituição, tal descrição e reconhecimento ocupacional permite que essas profissionais efetuem os devidos recolhimentos sociais que garantam a seguridade social, como aposentadoria. Àquelas profissionais, que não desejam permanecer na atividade de prostituta, não há nenhuma proposta ou política pública que lhes assegurem uma tomada de decisão para a saída da atividade prostitucional, o que caracteriza uma contradição.

Estabelecer uma política de ingresso no mercado de trabalho formal, que assegure sua sobrevivência, com reais condições de competitividade, pois são mulheres que estão na base do esteio familiar, que possuem filhos na sua total dependência.

O estudo demonstrou que permanecer na prostituição é o mesmo que estar sofrendo pelo exercício de uma atividade geradora de danos físicos e psicológicos, podendo ser entendida, como uma profissão originadora de afetos danosos, assim como outras atividades laborais no mercado formal de trabalho, porém, a essas profissões encontramos políticas voltadas a saúde mental do trabalhador, diferentemente não visto a essas profissionais do sexo, bem como na rede de assistência psicossocial.

Percebe-se que governo e sociedade civil não expressam atenção alguma a esse público no que tange ao cuidado da saúde física e psicológica, às políticas de qualidade de vida e mercado de trabalho, dois fortes fatores que se registrou como significativo na pesquisa, havendo necessidade de abordagens e intervenções. Assim, vão-se construindo e estabelecendo uma teia e uma trama, outrora tecida socialmente, com reflexos psicológicos, afetivos e emocionais, na vida das participantes da pesquisa. Configura-se uma mulher que apresenta dificuldades de vínculos afetivos de confiança e pertencimento, as histórias de cada

uma vão-se tornando (re)significadas, experienciadas em partes, compondo um todo. É uma busca por encontrar ou descobrir, criar ou recriar, um sentido ou, sentidos para a vida, na pluralidade das relações, nos seus diversos contextos e dimensões.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ALMEIDA, Luciane Pinho de. Para além das nossas fronteiras. Mulheres brasileiras imigrantes na Holanda. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ALMEIDA, N. Qual o sentido do termo saúde? Cad. Saúde Pública, Junho 2000, vol. 16, nº 2.

ALMEIDA FILHO, Naomar. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, 160 p. (Coleção Temas em Saúde)

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva**. Ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

ANDRADE, Ivanise. **Prostituição e exploração: comercialização de sexo jovem**. (2014) Disponível em <<http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ARAUJO, Tarcísio Patrício de, LIMA, Roberto Alves de. **Formação profissional no Brasil: revisão crítica, estágio atual e perspectivas**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n81/v28n81a12.pdf>, Acessado em: 16 de Maio de 2016.

ARGUS, Alfredo; PIANA, Maria Cristina; LIMA, Maria José de Oliveira (orgs.). **Serviço Social: trabalho e cotidiano**. São José do Rio Preto, SP: Raízes Gráfica e Editora, 2011.

ARIÈS, Phillippe; DUBY, Georges. **Do império Romano ao ano mil I**. Organização: Paul Veyne. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Coleção História da Vida Privada no Brasil).

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

BERGER, Peter. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1995.

BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Direito à vida: cidadania e soberania**. Fractal Revista de Psicologia, v. 20 – n.1, p. 149-164, jan./jun. 2008

BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Práticas psicológicas: enfrentamentos entre saúde pública e saúde coletiva**. Estudos de Psicologia, 15(3), set-dez, 269-276, 2010

BOCK, Ana M. B. **A Psicologia Sócio Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** Vários autores. Ana Mercês B. Bock, M. Graça M. Gonçalves, Odair Furtado (orgs.). Psicologia sócio histórica uma perspectiva crítica em psicologia. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. 163-178.

BOVE, Laurent. **Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BREAKWELL, Glynis M. **Métodos de pesquisa em psicologia.** Tradução Felipe Rangel Elizalde. Revisão técnica Vitor Geraldi Hasse. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CALLINICOS, A. **The resources of critique.** Cambridge, UK: Polity, 2006.

CARDOSO JR, José Celso; CUNHA, Alexandre dos Santos. (Org.). **Planejamento e avaliação de políticas públicas.** Brasília: Ipea, 2015.

CARTER, B., & McGoldrick, M. **As mudanças no ciclo de vida da família: Uma estrutura para a terapia familiar.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). **A Família Contemporânea em Debate.** São Paulo: EDIC/Cortez, 1995.

CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins. **Psicologia Sócio-Histórica e pesquisa/intervenção: constituição do sujeito e transformação social.** Psicologia Sócio - Histórica e Contexto Brasileiro: Interdisciplinaridade Transformação Social. Sueli Terezinha Ferrero Martin (org.). p. 113 - 124. Goiânia: PUC-GO, 2015.

CECCARELLI, Paulo Roberto. (2008). **Prostituição – corpo como mercadoria.** Mente & cérebro–sexo, 4.

CECARELLO, Carla. **Sexualmente.** Nós queremos discutir a relação. São Paulo: Editora Biblioteca 24 horas, 2011.

CHAUI, Marilena de Souza. **A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUI, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade.** São Paulo: Moderna, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Janelas da Alma, Espelhos do Mundo.** In: NOVAES, Adauto (org). O olhar. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CINTRA, Soraia Veloso. **As marcas da exploração e opressão das mulheres da indústria de calçados de Franca.** 1993. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1993.

_____. **A passos lentos:** o percurso das mulheres operárias na indústria de calçados: discriminação ou indiferença? 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2003.

_____. **Os desafios da gestão feminina no setor calçadista de Franca (SP) sob o olhar do serviço social.** Tese de doutorado. - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

CODO, Wanderley. **Relações de trabalho e transformação social.** In Silvia T. M. Lane (org). *Psicologia Social: O homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

CODO, Wanderley. **Por uma psicologia do trabalho:** Ensaios recolhidos. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20 de março 2016.

COLLIN, Denis. **Compreender Marx.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CURIA, Roberto; CÉSPEDE, Livia; ROCHA, Fabiana Dias da. **Vade Mecum Saraiva**/obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Luiz. 21 ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2016.

CRUZ, Lilian Rodrigues da; RODRIGUES, Luciana; GUARESCHI, Neuza M. F. **Interlocuções entre a Psicologia e a Política Nacional de Assistência Social.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Eugênia Maria e MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Território e Territorialidade:** abordagens conceituais. Governo Federal - Programa Universidade a Distância/UNIDIS, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil.** 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção repensando a história).

DUBY, Georges. (Org.). **Da Europa feudal à Renascença.** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Coleção História da Vida Privada, vol. 2)

_____. (Org.). **Da Renascença ao século das luzes.** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Coleção História da Vida Privada, 3)

_____. (Org.). **Da Primeira Guerra aos nossos dias.** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Coleção História da Vida Privada, 5)

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 10 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2006.

FLANDRIN, J.L. **Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

FRANCISCO, Elaine M. V.; ALMEIDA, Carla Cristina L. de. **Trabalho, território, cultura**: novos prismas para o debate das políticas públicas. São Paulo, Cortez, 2007.

FREITAS, M. T. **Ciência humanas e pesquisa**: leitura de Mikhail Bakhtin. 2. Ed. São Paulo, Cortez, 2007.

FREITAS, Maria Tereza, Solange Jobim e Souza, Sonia Kramer (Orgs.). **Ciência Humanas e pesquisa**: leitura de Mikhail Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época, 107)

FREITAS, H. M. R.; CUNHA, M. V. M., JR., & MOSCAROLA, J. **Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo**. Revista de Administração da USP, 32(3), 97-109, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GASPAR, M.D. **Garotas de Programa**. Prostituição em Copacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIPVANAZZO, Renata A. **Focus Group em pesquisa qualitativa**: fundamentos e reflexões. Revista Administração *On Line*, v. 2, n. 4, out-dez 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art24> Acesso em: 04 dez. 2014.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUARANA, Deborah. **O conceito histórico da infância**. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/o-conceito-historico-da-infancia>. Acesso em: 20 de março 2016.

HERNÁNDEZ-TRUYOL, B. E., & Larson, J. E. (2006). **Sexual labor and human rights**. Columbia Human Rights Law Review, 37, 391- 445. Disponível em: <http://scholarship.law.ufl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1226&context=facultypub>. Acessado em: 21 Fevereiro 2016

HIJAZ, Tailine. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** - Engels. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC. Disponível em: investidura.com.br/biblioteca-juridica/resumos/teoria-politica/4179. Acesso em: 20 Março 2016

HINKELAMMERT, Franz J. **Crítica da razão utópica**. Tradução de Silvio Salej Higgins. – ed. ampl. rev. Chapecó: Argos, 2013.

LACERDA, Tessa Moura. **As paixões**. Filosofias: o prazer do pensar. Coleção dirigida por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LANE, S. T. M. **A mediação emocional na constituição do psiquismo humano**. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. (Org.). Novas veredas da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense/ EDUC., 1995, p. 55-63.

LARA, Silvia Hunold (org.). **Ordenações Filipinas**. Livro V, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOPES, Ana Maria D'Ávila Lopes; ANDRADE, Denise Almeida de; SALES, Andréia da Silva Castelo Branco, (orgs.). **Exploração sexual de mulheres e crianças no turismo sexual**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

LUCKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo/SP: Boitempo, 2003.

_____. **A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Lech, 1979a.

_____. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979b.

MACEDO DA COSTA, G. **Indivíduo e sociedade**: sobre a teoria de personalidade em Georg Lukács. Maceió: Edufal, 2007.

MACEDO, Laura Christina. **Análise do discurso**. Uma reflexão para pesquisar em saúde. <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a15.pdf>> Acesso em: 27 janeiro 2016.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. (2010). **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano**: um estudo teórico da obra de Vigotsky. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. (2014). **A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito**. Psicologia & Sociedade. 26(2), 48-59.

MARTINS, Elaine Duim. **A mídia e a saúde do trabalhador**: a experiência de um sindicato na luta pela saúde - um estudo de caso. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1999. 168 p.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Trad. José Paulo Neto. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro primeiro – O processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Vol. I e II. 10ª ed. São Paulo: DIFEL, 1890.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital; Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____ e ENGELS. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4ªed. São Paulo, Hucitec, 1984.

MCGINN, Thomas A. J. **The Economy of Prostitution in the Roman World: A Study of Social History and the Brothel**. A study of social history and the brothel. Editora University of Michig, Canadá, 2010.

MEDEIROS, Patricia Flores de; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza M. F. **O conceito de saúde e suas implicações nas práticas psicológicas**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-dez 2005, v.21, n.3, pp. 263-269

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à Brasileira**: cinco histórias. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Violência e Saúde**. (online). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. <<http://books.scielo.org>>

MINAYO, M. C., DESLANDES, S. F., e NETO, O. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MINAYO, M.C.S. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública**. Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, v.10, supl. 1, p. 7-18, 1994.

MINAYO. M. C. S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. "A violência na adolescência: Um problema de saúde pública". IN: Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro: 6 (3), jul-set/1990.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método Marx**. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

NOGUEIRA, Daniel. **Spinoza e a arte**. Revista Conatus – Filosofia de Spinoza, v. 4, n. 8, dez. 2010.

NOVAIS, A. Fernando (Coord.). **Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Laura de Mello e Souza (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Coleção História da Vida Privada no Brasil, 1)

OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de et al. **A contribuição da Psicologia Sócio-Histórica na análise da produção conceitual de juventude**. Psicologia Sócio -Histórica e Contexto Brasileiro: Interdisciplinaridade Transformação Social. Sueli Terezinha Ferrero Martin (org.). p. 97-111. Goiânia: PUC-GO, 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, Editora Unesp, 2011.

PAIVA, L. L., ARAÚJO J. L., NASCIMENTO, E. G. C., & CARLOS, J. (2013). **A vivência das profissionais do sexo**. *Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES)*, 37(98), 467-476.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Pontes, 1997. Edição original: 1983.

PEREIRA, Cristina Schettini. **Que tenhas teu corpo**. Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Tese de doutorado – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campinas, 2002.

PERROT, Michelle. (Org.). **Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. (Coleção História da Vida Privada, 4)

PIERONI, Geraldo. **Excluídos do reino**: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotsky. São Paulo: Cortez, 2005.

PIOVESAN, A.M.W. et al. **A análise do discurso e questões sobre a linguagem**. Rev. X, v.2, p.1-18, 2006.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. In ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (orgs). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertacchia, 2009.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiros nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a categoria Mulher**. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/>>. Acesso em: out. de 2015.

PISCITELLI, Adriana. **On gringos and natives: gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil**. Vibrant, vol.1, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Estigma e trabalho sexual: comentários a partir de leituras sobre turismo sexual. Cáceres, Carlos; Careaga, Glória; Frasca Tim; Pecheny, Mario. (Org.). Sexulidad, estima Y derechos humanos: desafios para el aceso a la salud en América Latina. Lima: FASPA/UPCH, 2006.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. 2ª ed. São Paulo, 1890 – 1930. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2008.

REIS, José Roberto Tozoni. **Família, emoção e ideologia**. IN: LANE, Silva T. M. CODO, Wanderley (orgs.). Psicologia Social: o homem em movimento. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1989, p.99-124.

REY, A., 1993. **Dictionnaire Historique de la Langue Française**. Paris: Dictionnaires Le Robert.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1990.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ROMERO, Sonia Mara. **A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SABOIA, João (Coord.). **PROJETO PIB: Tendências da Qualificação da Força de Trabalho: UNICAMP, UFRJ**, 2009.

SANTANA, Vagner Caminhas; OLIVEIRA, Daniel Coelho de; MEIRE, Thiago Augusto Veloso. **Novos arranjos familiares: uma breve análise**. <http://www.efdeportes.com/efd177/novos-arranjos-familiares-uma-breve-analise.htm>. Acesso em: 19 março 2016.

SANTOS, Edyelk dos. **Perfil de ex-garotas de programa de Campo Grande**. Campo Grande: Edição do Autor, 2015.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão social: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan. **A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa.** In III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural (pp. 1-25). Campinas, SP, 2000.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia e Desigualdade Social: uma reflexão sobre liberdade e Transformação Social.** Psicologia & Sociedade, n. 21, v.03. p. 364-372. 2009.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia Sócio-Histórica: Interdisciplinaridade e Transformação Social** - uma reflexão teórica com Vygotsky sem fidelidade opressiva. Psicologia Sócio-Histórica e Contexto Brasileiro: Interdisciplinaridade Transformação Social. Sueli Terezinha Ferrero Martin (org.). p. 11 - 28. Goiânia: PUC-GO, 2015.

SAWAIA, B. B; MAGIOLINO, Lavínia L. S. As nuances da afetividade: emoção, sentimento e paixão em perspectiva. In: **Diálogos na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade** / Luci Banks-Leite, Ana Luiza B. Smolka, Daniela Dias dos Anjos, (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

SAWAIA, B. B. **Introdução: exclusão ou inclusão perversa?** In B. B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social (pp. 7-13). Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

SAWAIA, B. B.. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In B. B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social (7^a ed., pp. 97-119). Petrópolis, RJ: Vozes. 2007

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia e Desigualdade Social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social.** São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf>> Acesso em: 5 de janeiro de 2015.

SCARPARO, H. (Org.). **Psicologia e Pesquisa: perspectivas metodológicas.** Porto Alegre: Sulina, 2000.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses.** Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1994.

SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Claudio de Moura. **Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 563-624, jul./set. 2013

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus. **"Nossa Senhora da Help": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana.** Cad. Pagu, Campinas, n. 25, Dec. 2005. Disponível em <http://observatoriodaprostituicao.ifcs.ufrj.br/textos/nossa-senhora-da-help1.pdf>. Acesso em: 19 março 2016.

SILVA, Daniele Nunes Henrique, MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Dimensões (est)éticas e políticas da paixão entre Simone e Nelson.** Psicologia & Sociedade, 28(1), p.45-54, 2016.

SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição: artes e manhas do ofício.** Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2006.

SILVA, Joseli Maria. Culturas e Territorialidades Urbanas. Revista de História Regional, Ponta Grossa, vol. 5, nº 2, p. 9 – 36, Inverno de 2000. Disponível em: <<http://rhr.uepg.br/v5n2/joseli.htm>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2015.

SIMÕES, Carlos. **Curso de direito do serviço social**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”**: a “visão (apenas) de sobrevoos” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. Cidades, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 101-114, jan./dez., 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes da. **Em torno de um hífen**. Formação, Presidente Prudente, n. 15, v. 1, p. 159-161, jan./jul., 2008.

SOUZA, E. R. & MINAYO, M. C. S. (1995). **O impacto da violência social na saúde pública do Brasil: década de 80**. In M. C. S. MINAYO (org.). Os muitos Brasis - Saúde e População. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Hucite-Abrasco.

SPINOZA, Benedictus de. (1632 - 1677). **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SWAIN, Tânia Navarro. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica**. Unimontes Científica, v.6, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/anahita.htm>> Acesso em: 5 de janeiro de 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VAINFAS, Ronaldo. **Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista**. IN: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 254. (Coleção História da Vida Privada no Brasil, 1).

VITALE, Maria Amália Faller. **Família monoparentais: indagações**. In: Revista Serviço Social e Sociedade. nº 71. Ano XXIII, São Paulo: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L. S. (1930). **Sobre los sistemas psicológicos** (iné). In Obras escogidas, vol. 1, Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5 ed. – São Paulo: Martins Fonte, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madrid: Akal, 1990.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Manuscrito de 1929**. Trad. Alexandra Marenitch. Educação e Sociedade. UNICAMP, n. 71, 2000, p. 21-44.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XAVIER, Lúcia; SIMONETTI, Maria Cecília Moares; ARAÚJO, Maria José de Oliveira. **Monitoramento e Acompanhamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**. PNAISM. E do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Ministério da Saúde, 2015.

World Health Organization. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2005.

<http://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/> Acesso em: 05 de março 2016.

<http://dinhosheol.blogspot.com.br/2016/01/o-sexo-no-mundo-antigo-prostituicao-em.html>
Acesso em: 09 de fevereiro 2016.

<http://noticias.r7.com/reporter-record-investigacao/videos/mulheres-do-mangue-jovens-vendem-o-corpo-por-r-500-para-comprar-crack-no-recife-pe-18032016>

http://www.espacoacademico.com.br/038/38tc_callinicos.htm / Acesso em 22 de Janeiro 2016.

<http://www.sbpot.org.br/publicacoes/artigos//a-aposentadoria-sob-duas-perspectivas-e-o-exercicio-profissional-do-psicologo> / Acesso em 13 de Maio 2016.

<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/onde-ha-mais-excluidos-no-brasil>

http://pnud.org.br/IDH/DH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_DHHome

APÊNDICE A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara Participante,

O objetivo do presente **Termo** tem a finalidade de solicitar a autorização de V.S^a em participar da entrevista para coleta de dados a ser realizada para a pesquisa intitulada **Prostituição: Trabalho e Percursos Afetivos**, no Programa de Mestrado em Psicologia - Área de Concentração Psicologia da Saúde da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande MS. A entrevista deve-se realizar de forma grupal e voluntária, será gravada em aparelho adequado em dia, horário e local previamente combinado e aceito entre a pesquisadora e cada participante da pesquisa. Fica esclarecido que a referida pesquisa não oferece riscos para a participante, uma vez que seu nome não será divulgado e os dados coletados serão tratados unicamente pela pesquisadora e a Orientadora para uso exclusivo de análise e construção de Relatório da Pesquisa e caso a participante, em que momento for, se sentir desconfortável, tiver alguma dúvida ou considerar que não deseja mais participar da pesquisa poderá fazer contato com a pesquisadora e orientadora por meio dos contatos abaixo e solicitar sua desistência em participar da mesma. A pesquisadora se compromete a zelar pela confidencialidade das informações coletadas, imagens e a preservação dos dados, sendo que a divulgação pública dos dados somente ocorrerá caso a participante deseje e autorize. Os procedimentos obedecem ao que preconiza a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), em consonância com o estabelecido na Resolução 196, de 10 de outubro de 1996 (BRASIL, 1996). Ressaltamos que a realização da pesquisa de abordagem qualitativa visa compreender como se configura a afetividade na vida e trabalho frente ao fenômeno da prostituição na sociedade contemporânea. Espera-se que os resultados possam oferecer elementos para sugerir alternativas de saúde física e psicológica da mulher profissional do sexo, políticas de qualidade de vida e mercado de trabalho; contribuir com alternativas de ações que podem ser levadas para a Fundação de Assistência à Pessoa Humana – FUNASPH de Campo Grande em forma de devolutiva à população participante e suscitar novos estudos sobre a temática, considerando que existe um público significativo de mulheres que encontram-se na prática da prostituição sexual.

Dados da Participante

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

Campo Grande-MS, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura da Participante

Pesquisadora: Sandra Aparecida Campos Cintra Magalhães
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários Universidade Católica Dom Bosco

Fone: (67)8111-9885, email sandracintra22@gmail.com

Orientadora de Mestrado: Profª Drª Luciane Pinho de Almeida
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários Universidade Católica Dom Bosco
Fone: (67)3312-3352